

AGOSTO/2000 - Nº 620 - ANO 56 - R\$ 5,50
www.agranja.com

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL



PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

- ▶ **Frio e seca castigam a safrinha**
- ▶ **Seguro agrícola abre novas fronteiras**
- ▶ **Border Collie, o melhor amigo do homem do campo**

BONS VENTOS PARA O TRIGO NO BRASIL



EDITORA
CENTAURUS



“Ao mesmo tempo que colhe bons resultados no campo, você colhe as informações que precisa da cidade.”

Para quem tem um Globalstar, estar longe não significa estar isolado. Se o seu negócio se encontra em lugares distantes dos sistemas de telefonia, fixa ou celular, Globalstar é a sua garantia de estar sempre em sintonia com as melhores oportunidades de bons negócios. Sem contar com os produtos e serviços que podem ser solicitados a qualquer hora, de qualquer lugar, de acordo com a sua conveniência. E tem mais: Globalstar é fácil de usar e você pode ter uma linha de celular no mesmo aparelho, para utilizar quando estiver próximo aos centros urbanos. Por mais longe que você vá, não fique fora de alcance. Ligue agora mesmo e peça o seu aparelho. Globalstar, de longe a melhor comunicação.



Globalstar



Você sempre perto.



www.globalstar.com.br

Ligue agora:

0800 701 10 30

Cobertura no Brasil: Região Centro-Sul e Nordeste - em funcionamento. Região Norte - dezembro/2000.

A serviço da agricultura

O engenheiro agrônomo *Ciro Petrere*, nascido no município de *Pilar do Sul/SP* em 1964, casado, não poupa palavras quando o tema está ligado a agricultura ou a pesquisa. Como ele faz questão de enfatizar, são assuntos apaixonantes. Especialmente a cultura do trigo. O pesquisador revela-se um árduo defensor do cereal. A sua decisão de seguir este caminho e trabalhar com agronomia tomou tal proporção quando vislumbrou a possibilidade de poder contribuir com a melhoria de vida do agricultor brasileiro, além de já perceber, na época, as restrições tecnológicas para o desenvolvimento sustentável da agricultura nacional. Formado pela Universidade Estadual

de *Ponta Grossa/PR* em agosto de 1991, com mestrado em *Ciência do Solo* em 1996/98, desenvolvendo projeto de pesquisa com calagem em área de campo nativo sob plandio direto, ingressou no quadro de pesquisadores da *Fundacep* em outubro de 1991. A empolgação e engajamento daque-

le jovem estudante ainda estão presentes com a mesma intensidade. São a tônica do seu dia-a-dia. Além da dedicação aos experimentos práticos, dias de campo, consultas técnicas na propriedade e até telefônicas, palestras pelo País, encontra espaço na sua rotina diária para atuar como sócio da *Sociedade Brasileira de Ciência do Solo*, na linha de frente da *Comissão de Fertilidade do Solo do Núcleo Regional Sul*.



Agrônomo Ciro Petrere, da Fundacep/Fecotrigo: as informações geradas pela pesquisa não estão chegando ao conhecimento do produtor rural

A Granja — Quando e como foi fundada a Fundacep? Quais seus objetivos?

Ciro Petrere — A Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa Fecotrigo - Fundacep/Fecotrigo, iniciou suas atividades em 1969 com o nome de Plano Acelerado de Melhoramento de Trigo, através de um Convênio entre a Fecotrigo e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1971, estabeleceu-se em Cruz Alta, numa área de 533 hectares. Em 1989 foi transformada em fundação, assumindo o nome atual. Além de sua sede em Cruz Alta, instala trabalhos em 12 diversas partes do Estado, e realiza dezenas de demonstrações em propriedades rurais.

A Fundacep tem como missão básica gerar informações que levem em conta a propriedade rural como um todo; indicar

alternativas que diminuam os riscos e custos de produção; encontrar tecnologias (variedades, culturas, sistemas de rotação, produtos fitossanitários, adubos, etc.) que preservem e recuperem o solo, nos aspectos físicos, químicos e biológicos, e que diminuam o impacto ambiental, através da redução do uso de adubos solúveis e de agrotóxicos. Para isso, a Fundacep atua no melhoramento genético de trigo,

triticale, milho, soja, aveia, ervilhaca e crotalaria juncea. Desenvolve também atividades de pesquisa nas áreas de entomologia, fitopatologia, plantas daninhas, manejo da fertilidade do solo, microbiologia do solo e integração lavoura-pecuária. Sua equipe é atualmente constituída por dois doutorandos, nove pesquisadores pós-graduados, um mestrando e um graduado, que desenvolvem 32 projetos, com um total aproximado de 300 experimentos por ano, nas áreas citadas.

A Fundacep corresponde a um universo de 150 mil produtores

Apesar de ser fundação privada, a Fundacep atua como uma instituição pública, atendendo indistintamente pequenos e médios produtores rurais. Mantém um relacionamento mais estreito com 40 cooperativas agrícolas gaúchas, suas mantenedoras, compostas por um universo de aproximadamente 150 mil agricultores. Cerca de 85% deste total é formado de pequenos e médios proprietários, com áreas entre 5 a 200 hectares. A atuação destas cooperativas influencia de alguma forma uma área de cerca de 4 milhões de hectares. Estas cooperativas contribuem com 50% a 60% da produção de grãos (soja, trigo, milho e feijão), de leite, frangos, ovos e suínos do Rio Grande do Sul. Junto a estas cooperativas, trabalham 288 engenheiros agrônomos, 40 veterinários e zootecnistas e 350 técnicos agrícolas.

Para execução de seus trabalhos, a Fundacep recebe o aporte financeiro das cooperativas mantenedoras, através de contribuições mensais, bem como de recursos gerados pela sua atividade interna, tais como, produção de sementes e de grãos industriais, e de prestação de serviços, como análise de solos, de fertilizantes e corretivos, de água e tecido vegetal, análise de sementes de qualquer espécie e da qualidade industrial de farinhas. Em termos técnicos, mantém convênios com diversas empresas e órgãos em nível nacional e internacional como o CIMMYT (México), CIRAD (França), COODETEC (Paraná), entre outras.

P — Qual a sua função dentro da entidade?

R — Inicialmente, tive a responsabilidade de desenvolver e incentivar a adoção da cultura do milho dentro do sistema de rotação de culturas em plantio direto, para dar sustentação ao sistema. Durante esse período, trabalhamos mui-

to com abertura de trincheiras para demonstrar os benefícios do sistema radicular do milho, no que diz respeito à reciclagem de nutrientes, melhoria da estrutura e infiltração de água no solo. Esta fase se encerrou com a realização, em Cruz Alta, do IV Encontro Nacional do Plantio Direto na Palha, em 1994. A partir daí, começamos a trabalhar com o desenvolvimento de experimentos de respostas às adubações das culturas dentro do sistema de rotação de cultura. Atualmente, fazemos trabalhos relacionados à utilização de culturas e adubações dentro de sistemas de produção. Além desta linha de pesquisa, está sob minha responsabilidade técnica o laboratório de análises de solo, tecidos, corretivos e adubos da Fundacep.

P — Falando especificamente sobre sistemas de produção, qual a importância de o agricultor investir na safra de inverno?

R — Seria pela possibilidade de obter um retorno econômico com as culturas de inverno e não ficar na dependência exclusiva de entrada de capital na safra de verão.

P — Por que as culturas de inverno são essenciais no sistema de rotação de culturas?

R — Antes de tudo, a base do desenvolvimento do sistema plantio direto está relacionada com a permanente cobertura do solo e a manutenção de palhada na superfície. Nesse contexto, as culturas de inverno são essenciais para que esse objetivo seja alcançado. Além disso, o desenvolvimento de diferentes espécies dentro do sistema de rotação permite a reciclagem de nutrientes no solo, quebra o ciclo de pragas e doenças e aumenta a produtividade do sistema como um todo.

Cultura de inverno rentável é uma opção para minimizar custos

P — Os produtores estão acreditando mais em culturas alternativas, como a cevada, aveia e canola, por exemplo?

R — A questão não é de acreditar ou não em alternativas de inverno, o importante é desenvolver uma alternativa rentável durante a safra de inverno para diminuir os custos fixos da propriedade, a qual permita a utilização dos equipamentos e maquinários durante todo o ano e não apenas na safra de verão. Diante disso, o desenvolvimento de culturas de inverno

rentáveis é uma opção viável para minimizar custos. Além disso, permite desenvolver sistemas de cultivo priorizando o manejo do solo como um todo.

Quem tem o solo protegido da erosão pelo PD tem à mão um trunfo

P — Na safra de inverno, quais são as opções rentáveis para o produtor? Por quê?

R — Dentro do desenvolvimento de sistemas de produção, existem diversas opções "rentáveis" para o produtor. Vamos inicialmente exemplificar alternativas de culturas de adubação verde visando a cultura do milho: a utilização de leguminosas no inverno, como a ervilhaca, ervilha forrageira, tremoço, o consórcio de leguminosas com gramíneas, onde destaca-se a ervilhaca + aveia, e outras alternativas, como o nabo forrageiro, nabo + aveia, permite uma redução de 50% a 75% do recomendado em adubação nitrogenada para a cultura do milho. Outras alternativas de produção de grãos, como a cevada, canola e aveia-branca, são fundamentais para a elevação e manutenção dos teores adequados de nutrientes no solo, através da utilização de adubações racionais, possibilitando reduções significativas de adubações na cultura da soja.

Não existem mais dúvidas de que aquele produtor que tem seu solo protegido da erosão pelo plantio direto, reestruturado em sua base física, implementado em sua atividade macro e microbiana, tem à mão um trunfo que pode decidir a seu favor a produção e a rentabilidade do trigo e das outras culturas.

Além disso, levantamentos realizados pela Fundacep demonstram que em torno de 50% dos produtores gaúchos podem privilegiar a adubação nitrogenada e melhorar conseqüentemente a qualidade do trigo produzido, em detrimento do fósforo e potássio, já que ao atingirem o nível crítico desses nutrientes no solo, a probabilidade de obterem resposta pela adubação com estes elementos é muito baixa. Para os demais, programas especiais de recuperação da fertilidade serão necessários para melhor rendimento da cultura. Neste sentido, inserir o trigo num esquema de rotação, no qual ele é semeado logo após as culturas recicladoras de outono, como guandu-anão, crotalarias, feijão-de-porco, nabo forrageiro, entre outras, resulta numa possibilidade concreta de sucesso e de lucros com o trigo. Re-

sultados de vários estudos na Fundacep têm demonstrado aumentos de até 25% devido a esta sistemática, tendo como média 10%. Com a introdução destas culturas, o solo torna-se naturalmente mais fértil e apto para dar ao trigo boa parte dos nutrientes de que ele necessita. A adubação prevendo um sistema de rotação e não a cultura isoladamente também é outra alternativa que possibilita melhorar as áreas mais fracas, adubando-as em maior quantidade e com nutrientes em deficiência.

Cada 15 a 20 hectares de trigo poderiam gerar um emprego

P — Neste contexto, como entra o trigo? Por que ele é tão importante economicamente?

R — Para se ter uma idéia, em nível mundial o trigo é a cultura de grãos com a maior produção anual, atingindo em torno de 600 milhões de toneladas de um total de 1.884 milhões de toneladas de grãos. O valor deste trigo deve atingir cerca de US\$ 105 bilhões. Falando mais especificamente sobre o Brasil, deve ser lembrando que está ocorrendo a maior taxa de desemprego da história e que cada 15 a 20 hectares de trigo na cadeia produtiva poderiam gerar um emprego e agregar aproximadamente duas vezes o valor obtido com a produção. No caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, a diminuição de 800 mil hectares de área nos últimos 10 anos refletiu diretamente no fechamento de 40 a 50 mil empregos diretos, sem falar de que deixaram de circular anualmente em torno de R\$ 213,5 milhões, sobre o qual o Estado poderia ter recolhido R\$ 27,7 milhões em ICMS.

P — Tecnicamente falando, quais as grandes deficiências de nossa lavoura, em comparação com o trigo da Argentina ou do Canadá, por exemplo?

R — Uma questão que deve ser esclarecida é quanto às exageradas altas produções que freqüentemente são divulgadas no que diz respeito ao desempenho da cultura do trigo em outros países. Na verdade, os rendimentos médios são próximos aos do Rio Grande do Sul. Por exemplo, na Argentina a produtividade média é 2.100kg/ha. Na Rússia, 4º maior produtor do mundo, com 44,0 milhões de toneladas, a produtividade é de 1.500kg/ha, portanto menor que a gaúcha. Na Austrália, com 19 milhões de

toneladas produzidas, sendo o 6º maior produtor mundial, o rendimento médio, de 1.700kg/ha, é muito semelhante ao do Rio Grande do Sul. Nos Estados Unidos, com toda a qualidade de seus solos e com as inúmeras vantagens que possuem em termos de subsídios e menores encargos, o rendimento médio é de 3.400kg/ha, incluindo os trigos de inverno. No estado de Illinois, é de 3.000kg/ha, e este, a exemplo do Rio Grande do Sul e Paraná, no Brasil, disputa as maiores produções de soja e milho dos Estados Unidos com o estado de Iowa. Muitos produtores do Estado atingem freqüentemente estes níveis de rendimento sem estarem privilegiados com subsídios. Nos países da Comunidade Européia, os rendimentos são realmente altos (5 a 6t/ha). No entanto, praticamente todo trigo produzido em pequenas propriedades com subsídios que atingem entre US\$ 300 a US\$ 500 por hectare, dependendo do país. Neste caso, o alto custo é pago com a produção, e o lucro certamente são os subsídios.

Programamos uma sistemática para o repasse dos resultados

P — Em linhas gerais, o que o produtor rural pode esperar da pesquisa?

R — De maneira geral, a pesquisa tem conseguido desenvolver alternativas tecnológicas, tanto na obtenção de novos cultivares, como nos tratamentos culturais para viabilizar a cultura. O que de fato está acontecendo é que as informações geradas pela pesquisa não estão chegando ao conhecimento do produtor. Programamos uma sistemática para o repasse imediato dos resultados alcançados para o grupo de extensionistas das cooperativas. Primeiramente, há uma ação no sentido de se efetuar um fluxo permanente entre a Fundacep e os produtores. Isto é possível porque cada pesquisador é responsável por um grupo de 4 a 5 do total das 40 cooperativas ligadas à Fundacep. Seguindo-se um cronograma predeterminado, a cada mês um dos pesquisadores visita o seu grupo de cooperativas, levando as informações dos principais avanços obtidos e, ao mesmo tempo, trazendo para a Fundacep as necessidades de novas demandas levantadas a campo. Desta forma, num sistema de rodízios, as informações transitam diretamente pelo menos entre 8 a 10 vezes por ano. Afora este contato mais pessoal, são administrados treinamentos aos técnicos em diversas ocasiões durante o ano,

conforme as demandas constatadas e indicadas pelas próprias cooperativas ou outras organizações. Isto também é possível pelo estabelecimento de um calendário anual de atividades distribuídos às entidades no mês de dezembro de cada ano. Este calendário prevê ainda dias de campo na Fundacep e em áreas demonstrativas montadas nas cooperativas, as quais têm uma participação de 5 mil pessoas por ano, conforme experiências anteriores. Os pesquisadores realizam também palestras específicas sobre os assuntos de interesse pontual, que no último ano foram em número de 105, com 14.650 participantes. A Fundacep repassa aos técnicos informações através de um boletim intitulado "Informativo Fundacep", dando preferência para aqueles aspectos que têm caráter de urgência, em função da influência imediata que poderão exercer sobre o processo produtivo, embora os resultados ainda não sejam conclusivos. Nos últimos dois anos, já foram expedidos 14 informativos. Artigos em jornais (principalmente "O Interior"), dirigidos especialmente aos produtores rurais, como também em revistas especializadas, entrevistas em rádio e televisão, juntamente com consultas telefônicas, são meios de divulgação muito importantes das tecnologias geradas.

As pesquisas devem ser conduzidas dentro do sistema PD

P — Neste novo milênio, qual o futuro da agricultura brasileira e da pesquisa em geral?

R — No nosso ponto de vista, achamos que todas as atividades de pesquisa devem ser conduzidas dentro do sistema de plantio direto, junto com a rotação de culturas. Isto porque constituem-se em técnicas eficazes para reverter a situação difícil em que se encontra atualmente a agricultura e conseqüentemente os agricultores. A partir da base do plantio direto, se busca um sistema de produção onde culturas de grãos se sucedem, de uma forma organizada, com culturas protetoras de solo e recicladoras de nutrientes, resultando em influências positivas recíprocas. Com estas melhorias, aliadas à atividade biológica do solo e suas influências sobre o meio, possivelmente se obterão resultados de rendimento de grãos com menor custo e riscos de produção. Acreditamos que este seja o caminho para a agricultura do futuro. 

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO

Adriana Melo Langon (editora), Gustavo de Castro Paes (repórter), Nêmora Pereira Lisboa (estagiária), Iara Salin Gonçalves (revisora). Colaboraram nesta edição: Arnaldo de Sousa, Fábio de Moraes Hosken, Luiz Vicente Gentil, Carlos Felipe Mascarenhas Nassif, José Maurício de Toledo Murgel

PRODUÇÃO

Renato Fachel (supervisor),
Jair Marmet (edição eletrônica)

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar,
CEP 01045-001, São Paulo/SP,
fone (11) 220-0488, fax (11) 220-0686,
e-mail: granjasp@mandic.com.br

Home page <http://www.agranja.com>
José Geraldo Silvani Caetano (gerente de comercialização) e Rodrigo Martelletti (contato comercial)

RIO GRANDE DO SUL

Av. Getúlio Vargas, 1526,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (51) 233-1822,
e-mail: mail@agranja.com
Home page <http://www.agranja.com>
Patrícia Cintra Tosmann (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade

RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Teófilo Otoni, 15/913, Centro, CEP 20090-080, Rio de Janeiro/RJ, fones (21) 518-8308, (21) 518-8402, fax (21) 283-1661, celular (21) 9958-2869, e-mail: lobato@ism.com.br

MINAS GERAIS - José Maria Neves, Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222, conj. 105, Luxemburgo, CEP 30380-530, Belo Horizonte/MG, fone/fax (31) 297-8194, fone (31) 344-9100, celular (31) 9993-0066, e-mail: jmneves@uai.com.br
BRASÍLIA - Mídia Real Publicidade Ltda., SRTVS Qd. 701, bloco 1, ed. Assis Chateaubriand, sala 715, CEP 70340-906, Brasília/DF, fone/fax (61) 223-3118, fones (61) 321-4831, 321-0141, 321-9784, e-mail: midiareal@ig.com.br

Convênio editorial: La Chacra (Argentina).

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1526,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (51) 233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 6,00

Para assinar
A GRANJA
LIGUE
(51) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

12 TRIGO: perspectivas para a triticultura nacional

26 SEGURO AGRÍCOLA: seguradoras estão atentas a este novo negócio

34 SAFRINHA: seca e frio devastam o milho

44 ANIMAIS SILVESTRES: Brasil começa a investir na produção de emas

48 BORDER COLLIE: a raça ideal para a lida campeira

53 MOTORES NO CAMPO: conheça os principais tipos e suas vantagens



60 ARROZ: Irga implanta unidades demonstrativas para aumentar produtividade

66 REVISTA CHACRA: fique por dentro do agro da Argentina

68 AGRICULTURA & MEIO AMBIENTE: a cultura das plantas medicinais

69 PLANTIO DIRETO NEWS: sistema está consolidado no País



NOSSA CAPA

Os trigaes mostram clima favorável para o cultivo do cereal, o que acabou refletindo em um aumento de área, principalmente no Rio Grande do Sul, impulsionado pelas projeções de um mercado mais estável e firme

SEÇÕES

Aconteceu	7
Aqui está a solução	8
Cartas, Fax, E-Mails	10
Eduardo Almeida Reis	11
Safras Protegidas	67
Agribusiness	74
Flash	78
Ciência e Tecnologia	80
Novidades no Mercado	81
Ponto de Vista	82

Seca & Geadas

Primero a seca. Depois a geada. Em várias regiões do Brasil, a seca devastou as plantações. Não exatamente todas as regiões que sofreram a seca também tiveram a presença do excesso de frio.

Os prejuízos, incalculáveis.

As seguradoras dizem com realismo pragmático que nada melhor do que um grande incêndio para fazer as pessoas buscarem proteção sob o manto de uma apólice de seguro.

Pois, todo mundo sabe que o Brasil, um país com sol inclemente, está a quilômetros de distância de uma tecnologia chamada irrigação.

O fator predominante deste atraso deve-se, ao que tudo indica, a nossa cultura da imprevidência. Uma fábrica tem telhado, tem paredes, tem piso. Quase sempre tem acessórios contra o frio e calor, assim como quase sempre tem extintores de incêndio, água por perto e bombeiros, que teoricamente devem estar a postos com seus recursos, para enfrentar eventualidades adversas.

Pois bem, a indústria da agricultura, em sua quase totalidade, não tem linha de defesa. Bateu a seca ou a geada, e é aquele desastre.

Ora, por tudo isto, a irrigação, em suas variáveis de equipamentos, se faz necessária, e seu desenvolvimento merece de todos uma atenção mais acurada.

Silo, fenação e silagem

Todos os que lêem esta página sabem da insistência em mostrar que o silo na propriedade é algo primordial. Tivessem os agricultores gaúchos uma boa bateria de silos nas suas propriedades rurais, por certo não estariam amargando de maneira tão violenta o baixo preço do arroz. Mais uma vez, fica demonstrado de forma dramática que não adianta só produzir. O produtor precisa pensar e agir em função da comercialização. E aí entra o silo, com toda a sua força de defesa.

Por outro lado, nada melhor que uma boa geada para mostrar o quanto vale a previdência da silagem e do feno.

Aliás, neste sentido, além dos

tradicionais fabricantes de implementos direcionados para a fenação, agora também os grandes fabricantes de tratores e colheitadeiras estão dando uma atenção especial para este nicho de mercado, percebendo que o produtor rural está cada vez mais realista e tomando posição de evitar perdas a todo custo. Sem dúvida, uma atitude de realismo pragmático. Produzir com grande fator de risco é pedir para perder.

A importância do agronegócio

Pouco a pouco, o governo, a imprensa e até mesmo os próprios agricultores vão se dando cada vez mais conta da importância da agricultura como fator de negócios.

Esse tipo de consciência nada tem a ver com o eterno e demagógico papo dos políticos de que a prioridade é a agricultura.

Isso tem a ver com números. Dizer que nosso PIB se compõe de 40% de agronegócios não é uma simples frase de efeito ou constatação vazia.

É, sim, uma realidade.

Outra realidade que precisa ser constantemente registrada é que pequenas propriedades rurais onde vivem pessoas não-vocacionadas para o ofício de plantar e colher, sem acesso tecnológico, não têm perspectiva de desenvolvimento.

Basta avaliar com seriedade este dado: o Brasil, em extensão territorial, é pouco menor que os Estados Unidos. As áreas agricultáveis se equivalem.

Porém, os Estados Unidos têm apenas 2 milhões e duzentas mil propriedades rurais. O Brasil tem mais do dobro cadastradas. São 5 milhões, fora aquelas que não constam nos registros oficiais.

Progresso começa com luz

É preciso levar tecnologia ao homem do campo. E a tecnologia começa com a luz. No entanto, 30% das propriedades rurais brasileiras não possuem luz elétrica. É um dado brutal.

Afinal, quase um terço da propriedade brasileira não tem o básico para uma sobrevivência com dignidade.

Luz significa progresso e progresso significa aumento de renda.

Significa fixação do homem ao seu trabalho e lazer. Sim, lazer. Afinal, não se pode mais exigir que o homem, e principalmente a mulher, não tenha mais o direito ao rádio e à televisão.

Fala-se muito, faz-se quase nada.

Fala-se muito em redistribuição de renda, dos excluídos, da pobreza crônica e outros manjados chavões.

E, ninguém fala, nem direita, nem esquerda, nem terceira via, sobre o fato de que, no Brasil, 25% da gravidez acontece até os 15 anos de idade.

Ninguém fala sobre o que isto significa para a sociedade como um todo, em termos financeiros, econômicos, sociais e psicológicos.

Planejamento familiar é algo que não está no cardápio de nossas necessidades. É incrível. Enquanto isso, cada vez mais nasce gente precocemente, sem a mínima condição. É uma devastação.

Transgênicos

Finalmente o governo, com o atraso de sempre, posicionou-se sobre o assunto.

Esta página colocou-se há muito tempo a favor dos transgênicos, assim como da agricultura convencional e dos produtos ecológicos.

Defendemos, sobretudo, o direito de escolha do produtor e do consumidor.

15ª Edição

Por ocasião da EXPOINTER, nesta dobrada do mês com setembro, vai aparecer a 15ª edição d'A GRANJA DO ANO, único anuário do setor de agronegócios.

Vai mais uma vez mostrar quem são os 25 vencedores que conquistaram a eleição, voto a voto, do Destaque A GRANJA DO ANO/2000.

Antecipamos que nesta década e meia há muitas repetições. Por outro lado, também um bocadinho de mobilidade. Apenas três empresas vão subir ao pódio pela décima quinta vez. Quem são? Você vai saber ao ter o anuário em mãos. 

Como iniciar uma criação de codornas

“Estava procurando na internet algo que falasse sobre criação de codornas, pois minha família comprou um sítio e estamos muito interessados em iniciar uma criação, quando encontrei o site de vocês. Adorei o site da revista **A Granja**, que é realmente uma publicação muito interessante. Tentei localizar tal assunto, mas não encontrei e gostaria de saber se vocês poderiam me ajudar... Conto com sua atenção e agradeço desde já.”

Juliana Rosa
Julianarosa.vales@bra.xerox.com.

R — Segundo o livro “Criação Doméstica de Codornas”, de autoria de Irineu Fabichak, publicado pela Editora Nobel, dependendo dos objetivos, existem diversos processos criatórios da codorna doméstica. Se a criação é caseira, feita para distrair a família e fornecer carnes e ovos, redundará em lucro e deve ser encarada por um prisma. Caso a criação seja industrial, deve ser encarada de outra maneira. O espaço necessário para uma criação caseira é insignificante, se compararmos com o que exige uma galinha, por exemplo. Basta dizer que, no espaço médio ocupado por uma galinha, pode-se colocar 42 codornas. Supondo que sejam 21 fêmeas e 21 machos, teremos diariamente 21 ovos (que pesam de 10g a 12g cada um). Isso quer dizer que cinco ovos de codorna correspondem a



Divulgação

um ovo de galinha (que pesa de 50g a 60g). Assim, a criação de codornas fornece o equivalente a quatro ovos de galinha. Para principiar, a prática recomenda que se opere com seis casais de boa procedência, os quais poderão fornecer de 100 a 150 codornas gordas por mês, depois de quatro meses, o que não deixa de ser ótimo negócio, considerando-se o preço da carne e dos ovos. Um compartimento que meça 4x4 metros e que tenha janelas com boa ventilação, sem vento encaçado, é suficiente para iniciar uma criação do tipo caseiro. Deve-se preparar as instalações, que consistem em

baterias para reprodutores, baterias para engorda, criadeira para as codorninhas e incubadeira (se a intenção é incubar os próprios ovos). A incubação pode ficar a cargo de uma empresa especializada, o que é mais racional. Tratando-se de criação industrial, o compartimento inicial deve abrigar, pelo menos, 12 a 24 casais. Começar com esse pequeno lote, a fim de ir aprendendo o manejo. Na medida em que o aprendizado avança, a criação deverá se expandir. Se quiser conseguir maiores informações, ligue para a Livraria e Editora Agropecuária, pelo fone (51) 480-33-09.

Chá de fruta

“Somos uma empresa que realiza pesquisa de mercado em diversos segmentos, inclusive agropecuário. No momento, desejo obter informações sobre o mercado de chás de fruta. Existe alguma matéria

sobre esse assunto?”

Edna Prado Gonçalves
tcapesq@osite.com.br

— Infelizmente, ainda não publicamos na revista **A Granja** nenhuma reportagem tratando do assunto. Entendemos, por outro lado, que o tema é uma ótima sugestão de

pauta para as próximas edições. Mas, de qualquer maneira, a Emater/RS pode lhe auxiliar. O e-mail deles é: ender@emater.tche.br, e o fone para contato é (51) 233-3144.



Pimenta-longa

“Gostaria de obter maiores informações sobre o cultivo de pimenta-longa.”

Cléber Jessé Batista
Sorriso/MG

R — De acordo com o técnico Nozomu Makishiana, da Embrapa Hortaliças, localizada em Brasília/DF, a pimenta-longa é uma espécie de planta nativa da região do cerrado e norte do País, ou seja, da região tropical. Existem várias espécies. São utilizadas para a extração do safrol, um óleo essencial que é extraído das folhas e ramos finos depois de secos. O nome técnico da pimenta-longa é *Piper hispidinervum*. O plantio é feito por mudas formadas em copinhos de papel ou plástico. Em cada copinho, coloca-se de três a quatro sementes. Quando as plantinhas estiverem com 2cm a 3cm de altura, deve-se fazer o raleio, deixando uma muda por copinho. O plantio da muda é feito quando ela estiver com 5cm a 6cm de altura. Deve-se fazer uma cova com 20cm a 30cm de largura, comprimento e profundidade. A adubação deve ser feita com base na análise do solo. Na hora do plantio, deve-se retirar o copinho, se ele for de plástico. O espaçamento entre covas é de 1m a 1,20m. A colheita é feita quando as plantas atingirem 1,50m a 1,70m de altura, cortando-se as hastes a 0,40m de altura. Uma vez cortadas, deve-se separar a haste principal das secundárias. A haste principal e as folhas são postas a secar protegidas do sol direto e chuvas. O óleo é extraído por destilação das folhas e ramos secos. Depois da extração, faz-se a filtragem e acondicionamento, em tambores de aço. Para obter informações adicionais, basta consultar Nozomu Makishima, que trabalha na Área de Comunicação e Negócios da Embrapa Hortaliças.

Máquina automotriz



“Revisando a edição especial da revista **A Granja**, do mês de junho de 1998, encontrei na página 46 a automotriz Maral modelo 125, na qual gostaria de obter maiores informações e o e-mail, para entrar em contato com os representantes da mesma.”

Eng. agr. **Guilherme Duarte**
granjasp@osite.com.br

R — Para conseguir maiores informações sobre a automotriz, basta entrar em contato com a Interplan Agropecuária Ltda., localizada na Rua São Pedro, 2814, CEP 18460-000, Itararé/SP, fone (15) 532-2718/532-4688, fax (15) 532-3488; ou pelo e-mail: hammer.interplan@t-online-br.

Informações sobre cataventos

“Desejo obter informações sobre empresas que constroem cataventos para bombeamento de água.”

Carla Regina Guimarães
Zuquetto
taia@onda.com.br

R — Carla Regina, vamos listar algumas empresas que fabricam bombas, bombeamentos e cataventos no País:

Bombas Leão S/A, Via Sebastião Fioreze, 400, CEP 14730-000, Monte Azul Paulista/SP, fone (17) 361-1101/1538, E-mail: bombasleao@leao.com.br, Site: www.leao.com.br.

Bombas Rochfer, Av. José da Silva, 3765, Cx. Postal 194, CEP 14405-391, Franca/SP, fone (61) 722-



Divulgação

9411, fax (16) 722-9440.

Cataventos Kenya Ltda., Rodovia RS-130, km 14, Bairro Lajeado, CEP 85960-000, Encantado/RS, fone (51) 751-1750.

Cultivo de palmeiras

“Sou produtor rural da cidade de Taubaté/SP, e leitor da revista **A Granja**. Venho solicitar informações sobre o plantio de árvores, palmeiras, e onde adquirir sementes destas plantas no Estado.”

José Carlos de Paulo Lico
Taubaté/SP

R — Conforme o pesquisador Paulo Ernani Ramalho Carvalho, da Embrapa Florestas, de Colombo/Paraná, existem 200 espécies de palmeiras no Brasil. Segundo ele, as sementes das palmeiras a serem colocadas para germinar são previamente preparadas, a fim de que a germinação ocorra melhor e mais rapidamente. Para isso, deve-se retirar a casca e a polpa que envolve a semente, chamada de caroço ou coquinho, num trabalho semelhante ao despolpamento. As sementes de frutos recém-colhidos, já limpas, podem ser semeadas de imediato, o que, portanto, pode ser feito em qualquer época do ano. O meio usual de semeadura e de eficiência satisfatória é representado por areia lavada de rio ou pela terra vegetal com que são preenchidos os vasos de plantas ornamentais. O tempo necessário

para germinação das sementes depende principalmente da espécie de palmeira. Algumas espécies demandam apenas semanas, mas outras demoram até vários anos. Influem também a idade e a temperatura do ambiente onde elas são semeadas.

As mudas devem ser transplantadas para recipientes com capacidade para 20 litros, onde deverão permanecer até o plantio no local definitivo, depois de um ou mais anos. As palmeiras podem ser plantadas no local definitivo em qualquer época do ano. Contudo, os meses quentes e chuvosos são os mais indicados, por apressarem o desenvolvimento das plantas.

O plantio é feito em covas de tamanho igual ao porte das plantas. São suficientes covas com dimensão de 50cm de comprimento, largura e profundidade. As covas são preenchidas com uma mistura em partes iguais de terra fértil (ou gorda, com muita matéria orgânica) e esterco curtido de curral ou composto orgânico. Em locais frios, as palmeiras tropicais podem crescer satisfatoriamente sob a proteção de vegetação ou próximo a um muro alto.

Inseminação artificial de ovinos e caprinos

“Estamos desenvolvendo um projeto para geração de empregos no Nordeste, especificamente em Recife/PE, através de um curso de inseminação artificial para caprinos e ovinos e necessitamos saber os valores e adquirir alguns produtos para as aulas. Se vocês pudessem nos ajudar, por favor, seria de grande valia.”

Celso Braga
cbraga@americansw.com.br

R — A Metalúrgica Walmur, que fica na Rua Ernesto Fontoura, 231, Bairro Navegantes, Porto Alegre/RS, talvez possa lhe auxiliar. CEP: 90200-91, fone/fax (51) 345-5844/343-5321, e-mail: walmur@conex.com.br.



Divulgação

Curiós e bicudos

Aproveitando a grande repercussão e qualidade da revista **A Granja**, gostaria de contribuir e, se houver interesse, sugerir uma matéria sobre criação de curiós. A área da ornitologia é pouco divulgada e carente de informações. Sei que é de muito interesse para o mundo agrícola, por se tratar de uma ave brasileira criada e vendida legalmente em criadouros comerciais. Sou criador comercial de curiós e bicudos e gostaria de dividir minhas experiências com os leitores. Fico à disposição para possíveis dúvidas e consultoria sobre essas duas aves.



Paulo Werner Stuber Fogli
Paulofogli@ig.com.br

Endereço na web



Recebi mensagem de um leitor da revista **A Granja** pedindo que eu confirmasse o endereço de um site que mantevo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sobre Riscos de Acidentes na Agricultura (<http://www.ufrrj.br/estrut/de/acidentes/index.htm>). Segundo o leitor, a revista divulgou o endereço de forma incorreta e ele gostaria de acessá-lo. Aproveito o ensejo para agradecer esta divulgação e solicitar que o endereço seja novamente divulgado.

Engenheiro agrônomo José Luiz
Viana do Couto
jviana@openlink.com.br

Trigo

Concordo com o ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, que o Brasil deve adotar a política do toma-lá-dá-cá, mas tenho opinião contrária quanto à posição do ministro de dar preferência ao trigo argentino. Por que não incentivar a produção do trigo brasileiro, estimular de fato o plantio e o desenvolvimento dos

produtores, municípios, comércio e comunidades que estão à beira da falência? A indústria do trigo foi desativada há tempo, as comunidades no Rio Grande do Sul dependem da reativação desta cultura, porque não temos como sobreviver somente com a cultura da soja. Em Giruá, mantemos uma comissão permanente para discutir os caminhos e desenvolvimento do trigo, envolvendo as empresas do ramo, comércio, sindicatos, câmara de vereadores, prefeitura e cooperativa. As reuniões são realizadas todas as quintas-feiras, sempre das 16h às 18h.

Juarez João Londero, presidente do
Sindicato Rural de Giruá
g-juarez@sindruralnet.com.br

Animais silvestres

Achei muito interessante a matéria sobre a criação de capivara que foi divulgada na última edição da revista **A Granja**, do mês de julho, nº 619, pois pude me informar melhor sobre a criação de capivara no Rio Grande do Sul.

Carmem Simon,
Rio Grande do Sul

Gostaria de informar que a criação de animais silvestres, como, por exemplo, emas e capivaras, está em nível muito avançado no Rio Grande do Sul. Os nossos criatórios incorporaram toda a tecnologia de ponta dos uruguaianos. Hoje contamos até com o frigorífico Pampeano, com inspeção federal, para o abate de emas, localizado no município de Bagé/RS. Também temos o frigorífico Líder, de Viamão/RS, para o abate de capivaras e javalis. Sou tradicional produtor de arroz, pecuarista e acabei encontrando uma boa alternativa de renda dentro desta linha de diversificação na propriedade. Posso contar hoje, com orgulho, que fui o primeiro criador de emas do Sul do Brasil.

José Bonifácio Silva
BR-290, km 700, Caixa Postal 475
Uruguaiana/RS



Mosca-branca

Gostei muito da edição de julho da revista **A Granja**, que traz uma extensa e detalhada matéria sobre a mosca-branca (O terror da Mosca-Branca), com texto técnico da pesquisadora Regina Vilarinho e reportagem de Adriana Langon. Aproveito a oportunidade para sugerir que vocês, da redação, façam uma matéria sobre o cancro cítrico, doença que está causando grandes prejuízos aos produtores de laranja de Taquari, na região do Vale do Taquari/RS. Muitos deles estão sendo obrigados a queimar as plantações e vender as terras por preços irrisórios. É um problema muito sério.

Fabrício Costa
Rua José do Patrocínio,
Bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/RS



Faculdade de Agronomia

Sou estudante do 3º ano do 2º Grau e estou me preparando para o vestibular. Estou pensando em fazer o curso de Agronomia. Gostaria de trocar idéias com profissionais da área, sobre o futuro desta profissão.

Leandro Daudt, Novo Hamburgo
l.daudt@sinos.net

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para redação da revista
A GRANJA, Av. Getúlio Vargas, 1526,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS.
O fax é: (51) 233-2456.
E o nosso E-mail: mail@agranja.com
Home Page <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser
publicadas de forma resumida.

Hora e vez do boi verde

O boi verde vem sendo anunciado como grande sucesso do mercado mundial de carnes, nos próximos 100 anos. É o boi nascido, criado e acabado no pasto, como o Brasil tem condições de produzir em larga escala. Se é verdade que os números não mentem, ouço falar em até 15 cabeças por hectare de pasto irrigado, com pivô central. Mesmo levando em conta o custo e a amortização do pivô, mais despesas de energia elétrica, parece que o negócio se paga em três ou quatro anos.

Novidade, mesmo, talvez seja a produção de bezerros verdes "por fora", como vi na fazenda de um bom amigo que deixava os cruzamentos a critério de um administrador semi-analfabeto. Morando na cidade distante, de onde vinha o dinheiro para sustentar o negócio rural, o excelente patrício criava seis raças numa área de 500 hectares de morros alpinos, em região muito quente: holandês malhado de preto, holandês malhado de vermelho, fleckvieh, simmenthal, nelore e guzerá.

Durante a semana, o administrador cuidava dos cruzamentos a seu bel-prazer, misturando nelore com holandês vermelho, e fleckvieh com guzerá, de acordo com sua intuição, ou com o touro que estivesse mais próximo. Não tenho certeza, mas acho que os bezerros verdes e brancos resultavam do cruzamento do simmenthal, ou do fleckvieh, com o holandês malhado de preto. Em matéria de pêlo bovino, pelo menos para mim, verde e branco foi novidade.

Aliás, de novidades o campo está cheio. O que tem de gente criando avestruz não está no gíbi. Experimentei, noite dessas, um filé de avestruz: gostei muito. Gostei, sobretudo, de ver que a carne da maior das aves do planeta é vermelhíssima - e muito mais vermelha do que todas as carnes que tenho experimentado, das mais exóticas às mais comuns.

Implico solenemente com os fundamentalistas de qualquer religião, a co-

meçar pelas seitas dietéticas. Não atino como seja possível garantir verduras livres de agrotóxicos, ou sementes não-transgênicas, num país como o nosso. Moro numa cidade de 2 milhões de habitantes, uma capital que é, hoje, a maior produtora mundial de cartões de crédito e cartuchos para impressoras de computador. Creio desnecessário dizer que tanto os cartões como os cartuchos são falsificados.

Perto daqui, as autoridades estouraram parte de um complexo de laboratórios clandestinos que deve rivalizar, em tamanho e produção, com a indústria farmacêutica da Suíça. Neste clima de velhacaria generalizada, de ladroeira esplendorosa, quando se falsificam remédios, combustíveis, cartuchos e cartões de crédito, como é possível sonhar com bois verdes, ou couves sem agrotóxicos?

Dir-se-á que os produtos, ditos ecológicos, são certificados. É, bebê? E o cartão de crédito, que tem targa magnética, plástico especial, assinatura, número, nome, validade, tudo bonito-nho? Pois compraram em meu nome, no Aeroporto Kennedy, de Nova York, duas passagens de primeira classe pela Swissair. E a fatura para pagamento do cartão chegou-me com o ligeiro acréscimo de US\$ 5 mil, quando minha despesa não passa de R\$1 mil.

Por sorte, no mesmo dia em que a passagem foi comprada em Nova York, fiz compras em Minas com o cartão original, como havia feito na véspera e tornei a fazer nos dias seguintes. Ainda assim, o negócio me deu uma trabalhadeira dos diabos, porque a administradora de cartões pretendia que eu provasse que não fiz a compra de Nova York, quando o natural seria que ela, administradora, tivesse o ônus da prova. Será que o ma-

landro falsificou também meu passaporte e minha carteira de identidade, para viajar de primeira classe?

Admitamos, ao menos para efeitos alimentícios, que o produto venha mesmo sem agrotóxicos. Dou a palavra, aqui e agora, ao cientista Rogério Cerqueira Leite, que, num artigo para a Folha, disse que as plantas trataram de recuperar progressivamente suas defesas, quando os xiitas resolveram eliminar o agrotóxico das plantações.

Foi assim com o aipo natural (sem agrotóxicos), que passou a produzir uma quantidade de substâncias cancerígenas 10 vezes maior que o aipo tratado com agrotóxicos. Numa interessante "entrevista" com o aipo, o cientista ouviu o seguinte conselho da umbelífera: "Acautelem-se com os ecologistas, com os naturalistas, macrobióticos e outras seitas, principalmente aquelas com tendências vegetarianas".

Aí é que está: há que tomar cuidado com a maluquice. Dia desses, com 62 anos feitos, vida sedentária, excesso de peso, 45 anos de

"Ouço falar em até 15 cabeças por hectare de pasto irrigado"

charutos, vinhos e uísques diários, amigo das carnes vermelhas e gordas, torresmo, manteiga de vaca e dos queijos gordos e mal-cheirosos, fiz meu primeiro check-up: só de exames de sangue foram R\$ 460,00, mais de três salários mínimos...

Entre colesterolis, triglicérides, glicoses, uréias, creatininas e outras complicações, os resultados são compatíveis com os de um menino de 12 anos. É claro que, mais dia, menos dia, vou morrer, até porque todo mundo morre. Mas faço questão de levar comigo o título de nunca ter permitido o ingresso de qualquer tipo de margarina aqui em casa, bem como de queijos brancos e ricotas, com gosto de isopor.



TR



GO

OS PRIMEIROS SINAIS DA RETOMADA

Embora o crescimento de área seja considerado tímido, o triticultor volta a acreditar na cultura e depara-se com um cenário bem mais favorável.

Mas, lamentavelmente, o Brasil ainda paga muito caro (e pagará) por liderar a lista de maior importador do cereal.

Para quebrar este paradigma de contrastes, ainda é preciso avançar muito mais...

Adriana Langon

O triticultor Seigi Kimoto, 59 anos, natural de Marília/SP, produtor em Luiziana/PR, repetiu a área semeada na safra passada — 340 hectares. O gaúcho Cláudio de Jesus, 45 anos, com terras em Ijuí/RS, aumentou o plantio em 10 hectares — semeando um total de 50 hectares —, decisão tomada não pelo “certo entusiasmo” que ronda a região, mas, sim, por um programa de gerenciamento da propriedade no qual determina para o cereal de inverno a ocupação de 30% da área agricultável. A dobradinha algodão, no verão, e trigo, no inverno, garantiu a semeadura de 3 mil hectares do cereal pela empresa Agropastoril Jotabasso Ltda., de Pontaporã/MS, contra os 1,4 mil hectares cultivados na safra anterior.

Uma perguntar fica no ar. Há algum ponto em comum entre esses produtores de trigo? Em um primeiro momento, pode-se dizer que não. Mas isso não corresponde à verdade. O sentimento compartilhado pelos agricultores, semelhante ao otimismo, mesmo que nesses casos não resulte em consideráveis incrementos de área, é movido por perspectivas de um mercado mais firme, com preços atrativos. Embora seja uma exceção, depois de amargarem repetitivas frustrações ano após ano, motivos para grandes euforias “nem pensar”, disparam eles. Uma evidência concreta de que os famosos e velhos contrastes da triticultura ainda estão enraizados na agricultura brasileira.

Crescimento sustentado — “Melhor assim”, opina o agrônomo e chefe-geral da Embrapa Trigo, sediada em Passo Fundo/RS, Benami Bacaltchuk. Para ele, o crescimento é consistente, uma retomada cautelosa e não aventureira. Vários pontos contaram a favor do produtor nesta safra. “Historicamente, podia-se criticar a posição do governo. Este ano, não”. O governo federal antecipou as decisões, medidas como a definição do preço mínimo, mecanismos de comercialização, como a CPR, e até a disponibilização de recursos, concorda com Bacaltchuk o presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS), Rui Polidoro Pinto.

E, pelo menos no Rio Grande do Sul, a resposta foi imediata. O último levanta-

mento de previsão de área de trigo, realizado pela federação em 19 de junho, apontou um incremento de 29%. Um pulo de 396,93 mil hectares para 513 mil hectares. Com a ajuda de São Pedro, os gaúchos esperam colher 900 mil toneladas — uma produção 24% acima da anterior, a partir do final de outubro. Segundo Rui Polidoro, o tricultor está apostando na sustentabilidade sinalizada pelo mercado. Até o preço mínimo, mesmo ficando aquém dos R\$ 212,00/tonelada reivindicados (o fixado pelo governo foi de R\$ 205,00/t), é considerado positivo. “Se continuarmos a ter firmeza nas decisões, aí sim, haverá condições de atingir a nossa meta de produzir, já no próximo ano, 50% do nosso consumo”, salienta o dirigente gaúcho.

Recursos para o plantio — Preço mínimo atualizado, cotações de insumos balizadas pelo dólar. Este é o parâmetro tomado como referência pelo agricultor para formar sua lavoura de inverno. “Para variar, ele sentiu um acréscimo entre 8% e 10% no desembolso”, complementa o economista da FecoAgro/RS, Tarcísio Minetto. A variação cambial atingiu em cheio os combustíveis, lubrificantes e até os serviços. O custo de produção deste ano está calculado em R\$ 181,88/t, ou R\$ 436,52/hectare. Minetto credita ao crescimento de área a conscientização do agricultor de que o trigo está inserido dentro de uma análise sistêmica, do contexto produtivo, no qual a rotação de culturas tem importância ímpar.

O tricultor pôde contar com a liberação de R\$ 150 milhões a R\$ 200 milhões para o custeio de inverno, em especial do trigo, garante o superintendente executivo da área rural do Banco do Brasil, Birmar Nunes. “É o suficiente para atender à demanda”, defende. O limite estipulado foi de R\$ 150 mil por produtor, com taxa de juros de 5,75% (pequeno produtor) e 8,75% (médio e grande produtor). No Rio Grande do Sul, até a primeira quinzena de junho, a verba contratada para o trigo girava em torno de R\$ 25,77 milhões (para financiar 115,25 mil hectares), de um total de R\$ 85 milhões disponibilizados.

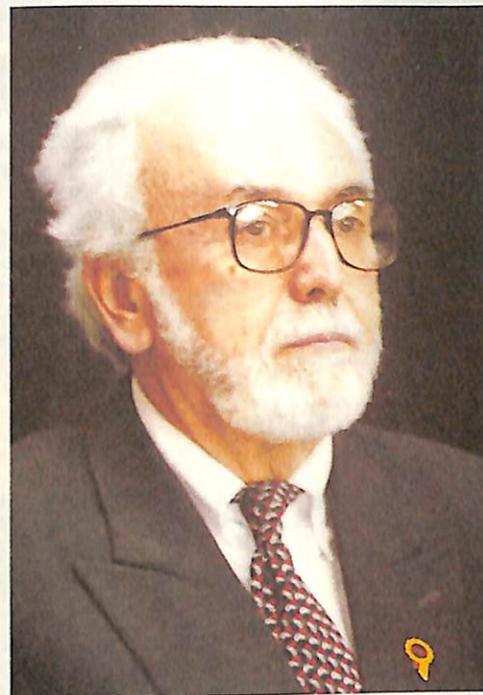
Tímidas reações — Nos demais Estados, a situação é um pouco diferente. No Paraná, maior produtor nacional, o crescimento deverá ficar em apenas 1,7%, passando de 713 mil hectares para 725 mil hectares. A produtividade média esperada é de 2,16 mil quilos por hectare. Projeção que pode estar ameaçada pelas ações adversas do clima. A seca acabou atingindo o norte do Estado, nas proximidades de Londrina, uma estiagem que se estende desde o mês de março,



Bacaltchuk: o crescimento é consistente, uma retomada cautelosa e não-aventureira



Nunes: os recursos disponibilizados são suficientes para atender à demanda



Polidoro: o governo federal antecipou as decisões, entre as quais a definição do preço mínimo



Guth: a integração entre tricultores e indústria é uma realidade no País

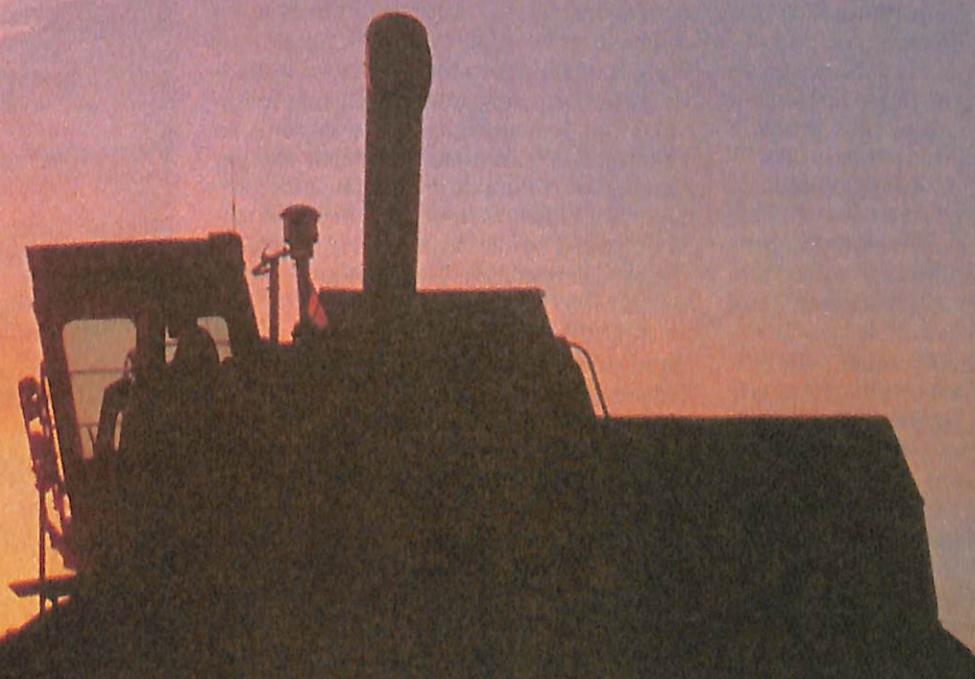
afetando o plantio, enquanto as chuvas beneficiaram o plantio no sul e oeste. Já se fala em uma quebra superior a 50%. Uma evolução pouco significativa para quem já chegou a cultivar 1,95 milhão de hectares em meados de 1987/88.

“Nenhum clima de entusiasmo”, reforça o agrônomo do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura, Otmar Hubner. A concorrência com o milho safrinha acabou tirando o espaço do cereal, que até poderia avançar mais. Os produtores paranaenses, que

continuam primando pela boa tecnologia da lavoura e conseqüentemente pela qualidade do cereal, estão apostando em um mercado com preços fortes, a exemplo do ano passado. “Com a mudança cambial, nós tivemos liquidez, uma certa valorização do produto nacional. A incógnita é se teremos a mesma liquidez este ano”, questiona. E informa que o preço médio praticado em 1999 foi de R\$ 11,64 a saca, enquanto, em 1998, ficou em R\$ 9,11/saca. Particularmente, Hubner não vê um mercado altamente promissor e ▶

LINHA AGRÍCOLA PIRELLI.

PRODUTIVIDADE PARA TODOS OS CAMPOS.



futura



Sobre terrenos consistentes, acidentados, alagadiços e nas mais diversas condições de uso, a Pirelli segue em frente com a liderança de seus pneus. E para atender às necessidades específicas do campo, a Pirelli oferece sua exclusiva linha agrícola para tratores, implementos e colheitadeiras. São pneus direcionais e trativos, numa linha completa, criada a partir dos mais avançados estudos e testes que acompanham as inovações do mercado agrícola e garantem máximo desempenho. Conheça a linha agrícola Pirelli, e traga mais produtividade para o seu campo.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:
0800-787638 Internet: www.pirelli.com.br



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

uma retomada a longo prazo. “Enquanto tivermos a Argentina produzindo a custo baixo, fica muito difícil crescermos”, contrapõe. O forte da colheita no Paraná é em setembro.

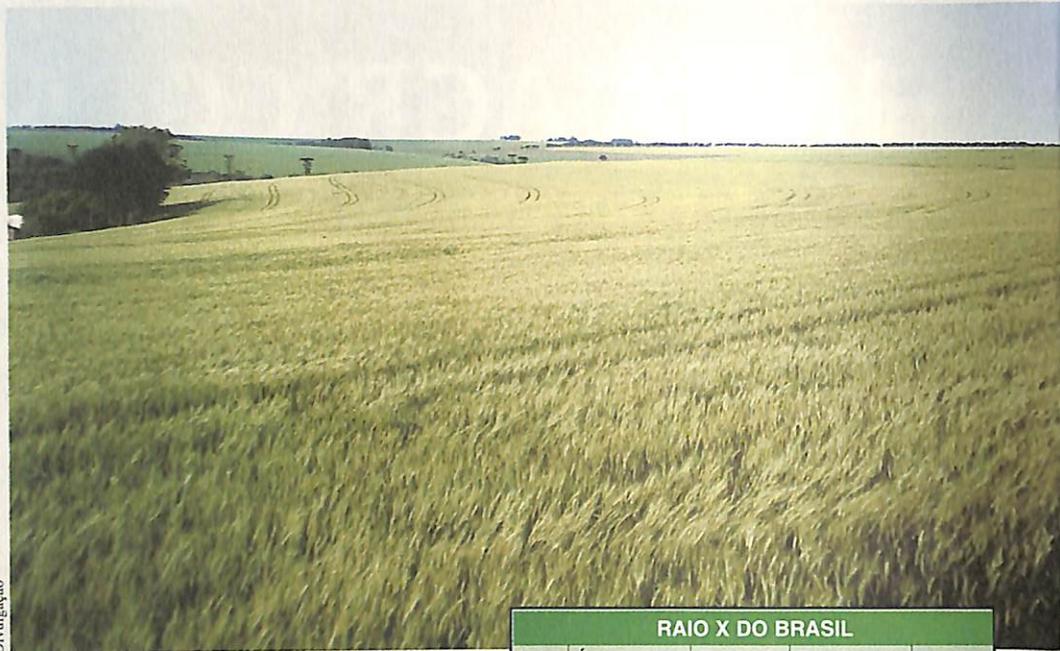
Um sinal de avanço também foi sentido no Estado do Mato Grosso do Sul. Segundo o assessor-técnico da Federação da Agricultura no Mato Grosso do Sul, Laurindo Petelinkar, a área estimada é de aproximadamente 60 mil hectares (quase na totalidade, de sequeiro). No ano anterior, o cereal ocupou 42 mil hectares e registrou uma produção de 59,9 mil toneladas. A projeção para este ano é alcançar 99 mil toneladas. Para isso, é preciso que o clima colabore. “Não podemos sofrer geada na fase de florescimento, o que comprometeria os resultados”, acrescenta. Por esse motivo, alerta para a urgência da regulamentação do seguro agrícola. “Pode ser um instrumento de incentivo para o agricultor, por diminuir a margem de riscos”, complementa.

O milho safrinha também tem roubado um pouco do espaço do trigo. Principalmente os agricultores que colhem a soja precoce, em fevereiro, estão optando pelo milho safrinha com sucesso. Mas não foi o que ocorreu este ano. Como atrasou o plantio da soja, o milho safrinha ficou prejudicado, e partiu-se para o trigo. Na visão de Petelinkar, o cereal é uma ótima opção para quem planta a soja tardia, pois propicia mais renda e a cobertura de solo.

Com o temor dos prejuízos, o produtor optou pelo uso de baixa tecnologia. Nada de adubação mais pesada e controle fitossanitário. Assim, o rendimento médio tem ficado entre 1,5 mil quilos/hectare e 2 mil quilos/hectare.

O Estado de Santa Catarina pode não ser muito representativo, pois responde apenas por 2% da safra, porém está apontando um acréscimo de 40% na área. A previsão da Organização das Cooperativas de Santa Catarina (Ocesc) é de uma colheita de 72 mil toneladas para 40 mil hectares.

Dados divergentes — Enquanto as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), de acordo com o último levantamento divulgado em julho, apontam para um aumento de área de 15,3%, comparado à safra anterior, passando de 1,25 para 1,44 milhão de hectares (com uma produção de 2,6 milhões de toneladas), a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) não mostra-se tão otimista. A entidade está trabalhando com dados equivalentes ao ano passado, tanto em área como em produção. A informação é do assessor de política agrícola da CNA, Getúlio Pernambuco.



Divulgação

“Em regiões de extrema importância, como o Paraná, não houve crescimento expressivo”, sustenta. A manutenção da área é avaliada como uma consequência de velhos problemas, como a falta de política adequada ao trigo, que entra em choque com o desestímulo à produção nacional e o incentivo às importações. “Enquanto tivermos uma política totalmente subordinada às importações, a retomada fica inviável. Hoje, lamentavelmente, a importação é dominante”, alfineta. As críticas não param por aí. A falta de integração entre produtores e indústria também tem sua parcela de culpa, opina Pernambuco. “Os interesses são distantes. Nunca houve parceria”, avalia.

A análise dos técnicos da Conab vai por outro caminho. A elevação do plantio nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul deverá compensar, no final das contas, a forte seca que atingiu o norte do Paraná e os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Somam-se a isso, as boas condições climáticas que favorecem as lavouras gaúchas e catarinenses. A partir de agora, as atenções se voltam para o comportamento climático no período decisivo.

RAIO X DO BRASIL				
Safra	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	pH (médio)
1980	3.122.107	2.701.613	865	76,10
1981	1.920.142	2.209.631	1.151	77,85
1982	2.827.929	1.826.945	646	74,12
1983	1.879.078	2.236.700	1.190	76,82
1984	1.741.673	1.983.157	1.139	76,69
1985	2.676.725	4.320.267	1.614	79,37
1986	3.864.255	5.689.680	1.472	76,57
1987	3.455.897	6.034.586	1.746	78,92
1988	3.476.288	5.745.670	1.653	80,40
1989	3.282.319	5.555.184	1.692	75,66
1990	2.680.882	3.093.485	1.154	73,97
1991	1.994.798	2.921.297	1.464	—
1992	1.957.748	2.795.979	1.428	—
1993	1.461.933	2.152.761	1.473	—
1994	1.348.030	2.092.424	1.552	—
1995	993.929	1.534.148	1.544	—
1996	1.820.084	3.359.447	1.846	—
1997	1.505.671	2.440.863	1.621	—
1998	1.422.791	2.231.634	1.568	—
1999*	1.252.970	2.438.197	1.946	—
2000*	1.400.000	2.724.400	1.946	—

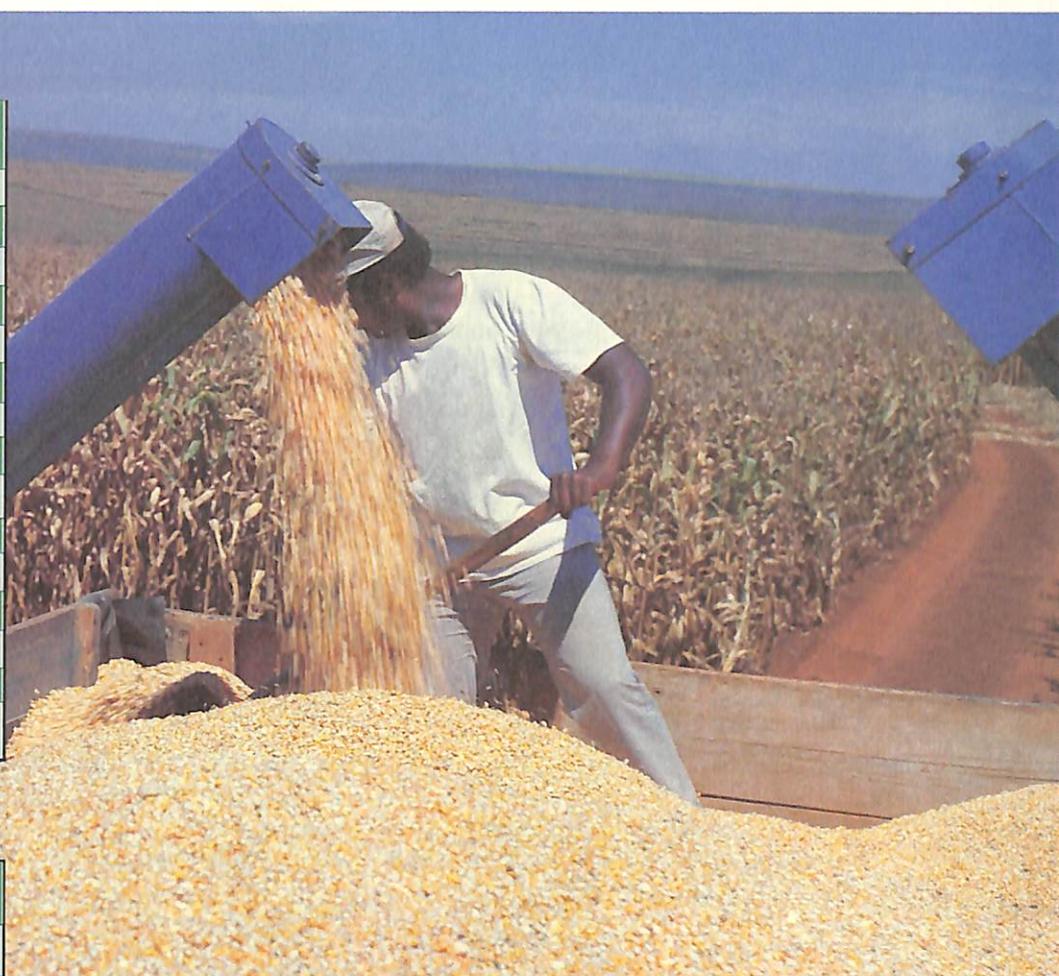
Fontes: IBGE/FecoAgro/RS

PREÇO MÍNIMO DO TRIGO						
Classificação	Tipo 1 (R\$/t)	pH 78	Tipo 2 (R\$/t)	pH 75	Tipo 3 (R\$/t)	pH 70
	Safra 99	Safra 2000	Safra 99	Safra 2000	Safra 99	Safra 2000
Brando	161,00	178,40	153,00	169,54	137,00	151,81
Pão	185,00	205,00	175,00	194,47	161,00	178,40
Melhorador	185,00	205,00	175,00	194,47	161,00	178,40
Dorum	185,00	205,00	175,00	194,47	161,00	178,40
Outros usos	113,00	125,22	105,00	116,35	97,00	107,49

Fonte: Ministério da Agricultura/Elaboração FecoAgro/RS

PREÇO MÉDIO MENSAL RECEBIDO PELOS PRODUTORES						
Mês	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Janeiro	8,55	9,66	7,52	8,28	9,58	11,15
Fevereiro	8,40	8,60	7,20	8,18	10,02	11,48
Março	8,20	9,90	7,90	8,38	10,76	11,56
Abril	7,80	11,40	8,86	8,72	11,35	12,50
Mai	7,75	13,20	9,72	8,66	11,98	12,65
Junho	6,90	14,10	9,22	8,79	12,02	—
Julho	7,10	13,87	8,87	9,35	12,21	—
Agosto	7,20	13,75	9,00	9,28	12,80	—
Setembro	6,90	12,90	8,50	9,39	13,05	—
Outubro	7,10	9,20	8,20	8,96	12,65	—
Novembro	8,30	7,95	8,25	9,37	12,01	—
Dezembro	8,60	7,80	8,30	9,45	12,25	—
Média ano	7,73	11,03	8,46	8,90	11,72	11,87

Fonte: Cooperativas/ Elaboração: FecoAgro/RS – Assessoria Econômica



DEMONSTRATIVO DO CUSTO DE PRODUÇÃO EM SOLO GAÚCHO/PD				
Rubricas	Custo geral	Custo atual em 01/02/2000		
	35ha	R\$/ha	%	R\$/sc 60kg
Custo operacional				
Máq. e implementos	1.862,91	53,23	10,45	1,33
Combustíveis, lubrificantes, filtros, conservação e reparos				
Mão-de-obra	1.044,98	29,86	5,86	0,75
Própria, contratada				
Insumos modernos	7.407,19	211,63	41,56	5,29
Fertilizante, semente, defensivos				
Transporte externo	688,82	19,68	3,87	0,49
Insumos e produção				
Beneficiamento	265,72	7,59	1,49	0,19
Soma (A)	11.269,63	321,99	63,23	8,05
Custo fixo				
Const. e instalações	376,27	10,75	2,11	0,27
Depreciação, conservação e reparos, consumo				
Máq. e implementos	2.559,81	73,14	14,36	1,83
Depreciação, remuneração do capital				
Insumos modernos	155,97	4,46	0,88	0,11
Calcário				
Soma (B)	3.092,05	88,34	17,35	2,21
Custo do financiamento	916,43	26,18	5,14	0,65
Juros, Proagro e assistência técnica				
Soma (C)	916,43	26,18	5,14	0,65
Soma total (A, B e C)	436,52	181,88		10,91

Fonte: FecoAgro/RS

vo de colheita (deflagrado a partir de setembro).

Em sintonia com os moinhos — A Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo) parte em defesa dos moinhos. Conforme o presidente da entidade, Roland Guth, a integração entre triticultores e indústria é realidade no País. Benami Bacaltchuk, da Embrapa Trigo de Passo Fundo/RS, concorda que a pareceria vem ganhando maiores proporções, e a cadeia produtiva está unindo as forças em direção à retomada da cultura. “A indústria está se aproximando do produtor. Ela não vê outra forma de sobreviver”, observa o pesquisador, comentando que os preços lá fora ficaram menos favoráveis com a mudança cambial (ainda que possam contar com o prazo de pagamento de um ano). O presidente da Abitrigo argumenta nesta direção: “Os moinhos estão ao lado do produtor, não importam por opção. Além de enfrentarmos a falta de produto nacional, também nos deparamos com o custo Brasil. Importar é uma questão de mercado”.

Qualidade inferior já não é mais motivo para justificar as importações, consideram pesquisadores, produtores e industriais. Guth afirma que a tecnologia disponível hoje, associada à variedade de sementes, tem garantido a colheita de um produ-

to nacional mais qualificado. Mesmo assim, pondera que o conceito de qualidade é muito complexo e abrangente, a partir dos determinados fins da matéria-prima. Todo o produto tem colocação para a sua respectiva finalidade. “É justamente neste ponto que estamos trabalhando com os produtores. Indústrias e agricultores devem estar em sintonia para demarcarem a produção”, complementa. O pesquisador Bacaltchuk reforça que, nos últimos três anos, consolidou-se a qualidade do cereal gaúcho, com a difusão de novas variedades, de características mais claras e definidas para sua função.

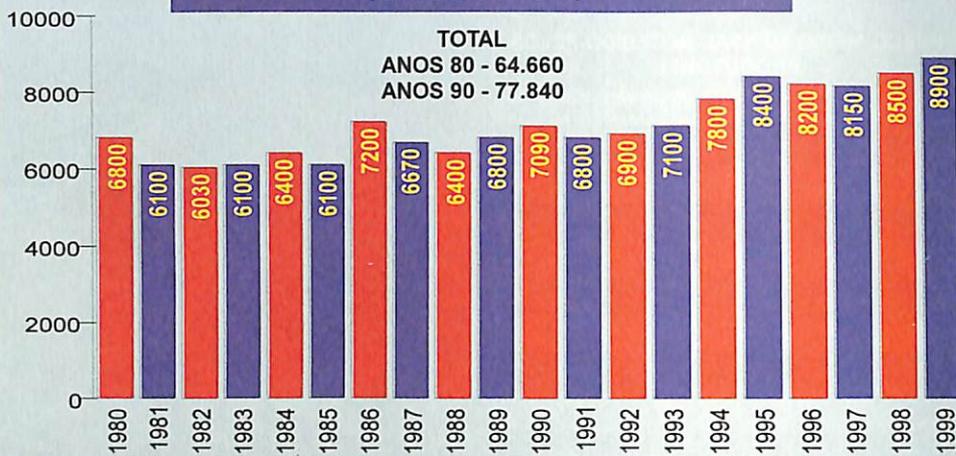
Hoje, cerca de 60% do trigo consumido no País é destinado a panificação (padarias e industrial), entre 12% e 15% vai para a fabricação de massas, 8% para biscoitos, e o restante para outros usos domésticos.

A expectativa da entidade, para esta safra, pode-se assim dizer, é um pouco mais animadora. “Acreditamos que é o primeiro degrau de uma retomada. Temos como meta chegar, entre três e quatro anos, a uma produção equivalente à metade do nosso consumo”, destaca Guth. Estima-se que estejam operando no País cerca de 200 moinhos. Destes, 111 são associados à entidade fundada em 1991.

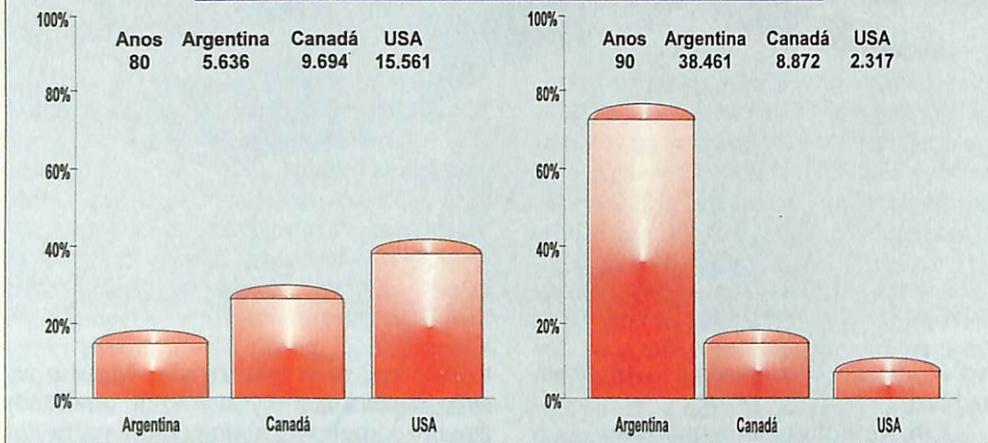
A Granja



BRASIL - MOAGEM DE TRIGO (mil toneladas)



BRASIL - IMPORTAÇÃO DE TRIGO (mil toneladas)



A Granja

Brasil assegura o título de maior importador

Os dados nacionais são deprimentes. Tomando como referência a safra passada, o Brasil registrou um consumo de 9,5 milhões de toneladas do cereal, enquanto a produção ficou em apenas 2,5 milhões de toneladas. Trocando em miúdos, o País produz somente 25% do seu consumo. O economista da FecoAgro/RS, Tarcísio Minetto, e o consultor da empresa Agromercados, de Porto Alegre/RS, Carlos Cogo, são taxativos: lamentavelmente, o Brasil passa a ser o primeiro país importador de trigo. Economicamente, essa "liderança" significa o dispêndio de nada menos do que US\$ 1 bilhão, na aquisição de 7,2 milhões de toneladas, calcula Minetto. Cogo acrescenta que logo atrás vem o Irã, com a previsão de importar 7 milhões de toneladas, ao sofrer, pelo segundo ano consecutivo, quebras com a seca. No ano passado, o Brasil desembolsou US\$ 832 milhões, com a compra de 6,9 milhões de toneladas. Recursos que

seriam de grande valia aplicados na recuperação do cereal.

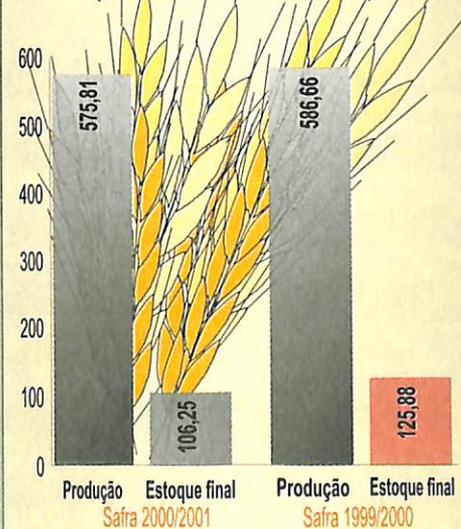
Fica a saudade dos tempos áureos. O menor volume de importações pode até perder-se na memória. Foi em 1989, quando o Brasil importou 1,56 milhão de toneladas. "Vínhamos da maior safra da nossa história, ocorrida em 1987, quando o País produziu 6,13 milhões de toneladas e quase atingiu a auto-suficiência", explica Cogo, que também atua na Fundação Getúlio Vargas.

O aumento da necessidade de importação de alguns países, em decorrência das quebras causadas pela seca, vai incrementar o comércio mundial do grão. O acréscimo previsto é de 1 milhão de toneladas, passando para 104 milhões de toneladas. "Com base nos dados do Conselho Internacional de Grãos, poderemos ter o mais alto volume de trigo comercializado mundialmente nos últimos nove anos", salienta Cogo. Ele acredita que os preços externos devam ficar firmes até o final da colheita brasileira.

O preço médio da saca de trigo ao produtor, nos últimos 10 anos, foi de US\$ 8,21/saca de 60kg no Paraná. O levantamento é da Agromercados, ao considerar a taxa de câmbio atual e uma cotação média entre R\$

14,40 e R\$ 14,80/saco. "Na atual safra, os preços devem ficar um pouco abaixo dessa faixa média", alerta. Nas contas de Cogo, o valor ideal seria algo próximo a R\$ 15,00 ou R\$ 16,00/saco, cobrindo assim o custo de produção. ▶

QUADRO MUNDIAL DO CEREAL (em milhões de toneladas)





população

A CORRIDA COMEÇOU.



oferta de alimentos

A população mundial cresce em cerca de 230.000 pessoas todos os dias. A essa taxa, o mundo vai precisar dobrar a quantidade de alimentos a cada 50 anos. Mas não há terra suficiente para isso. Nós, da Monsanto, estamos trabalhando com a biotecnologia, uma ferramenta valiosa no esforço de produzir mais alimentos. A biotecnologia já tem permitido aos agricultores aumentarem significativamente a produtividade de suas colheitas sem utilizar mais terras. E fazem isso de modo mais sustentável -

com menos inseticidas, menos derivados de petróleo e menor impacto ao meio ambiente. Em muitos casos, a biotecnologia ainda está possibilitando produzir alimentos mais nutritivos.

Biotecnologia. É o caminho pelo qual a oferta de alimentos poderá atender, de forma mais

nutritiva e mais sustentável, a crescente população mundial.

MONSANTO

Alimento • Saúde • Esperança™



ATENÇÃO REDOBRADA NA LAVOURA



Gustavo Paes

Justamente por ser considerada uma cultura sensível, o monitoramento é imprescindível para garantir uma lavoura saudável e produtiva. Mas é preciso muito mais do que isto, revela o Ph.D. em Fitopatologia da Universidade Federal de Pelotas/RS, Carlos Alberto Forcelini.

O primeiro passo é a escolha de cultivares mais resistentes, sementes de boa qualidade e tratadas com fungicidas eficazes, além da implantação do trigo em área de rotação com aveia ou leguminosas, fazendo uma boa adubação.

Passando para a fase de monitoramen-

to, as vistorias a campo devem ser, no mínimo, semanais, para determinar a necessidade de aplicação de inseticidas ou fungicidas. Ele explica que, em cada vistoria, deve ser feita a coleta de 50 plantas por lavoura, das quais separam-se as folhas doentes (com uma lesão maior de 2mm) das saudáveis. A porcentagem de folhas doentes em relação ao número total de folhas representará a incidência foliar da moléstia. Forcelini reforça a importância do acompanhamento por um engenheiro agrônomo.

Doenças — As principais doenças do trigo são a ferrugem-da-folha (mais severa em cultivares suscetíveis, como Embra 16 e OR 1), o oídio (predomina em períodos secos e frios), as manchas foliares (mais intensas em áreas de monocultura) e a giberela (prefere primaveras quentes e úmidas). Caso essas doenças não sejam controladas, adverte o professor, as perdas podem variar entre 14% (giberela), 50% (manchas foliares), 62% (oídio) e 63% (ferrugem-da-folha).

A mais temida pelos agricultores é a giberela. O motivo? Segundo Forcelini, não existem cultivares resistentes disponíveis, sem falar do controle por fungicida ser menos eficaz em relação às demais doenças. Detalha que a giberela ataca a planta do trigo na fase de floração (exposição das anteras), colonizando a espiga e determinando a formação de grãos

Com os pés no chão

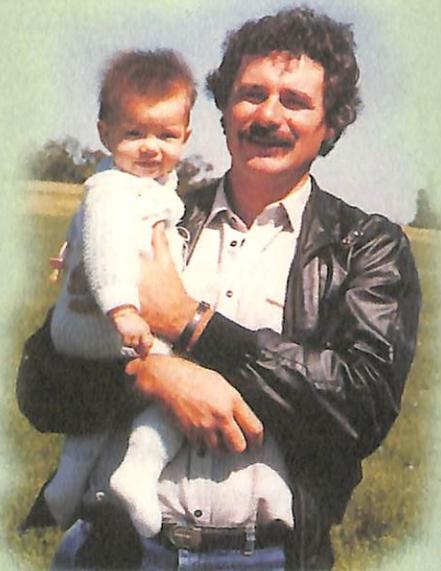
Para o tricultor Cláudio de Jesus, de Ijuí/RS, não há nenhuma sombra de dúvida. O grande culpado da derrocada do trigo nacional é o próprio governo federal. “Temos um governo que não olha pelo trigo. Há condições de produzir, de ser auto-suficientes e, na realidade, vamos passar a ser os maiores importadores. Os avanços ainda são muito pequenos”, lamenta. E o produtor de sementes sabe muito bem do que está falando. Desde pequeno, Cláudio acompanhou o pai nas lides da cultura. “Na época do meu pai, Eduardo, se ganhava muito dinheiro com o trigo. A situação começou a ficar crítica há 12 ou 13 anos, quando o governo saiu fora e deixou o agricultor a ver navios”, conta contrariado.

“Nesta região produtora”, afirma ele, “não há grandes euforias”. Segundo Cláudio de Jesus, os agricultores estão cientes de terem um quadro mais positivo para esta colheita, mas ainda distante da tão sonhada política agrícola específica para a retomada do cereal.

A expectativa de produtividade média a ser colhida nos 50 hectares, plantados com a variedade Fundacep 31, é de 50 sacos/hectare. Resposta diretamente ligada à escolha de uma boa área para o cultivo, à utilização do sistema de PD, à adubação (350 quilos/hectare mais 100 quilos/hectare de nitrogênio) e dissecação bem-conduzidas. Nas contas do produtor, a lavoura somente será rentável com uma resposta média de 40 sacos/hectares, pois o custo de produção está estimado em 26 sacos/hectare. “O trigo não pode ser avaliado de forma direta e, sim, dentro de todo um sistema produtivo”, enfatiza Cláudio.

Penalizado por consecutivas safras frustrantes, viu-se obrigado a financiar 40 hectares (R\$ 180,00/hectare). O preço considerado razoável, para poder quitar o empréstimo, com juros de 8,75%, daqui a um ano e ter uma pequena margem de lucro, seria de R\$ 13,00/saco. O trigo de qualidade superior, produzido na safra passada e armazenado em casa, foi comercializado em junho deste ano pela cotação de R\$ 14,00/saco,

para a Cotrijuí. Negociar na entressafra desse é o caminho. “Eu sei que é difícil. Mas é uma alternativa muito lucrativa. Muita vez, depende apenas de organização”, conclui Cláudio.



Divulgação

Calypso®



O novo ritmo da proteção

www.bayer.com.br

TeleBayer
Discagem Direta Gratuita
0800-115560



Bayer 

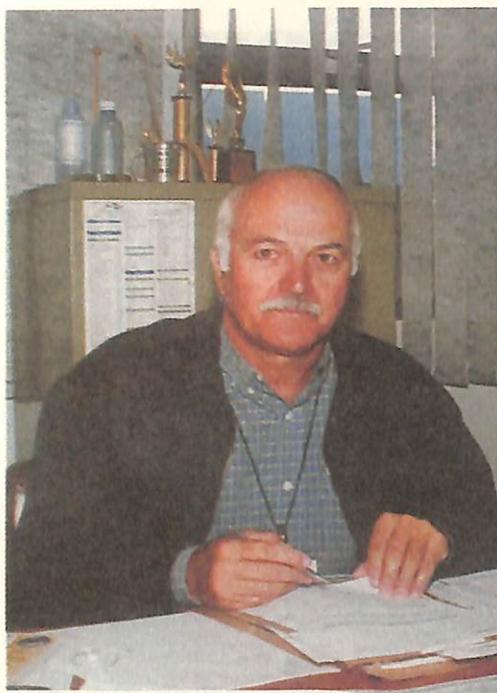
Proteção das Plantas

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre
um Engenheiro Agrônomo
Venda sob receituário agrônomo





Dotto: adversidades climáticas marcam contrastes nas diversas regiões produtoras

Divulgação

“chochos”, sem valor comercial. Nesses grãos, o fungo causador da doença pode ainda formar toxinas nocivas ao homem e aos animais. O melhor remédio para combatê-la é a escolha de cultivares menos suscetíveis, como BRS 177, BRS 179, CEP 24, Fundacep 30, Fundacep 31 e Fundacep 32, estabelecendo a lavoura em área submetida à rotação de cultura. As dicas vão além: caso haja previsão de temperaturas altas (20°C – 25°C) e chuvas que determinem molhamento contínuo das espigas por 48 horas, na fase de floração, deve-se aplicar os fungicidas epoxiconazole, procloraz, propiconazole ou tebuconazole.

Contrastes — O clima adverso (no norte a seca, o oeste e o sul favorecidos pela chuva) à ocorrência de doenças, nas diversas regiões, também é marcado por contrastes. O pesquisador Sérgio Dotto, da Embrapa Soja/PR, vê como positivo o menor nível de umidade e orvalho e a temperatura elevada, no norte, pois diminui bastante a incidência de doenças

como o oídio e a ferrugem-da-folha. Mas, no oeste, as manchas foliares já preocupam. “Os fungos estão na palhada da última safra, ainda não totalmente decomposta, e com as chuvas acabam respingando nas plantas”, afirma Dotto. Seu colega Dionísio Brunetta, que acompanhou a implantação de diversas lavouras no Estado, recomenda a aplicação de nitrogênio em cobertura para obtenção de um trigo de boa qualidade, principalmente na região oeste. “Este cuidado é importante para evitar o que ocorreu na safra passada na região norte do Estado, onde o clima favoreceu a obtenção de alta produtividade, mas os níveis de fertilizantes aplicados, principalmente o nitrogênio, haviam sido insuficientes para a perfeita formação do grão. Em consequência, a quantidade de glúten ficou abaixo do esperado”, diz. Ambos os pesquisadores alertam que os fungicidas específicos para cada caso, assim como a dosagem, devem ser indicados por um engenheiro agrônomo

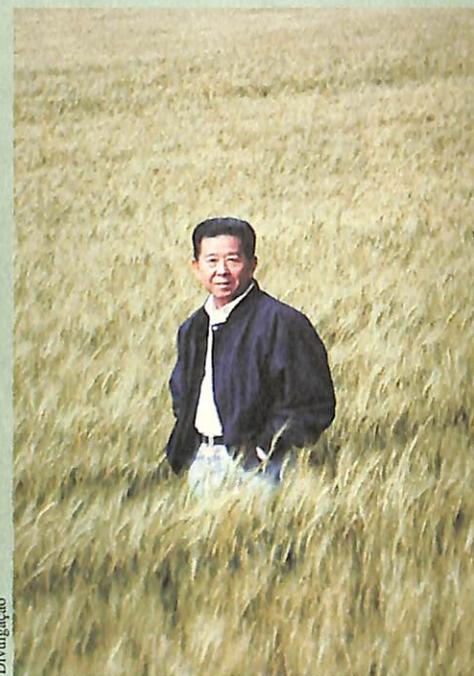
Sim, temos qualidade

A visão profissional e empresarial chegou para ficar, na Fazenda Santa Alice, em Luiziana/PR. “Hoje podemos contar com novas e qualificadas variedades, adubação e tratamento fitossanitário. Recursos técnicos que não existiam no passado”, avalia o produtor de sementes Seigi Kimoto, que prevê um ano comercial favorável ao cereal. A expectativa é que esse pacote tecnológico garanta uma produtividade de 62 sacos de trigo por hectare. Patamar que deverá se repetir nos 340 hectares semeados nesta safra, com as variedades OR 1, CD 104 e Alcover (esta em fase experimental), e que começam a ser colhidos no final de setembro. O rendimento superior à média geral do Estado só é alcançado graças ao lema de perseguir alta produtividade com custo baixo. “A concorrência é grande. Não podemos ficar para trás”, dispara Kimoto.

Se, por um lado, o produtor de sementes é melhor remunerado, por outro, o seu dispêndio também é maior. E Kimoto tem plena consciência deste fato. Na safra passada, seu custo de produção foi de 46 sacos/hectare, e a produtividade média alcançada foi de 58 sacos/hectare. “Nessas condições, é rentável. Hoje, por exemplo, estamos recebendo R\$ 14,35 pelo trigo pH 78”, acrescenta o agricultor, formado em Agronomia na Esalq/SP.

Todo o trigo foi semeado em PD, dentro do sistema de rotação de cultura. Alguns cuidados básicos “fazem a diferença” nos resultados finais da fazenda. A adubação é reforçada — são aplicados 248 quilos de adubo/hectare. Também são usados 248 quilos de sulfato de amônio/hectare, quase que simultaneamente ao plantio. Para o agricultor, é justamente aí o grande mote: a utilização da uréia e do sulfato de amônio foram testados comparativamente a campo. Resultado: “Tivemos 12,5 sacos a mais com o sulfato de amônio. Embora o produto seja mais caro, tem como vantagens ser menos volátil que a uréia (fica mais no terreno), conter enxofre e ser aproveitado pelo milho e soja. Este custo acaba entrando no sistema de rotação de cultura e se diluindo”, explica Kimoto.

O uso de tecnologia não pára por aí. As sementes são tratadas, faz-se uma análise foliar, 40 dias após o plantio um novo tratamento de meia dose de fungicida, e, depois de 10 ou 15 dias, é feita outra aplicação com uma dose completa. O fundamento do trabalho é preventivo e o controle de doenças é realizado com base nos dias de plantio. A meta é cortar o ciclo de evolução de determinada doença com aplicações antecipadas, já que existe o ciclo de evolução. “A planta deve ser bem cuidada desde o início. Ela é como uma criança, precisa crescer sadia”, simplifica o agricultor.



Divulgação

Mesmo amparado em uma lavoura de alta tecnologia, ele conhece os riscos da cultura. “Por isso, o seguro agrícola é essencial”, arremata. Até porque o plantio foi feito somente com o custeio. Kimoto tomou do Banco do Brasil o montante de R\$ 98,2 mil. Apesar de reconhecer o esforço do governo, ressalta que o trigo ainda é uma cultura esquecida. “Se houver incentivo, temos condições de produzir com alta qualidade e produtividade”, conclui. A Fazenda Santa Alice também destina 605 hectares para os cultivos de soja e milho.

O Brasil, adubando, dá.

• A D U B A R É A C R E D I T A R •
É isso o que a Manah faz há mais de 50 anos.
Acreditar na nossa terra, que é tão generosa.
Acreditar na nossa gente, que nunca se cansa.
E é isso o que a Manah vai continuar fazendo,
porque acreditar é muito mais do que ter fé.
Acreditar é fazer com que as coisas aconteçam.

com
MANAH
adubando dá!



Produtores do MS ganham ação judicial

A luta de 13 anos rendeu bons frutos. O produtor e presidente da Associação Maracajuense de Agricultores (AMA), Germano Francisco Bellan, comemora a vitória de 605 triticultores do Mato Grosso do Sul, que ganharam uma ação judicial contra o governo federal, reivindicando reverter as perdas obtidas com a extinção da Comissão de Compra do Trigo Nacional (CTRIN), em novembro de 1990, pelo então presidente da República, Fernando Collor de Mello. Segundo ele, a indenização começa a ser paga ainda este ano. O equivalente a R\$ 25,00/saco de trigo. Um pagamento inicial entre R\$ 20 e R\$ 22 milhões para 125 produtores. “Na época, o governo estabele-

ceu preço mínimo e custo de produção. A remuneração foi menor do que a prometida. Houve uma quebra de contrato”, defende ele, garantindo que o precatório já foi incluído no orçamento da União.

Motivados pela vitória, mais 430 agricultores do MS entraram com uma segunda ação no ano passado. Por outro lado, Bellan lamenta o fato de outros Estados produtores não acreditarem na atitude liderada pelos colegas do MS. “Chegamos a convidar outros produtores, do Rio Grande do Sul, por exemplo, a participarem da ação. Eles desconsideraram, não dando a devida importância ao assunto. No final, eles é que saíram perdendo”, critica.

A política de apoio governamental à

triticultura nacional moderna foi implantada em 1962 e começou a se consolidar a partir de fevereiro de 1967, com a criação da Comissão de Compra do Trigo Nacional. A CTRIN, que funcionava junto ao Banco do Brasil, foi o instrumento pelo qual o governo controlou a comercialização da produção nacional e das importações e a própria moagem do trigo no País. São muitas as coincidências. O período áureo da produção tritícola brasileira é marcado pela vigência do monopólio estatal da comercialização do cereal, ou seja, de 1965 a 1990, abrangendo nada menos do que 25 anos. A grande derrocada veio em consequência da extinção da CTRIN, no governo Collor. Após outro duro golpe, que foi a retirada do subsídio ao crédito em 1988. Os anos 90 marcaram o desmantelamento do trigo nacional. 

Dobradinha de sucesso

A estratégia da empresa Agropastoril Jotabasso Ltda., localizada em Pontaporã/MS, tocada pelo grupo familiar Santo Angelo Basso, é vender a produção no início da safra, de olho nos preços aquecidos. A colheita dos 3 mil hectares está prevista para o final de julho, com pico em agosto. Assim como o norte do Paraná, colhem cedo. A cotação obtida na safra passada foi de R\$ 13,90. Para este ano, a projeção é a melhor possível.

O trigo se encaixa perfeitamente na seqüência do cultivo de algodão, no verão. É o resultado a campo alcançado pelo terceiro ano consecutivo na empresa. De uma área de 1,4 mil hectares, semeada no ano passado, pulou para 3 mil hectares este ano, com destaque para a variedade BR 18 (um material rústico, de boa adaptação na região, melhorador e produtivo). Um crescimento, após já ter, em seu currículo, uma queda vertiginosa para apenas 400 hectares, há quatro anos.

A grande sacada está em aproveitar o residual do fertilizante usado na cultura do algodão, explica o agrônomo responsável Airton Francisco de Jesus. O rendimento não deixa a desejar e deve ficar em 2,1 mil quilos/hectare contra os 2,2 mil quilos registrados na safra passada. Em função dos sérios riscos, principalmente com a ocorrência de geadas na época do florescimento, a lavoura é formada com baixa tecnologia. Nas áreas de algodão, é feito o cultivo mínimo,



Divulgação

até porque é obrigatória a destruição de soqueira. Como a adubação na safra de verão é pesada (500 quilos/hectare de adubo na base, mais 150 quilos de uréia/hectare, mais 200 quilos de 20Nx20P), usa-se somente a adubação de cobertura (80/100 quilos de uréia/hectare).

“Aproveitando este material, e dentro desta tecnologia, o trigo se encaixa no sistema de produção como um todo. Não como uma cultura isolada”, avalia o agrônomo. E a relação do custo-benefício pros-

segue: com um custo de produção de R\$ 250,00/hectare no ano passado, a margem de lucro líquido foi de R\$ 150,00/hectare. Quanto ao custo de produção deste ano, Airton Francisco de Jesus não tem a planilha fechada, mas já considera aumentos no quesito insumos.

A Agropastoril Jotabasso tem como produção principal a soja (8 mil hectares), seguida pelo algodão (2,2 mil hectares), milho (420 hectares) e feijão (104 hectares).



*"Compadre,
produção e
inspiração são
os melhores
frutos da terra."*

Pioneirismo, seriedade e qualidade.

Quando a gente fala em Serrana, vem tudo isso na cabeça. Afinal ela foi pioneira na mineração da rocha fosfática no Brasil. Até hoje cuida de toda cadeia de produção de seus produtos, desde a extração das matérias primas até a entrega para você. Isso é seriedade.

A qualidade Serrana você pode ver quando o campo está brilhando em produtividade, produzindo mais alimentos e de qualidade superior. É por isso que a Serrana tem ISO 9002 e é a primeira a ser certificada com ISO 14001. É produtividade com qualidade de vida.

E tem mais, a estratégia logística e de distribuição leva até você, com rapidez e com a melhor relação custo/benefício, todos os produtos Serrana, garantindo maior produção na sua lavoura.

É em tudo isso que encontro inspiração.

E cá entre nós, produção e inspiração, são os melhores frutos da terra.



Serrana

FERTILIZANTES

Ao lado de quem produz

O DESPERTAR

As limitações do Proagro, de uma certa forma por não cobrir todos os tipos de danos na lavoura e não atender às demandas da agricultura, abrem cada vez mais espaço para a iniciativa privada se fortalecer neste negócio

Arnaldo de Sousa

O produtor, ou melhor, o empresário do agribusiness, vem, através de repetidas safras, sofrendo o descaso do poder público quanto à sua valorização e quanto à real vontade do governo em mantê-lo no campo. Segundo o Ministério da Agricultura, a área destinada à produção de grãos no Brasil, que era de 42,4 milhões de hectares na safra 1988/89, encurtou para 36,5 milhões no período 1998/99. Isso significa que em 10 anos encolheu 13,5%. Tratando-se da safra nacional, dados da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) mostram que a produção cresceu os pífios 3% em 10 anos. Salvo algumas honrosas exceções, ainda impera uma tecnologia de campo deficiente, equipamentos agrícolas obsoletos, crédito deficiente e caro, perda de dois sacos de 60 quilos por hectare no momento da colheita, falta estocagem adequada e os custos são insupor-



DE UM NOVO MERCADO

táveis. Isso sem falar das surpresas pregadas pelas variações climáticas e ações de pragas ou doenças.

Expostos os prós e os contras do agribusiness, quem se responsabiliza pelo que o produtor gera no campo? Como essa situação pode mudar? Se somos o celeiro agrícola do terceiro milênio, quem pode dar garantias à altura do que o homem do campo já provou ser capaz de fazer? A resposta a essas perguntas se direciona à questão do seguro agrícola. O setor começa a despertar, embora timidamente, perante as necessidades do mercado.

Segundo Roberto Rodrigues, presidente da Abag (Associação Brasileira do Agribusiness), o Brasil surge como a grande força produtora no 3º milênio. "Temos mais de 150 milhões de hectares agricultáveis (dos quais ocupamos hoje apenas um terço), temos 19% da água doce do planeta e nossa produtividade média é ainda muito baixa, de modo que há um longo caminho de incorporações de tecnologia a percorrer. Aliás, somos o país tropical que melhor tecnologia já desenvolveu, faltando apenas a sua incorporação", afirma. E continua: "Por outro lado, embora não tenhamos quase nada de proteção ou subsídio aos nossos produtores rurais (comparando-se com os 27 países da OCDE, que em 1998 gastaram US\$ 362 bilhões com diferentes formas de proteção a seus agricultores – quase US\$ 1 bilhão por dia), estamos entre os três primeiros exportadores mundiais de café, suco de laranja, açúcar e do complexo soja, sem falar em carnes, fumo, mandioca e outros produtos. E com isto, apesar de termos uma pequena participação no comércio mundial de pro-

BANCO CENTRAL DO BRASIL					
PROGRAMA DE GARANTIA DA ATIVIDADE AGROPECUÁRIA (PROAGRO), RESULTADOS ¹ POR SAFRA E PRODUTOS, SAFRAS 1994/95 A 1998/99 (EM R\$) ²					
Produto	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99
Deficitários	(13.662.873)	(4.125.343)	(779.123)	(503.244)	219.958
Algodão	(4.446.709)	(2.000.531)	(826.441)	(453.684)	20.689
Feijão	(3.882.514)	(464.278)	(81.987)	15.623	90.502
Demais	(5.333.650)	(1.660.534)	(68.183)	(521)	108.767
Superavitários	28.707.057	3.154.850	7.292.956	4.746.803	546.761
Trigo	(2.489.199)	16.457	33.662	(310.883)	157.674
Arroz	4.466.961	2.574.229	382.119	(569.340)	13.935
Milho	13.751.597	(4.618.673)	1.936.935	1.050.758	107.429
Soja	12.586.990	4.796.409	4.631.823	4.650.880	112.087
Demais	390.708	386.428	308.417	(74.612)	155.636
Total	15.044.184	(970.493)	6.513.833	4.243.559	766.719

¹ Considera-se como resultado a diferença entre o valor do adicional (ou prêmio) e o somatório de coberturas e custas periciais.
² Valores expressos em real, desprezados os centavos.
 Fonte: Banco Central do Brasil - DEOFF/DIRAI.

Nos últimos anos o Proagro deixou de ser deficitário no conjunto de suas coberturas. Para tal contribuíram a gestão mais atuarial do programa, que passou a definir prêmios proporcionais aos riscos envolvidos em cada cultura e, a partir da safra 1996/97, a utilização do zoneamento agrícola para restringir as coberturas às lavouras plantadas na época preconizadas e dentro de regiões aptas para a cultura.

duto agrícola (algo em torno de 3% do total) é este o único setor que salva nossa balança comercial", entusiasma-se Rodrigues.

Ao mesmo tempo em que registramos um PIB agrícola de 17,2% no primeiro trimestre do ano corrente, há agricultores saindo da atividade. Não bastasse a competência de toda a cadeia do agronegócio, cuja contribuição foi de US\$ 350 bilhões, ano passado, segundo dados da CNA, os produtores têm de conviver com uma tributação em cascata chegando à casa de 32%. E, para piorar o problema do homem do campo, há a falta de um seguro nacional que pudesse provê-lo numa eventual quebra da produção.

Instrumentos — Os sistemas de apoio à agricultura vigentes no País atualmente são o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), do

Governo Federal, e o Seguro Cosesp, ligado ao Governo do Estado de São Paulo, mas que já atende também aos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e aos poucos está ampliando suas fronteiras por falta de um seguro nacional. Representando o setor privado, está entrando para competir no mercado de seguros agrícolas a Porto Seguro, e outras seguradoras estão estudando essa viabilidade.

Para você entender melhor a questão do seguro agrícola, na década de 50 foi criada a Companhia Nacional de Seguro Agrícola (CNSA), que vigorou até 1966 por não ter conseguido, talvez por falta de mecanismos, cumprir com seus objetivos de garantia à atividade rural. O Proagro surgiu em 1973, com a finalidade de exonerar o produtor rural do cumpri-



mento de obrigações financeiras relativas a operações de crédito rural, quando da ocorrência de perdas das receitas esperadas em consequência de fenômenos naturais, pragas e doenças que atingissem bens, rebanhos e plantações.

A lei e as resoluções subseqüentes que aperfeiçoam o Proagro são perfeitas, para o governo e para a manutenção e sobrevivência do sistema financeiro. Seus “mecanismos de controle” asseguram que os bancos, mais especificamente o Banco do Brasil, não sejam lesados por um eventual produtor mal-intencionado. Pois, só para dar uma idéia ao leitor menos avisado, segundo o Banco Central (Bacen), a Resolução n.º 2.103 reduz a abrangência do Programa e institui mecanismos de controle mais eficientes. Dentre as modificações, destacam-se a vigência do seguro após a emergência da planta no solo, a obrigatoriedade de orçamento analítico e de seu enquadramento integral, a exigência de maior responsabilidade técnica nos empreendimentos assistidos e a automação no recolhimento de receitas e dos registros de comunicação de perdas, permitindo melhor acompanhamento e segurança nos procedimentos. Outro ponto a destacar foi a substituição do mecanismo de promover rebates no valor da cobertura, quando verificadas indenizações anteriores, por bonificações concedidas aos produtores que comprovarem bom desempenho nas safras anteriores.

Tudo bem que o governo se cerque de garantias, pois não dá para confiar em todos num mundo onde o “fio do bigode” vale cada vez menos. Há que se registrar que precisam ser revistos os procedimentos relacionados à “obrigatoriedade do orçamento analítico”. Em Brasília se baixa uma norma, mas o cumprimento dela no final da cadeia, ou seja, no campo, ainda é confusa, pelo menos para quem está preocupado em apenas produzir.

Quem são esses técnicos, engenheiros agrônomos, que analisam as propriedades e trabalham para os bancos? Quais os procedimentos que eles utilizam para avaliar a perda de uma área? Se os seguros agrícolas são elaborados para cobrir fenômenos da natureza, por que o produtor não é coberto se sua produção for atacada por uma intempérie não prevista no contrato? Na hora de avaliar a perda, o humilde produtor, que em sua maioria tem curso primário, não consegue entender onde ele errou. As regras dos planos não são muito claras, misturadas a um compêndio jurídico difícil de esclarecer o mais letrado, que dirá o homem do campo.

Contradições — Na Resolução 2.103 do Bacen, é citada a expressão “vigência do seguro”. Ora, dentro do próprio Ministério da Agricultura, as informações são desencontradas com relação a essa questão. O consenso é que o Proagro é um Programa Social e não um Seguro Agrícola. Outra questão conflitante é a não-obrigatoriedade do Proagro atrelado aos contratos de financiamento. A lei é clara: “A adesão ao Proagro é facultativa, desobrigando o produtor a ter de atrelar o programa a um financiamento”. O que na prática muitas vezes não é respeitado. José Carlos de Souza Bacarat, gerente da Central de Atendimento ao



Lima Filho: próximo passo da Cosep é garantir a renda do agricultor



Rodrigues: o Brasil surge como a grande força produtora do 3º Milênio



Montebelo: o que existe de seguro agrícola só serve para garantir os bancos

Agricultor do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, admite dificuldades na sua implementação. “Infelizmente, devido ao alto índice de inadimplência observado no Crédito Rural e ao comportamento irregular de alguns clientes, o Proagro vem passando por grandes dificuldades para indenização das lavouras atingidas por sinistros, por ocorrências nem sempre enquadráveis no Programa. Seria necessária a elaboração de cálculo atuarial, para que se atualizasse a alíquota (adicional) paga pelos clientes que aderem ao programa, a fim de o montante arrecadado ser suficiente para cobrir todas as ocorrências de perdas. É procedimento padrão não só dos gerentes do Banco do Brasil

como de qualquer agente financeiro vincular o deferimento de crédito à adesão ao seguro, tanto agrícola como crédito direto ao cliente, inclusive com seguro de vida, que quitará o empréstimo no caso de falecimento do proponente”, tenta justificar. Quer dizer que a lei manda uma coisa e o banco faz outra. Quem arca com o prejuízo é o agricultor, no fim da linha.

Além do mais, o Proagro já se mostrou insuficiente ante à demanda da agricultura deste final de milênio, pois não cobre todos os tipos de danos na lavoura. Somente casos fortuitos e de força maior, desde que tenham sido cumpridas todas as obrigações contratuais por parte do produtor, como, por exemplo, plantar

no período correto (calendário agrícola) uso de tecnologia apropriada, etc.

Segundo Bacarat, recentemente foi aprovado pelo Bacen que seguradoras particulares também segurassem as lavouras agrícolas, sob determinados parâmetros. “Para o caso do Proagro, os índices de cobrança do Programa são fixos de acordo com a lavoura, e não levam em consideração o risco individual do cliente”, explica. “O Proagro, ao contrário da Cosesp, adquiriu fama de mau pagador. Os seguros da Cosesp para algumas culturas são caros, o que o inviabiliza para muitos produtores. O bom seria que o Proagro se redimisse e surgissem mais firmas seguradoras, para o agricultor ter mais opção”, comenta Sônia Santana Martins, técnica do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (IEA).

Para o presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, Levi Montebelo, o que existe de seguro agrícola só serve para garantir os bancos. “O Proagro garante o financiamento e não a produção. Quando se começou com o financiamento, o banco financiava 80% dos recursos e 20% eram os chamados recursos próprios do produtor. O Proagro segurava 100% dos recursos aplicados na lavoura. Quando ocorria o sinistro, o Banco Central cobria os 80% do banco, e os 20% até hoje eles estão devendo. São velhacos, ladrões

e ainda não pagaram o agricultor brasileiro. Eu tenho esses recursos próprios cobertos pelo seguro, que não foram pagos”, diz. “A última vez que vi esses números deviam estar na casa dos R\$ 500 milhões, dinheiro comprado pela CPI do endividamento agrícola, realizado em 1993. O BC aplica 6% de correção ao ano e o produtor tem de arcar com uma dívida com o Banco do Brasil de um dinheiro que já é seu. Proagro não é programa agrícola. É um programa de garantia financeira da atividade agropecuária”, alfineta. Montebelo, que durante 12 anos foi perito do Proagro e Cosesp, diz que está fazendo uma leitura de produtor para produtor, não na visão do banco. Para o banco e o seguro você pagou aquela cobertura, e o risco maior é do agricultor, de perder parte ou 100%. Se ele perde parte, não interessa, ele pagou pelo total e não terá o dinheiro de volta. Explicável: 10% de R\$ 100 mil são R\$ 10 mil. E 10% de R\$ 30 mil são R\$ 3 mil. Os R\$ 7 mil investidos ficam retidos, como um risco alto que o produtor tem que assumir.

Restrições — Falta de política agrícola ainda inibe seguradoras. Na opinião de Antonio Penteado Mendonça, consultor e especialista em seguro, as seguradoras não investem em seguro agrícola no Brasil porque não há uma política agrícola de longo prazo para o País. Na medida

que a agricultura ainda é um dos carros-chefes da economia nacional, há décadas que um plano estratégico para a agricultura deveria estar em vigor. Os países da Europa têm políticas comuns, subsidiadas pelos seus governos, o que minimiza o risco das seguradoras. Os Estados Unidos, que se dizem mais liberais, também subsidiam a agricultura, e uma das formas mais eficientes é através das seguradoras. “Quando o governo deixar de fazer média e tratar a agricultura e o agricultor com o respeito que merecem, essa questão vai mudar. Quando vai ser isso, só Deus sabe”, resigna-se.

Proposta — Levi Montebelo está propondo para o governo do Estado de São Paulo a criação de um Seguro Cosesp que cubra realmente o produtor. “Neste processo, o engenheiro agrônomo irá fazer a pré-vistoria da contratação do seguro, para saber se a lavoura está enquadrada nas normas técnicas de riscos menores. E o governo estadual, dispondo de uma das poucas companhias no Brasil que faz seguro agrícola (a Cosesp), que crie esse seguro e subsidie a taxa-prêmio em algumas culturas de cestas básicas, numa área delimitada em São Paulo, onde o produtor irá exigir seriedade de todos no processo. E, nessa proposta, pode-se criar, em conjunto com a Nossa Caixa Nosso Banco (Banco do Estado de São Paulo), um financiamento dirigido a esse público. No qual, o primeiro beneficiário da apólice de seguro será o banco”, afirma. É uma proposta defendida pela Associação dos Agrônomos de São Paulo, para que a grande massa que está parada, sem produzir, principalmente os arrendatários, não precise fazer aval e penhor dos seus bens para pegar dinheiro do banco. “Porque, por essa proposta, o banco será o primeiro beneficiário da apólice do seguro”, explica.

Cosesp — Em seus 32 anos de atividade, o Seguro Cosesp (Companhia de Seguros do Estado de São Paulo) tem know-how de sobra para colocar planos de seguros que cubram a agropecuária não só na origem, mas em outros Estados brasileiros. A Cosesp se beneficiava do potencial do mercado e operava sozinha devido ao alto risco desta atividade. Em 1998, a Cosesp fechou com lucro de R\$ 33,9 milhões, com uma carteira rural de mais de 20 mil segurados. No ciclo seguinte, o número de segurados chegou

Muitas seguradoras sentem-se fragilizadas para entrar neste segmento, em decorrência da falta de política agrícola no País

ÍNDICES¹ DE PERDAS DO PROAGRO, POR SAFRA E PRINCIPAIS PRODUTOS, SAFRAS 1994/95 A 1998/99 (EM %)

Produto	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99
Deficitários					
Algodão	27,60	28,13	14,99	14,94	—
Feijão	33,76	32,38	21,19	15,10	—
Superavitários					
Trigo	35,51	-	12,12	41,00	—
Arroz	6,54	7,94	8,57	18,53	—
Milho	4,43	25,09	9,97	4,35	—
Soja	3,63	3,49	0,88	0,26	—

¹O índice de perdas é definido pelo percentual de coberturas deferidas em relação ao número de adesões, por produto. Fonte: Banco Central do Brasil - DEORF/DIRAI.



a 44,6 mil, crescimento de 121% num momento em que a economia retoma seu aquecimento.

Pioneira em várias modalidades de seguro agrícola, a Cosp é uma das primeiras empresas a segurar pés de café no mundo. A operação foi possível graças a um trabalho desenvolvido pela Cosp e oferecido a um pool de produtores ligados à Cooperaiço, Cooperativa de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais (440km de Belo Horizonte), que representa 2.300 produtores na região. De acordo com Luiz Carlos Diogo, produtor de 500 mil plantas de café e cliente da Cosp, sua propriedade teve um sinistro ocasionado pela chuva de granizo, que acabou com parte da sua plantação. "O granizo me gerou prejuízo entre 400 a 500 sacas de 60kg de café", afirma. O produtor demorou cerca de 40 dias para ser indenizado em R\$ 29 mil e por isso pagou prêmio de R\$ 1,5 mil. Este

RESULTADOS DA COMPANHIA DE SEGURO DO ESTADO DE SÃO PAULO (COSESP)
REFERENTES A GRÃOS, 01/08/98 A 31/07/99

	Número	Área	Valor segurado	Prêmio recebido	Número	Área sinistrada	Indenizações pagas
Feijão da seca	276	5.723	2.911.848	291.181	108	2.115	461.366
Soja precoce	2.289	85.091	24.974.868	1.174.406		37	104.571
Feijão da seca irrigado	44	1.102	6.444.395	32.219	—	—	—
Amendoim das águas	39	1.300	631.763	94.764	23	931	161.554
Arroz irrigado	5	256	150.704	18.084	—	—	—
Milho safrinha	2.365	81.365	18.520.965	1.852.070	47	2.418	787.690
Milho safrinha irrigado	8	748	275.163	22.013	—	—	—
Algodão	327	12.642	11.016.248	718.674	83	3.187	622.791
Feijão das águas	313	6.414	3.127.237	312.719	141	2.890	470.635
Soja ciclo médio	1.230	42.326	11.811.411	604.021	29	1.473	172.658
Feijão irrigado	245	7.597	4.532.925	181.316	2	25	26.431
Milho silagem	4	26	9.301	651	—	—	—
Arroz irrigado (muda)	2	48	29.244	3.509	—	—	—
Arroz pré-germinado	6	294	128.497	19.274	—	—	—
Total parcial	7.608	244.932	84.564.569	5.324.901	470	14.231	2.807.696

¹((Indenizações pagas/prêmios arrecadados) x 100).

Fonte: Companhia de Seguros do Estado de São Paulo (COSESP); mapa comparativo de seguros e sinistros, período 01/08/98 a 31/07/99.

Proagro faz história

O Proagro, administrado pelo Banco Central do Brasil, cobria até 80% do financiamento de custeio ou investimento concedidos aos produtores rurais pelas instituições financeiras. As comprovações dos prejuízos sempre foram feitas por entidades de assistência técnica credenciadas (bancos estatais e privados), cabendo a elas o cálculo e pagamento das indenizações aos produtores rurais, após o que eram ressarcidas pelo Banco Central. Os recursos do Programa eram provenientes de um "adicional" de 1% sobre os empréstimos rurais, cobrados dos produtores, e por verbas do Orçamento da União.

Ele foi criado em dezembro de 1973, com início em 1975. No final de 1979, sua legislação básica foi alterada, sendo que a contribuição do produtor, que era de 1%, passou a ser fixada pelo Conselho Monetário Nacional, e a cobertura, que era de 80% sobre o valor financiado, passou para 100%, incluindo-se aí os recursos próprios investidos pelos produtores nos custeios de suas lavouras.

A crise econômica do final dos anos 80 mostrava que o Proagro deveria passar imediatamente por sérias modificações estruturais e operacionais, se quisesse se manter como Instrumento de Política Agrícola, já que, a partir de 1987/88, começaram a surgir problemas de operacionalização do fluxo de recursos do Programa para o pagamento de coberturas aos produtores rurais. Assim, em 1989 o Banco Central parou de efetuar os ressarcimentos das indenizações abonadas pelos Agentes do Proagro (bancos), embasado na transferência da administração de fundos e programas para a Secretaria do Tesouro Nacional. À

época, ocorreram, igualmente, a unificação dos Orçamentos Fiscais, da Seguridade Social e das Empresas Estatais no Orçamento Geral da União e a criação da Lei de Diretrizes Orçamentárias. O Programa entrou em crise profunda, o que levou o Banco do Brasil, em 30/06/89, a suspender o recolhimento dos adicionais do Proagro à sua administração, objetivando amortizar o elevado débito acumulado com o pagamento das coberturas aos produtores rurais, tendo em vista a falta de seu ressarcimento por parte do Tesouro.

Em agosto de 1990, o Banco do Brasil, que ainda vinha pagando as devidas indenizações aos produtores rurais, foi obrigado a suspendê-las, dado o débito cada vez maior e também porque o panorama havia se agravado, pois, desde o início daquele ano, não houvera repasse de dotação orçamentária aos agentes do programa.

Em 1991, o governo federal, premido pelas circunstâncias de ter novamente de se utilizar do setor agrícola para aumentar urgentemente a oferta nacional de grãos, iniciou uma tentativa de recuperação do Proagro, efetuando o pagamento de metade do débito havido com os produtores rurais. É desse ano a promulgação da Lei Agrícola (nº 8.171, de 17.1.91), onde estabeleceu-se que o programa seria custeado por recursos provenientes da participação dos produtores rurais e outros recursos que viessem a ser alocados ao programa e receitas auferidas pela aplicação de seus recursos.

Como contrapartida, haveria cobertura, parcial ou integral, dos financiamentos de custeio rural; dos recursos próprios aplicados pelo produtor em custeio rural, vinculados ou não a financiamentos rurais.

No caso de necessidade de utilização de recursos orçamentários, sua liberação se daria quando da ocorrência de situações de adversidades climáticas generalizadas, em

que as disponibilidades do Proagro não fossem suficientes para cobrir os prejuízos apurados, devendo ser ressaltado que a garantia do Proagro foi estendida aos produtores que aplicassem exclusivamente recursos próprios em seus empreendimentos, deixando de ser somente garantidos aqueles que tinham acesso a crédito rural.

Atribuições — É tarefa dos agentes do Proagro (Banco do Brasil, principalmente), como representantes do administrador e gestor dos recursos financeiros do programa, no caso o Banco Central do Brasil, enquadrar as operações, fiscalizar os empreendimentos garantidos e examinar o pedido de cobertura do produtor rural, após o levantamento dos dados constantes dos laudos de avaliação expedidos por entidades de assistência técnica, por eles credenciadas, atribuindo-lhes ou não a indenização pretendida. A fiscalização de tais atos se dá posteriormente à sua realização e por amostragem, tendo o Banco Central o prazo de cinco anos para realizá-la.

O produtor pode recorrer à Comissão Especial de Recursos (CER), Colegiado Interministerial, que dará a última palavra da administração pública sobre o assunto, por constituir-se em única instância recursal (Art. 66 da Lei nº 8.171/91, Lei Agrícola).

Ao administrador do programa, através de seus agentes, tem cabido a responsabilidade pelo deferimento de 99,6% dos pagamentos efetuados pelo Proagro, além de sua fiscalização e gestão de seus recursos financeiros arrecadados. Quanto à CER, coube-lhe, até hoje, a responsabilidade pelos restantes 0,4% dos deferimentos das coberturas realizadas. Este histórico foi relatado por Luiz Antonio Rossetti, secretário-executivo do Ministério da Agricultura no I Simpósio Internacional de Seguridade e Zoneamento Agrícola do Mercosul.

tipo de seguro que cobre o pé de café está disponível também para São Paulo.

“Dentro do seguro agrícola a gente, hoje, cobre o custeio, do plantio à colheita. E nosso próximo passo, e já estamos trabalhando junto ao Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) é no sentido de garantir a renda do agricultor. A nossa esperança é entrar nesse novo sistema já no próximo ciclo agrícola”, explica Edson Tomaz de Lima Filho, presidente da Cosesp. Segundo Edson, o sistema é baseado no histórico de produção do agricultor para ver a expectativa da safra desse produtor, examinar o custeio dele e qual é a parte da renda que ele espera obter com aquela produtividade. Com a produtividade esperada, se faz uma projeção de preço, se estipula uma importância segurada e aplica-se uma taxa-prêmio sobre a importância segurada.

O seguro Cosesp está dividido em seguro agrícola em três modalidades, porteira fechada, seguro de florestas, de animais e de confinamento, seguro moradia rural e seguro agrícola Cosesp. Cada caso tem um tipo de cobertura, e os técnicos da empresa garantem que, havendo sinistro, em média, em 15 dias o produtor é indenizado. “O agricultor precisa pôr na

cabeça que seguro não foi feito para ganhar dinheiro e sim para resguardar o investimento e seu patrimônio das intempéries”, diz o segurado da Cosesp Luiz Carlos Diogo, de Minas Gerais.

O ramo do seguro agrícola é relativamente complicado, na avaliação da técnica do IEA, Sônia Martins. Segundo ela, não é fácil estimar o risco das atividades, pois este pode ser alto e implicar em taxas proibitivas. Os custos de operação também são altos, é preciso fazer visitas em propriedades na zona rural, tanto no caso de sinistro como para verificar as condições de implantação da cultura e de tratamentos culturais. “A Cosesp se enquadrou na lei do seguro privado porque já tinha um acúmulo de experiência que remonta a 1948, se não me engano, quando se iniciou a experiência pioneira de seguro no Brasil, que foi o seguro obrigatório do algodão, vinculado à venda de semente”, explica.

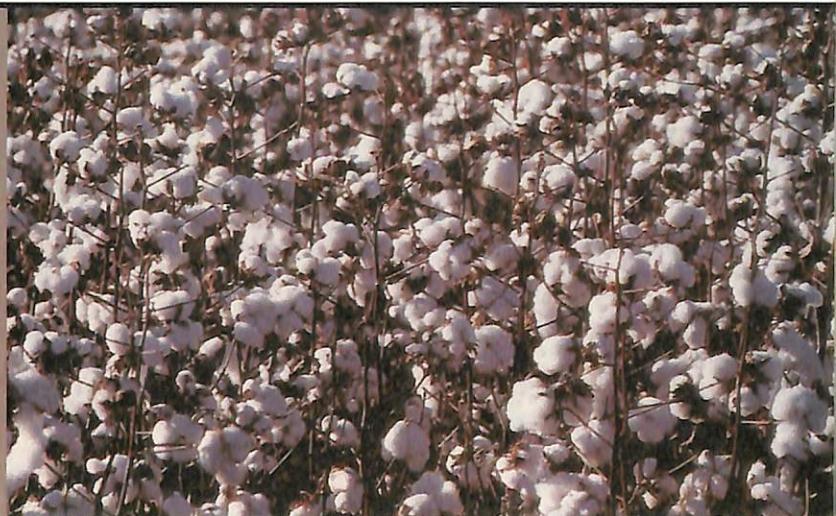
Porto Seguro — Saindo na frente para marcar posição como opção de seguro no setor, a Porto Seguro lançou há três anos o Porto Seguro Agrícola, ou seja, a terceira via para segurar o agricultor. Atuando nos Estados do Sul do País e em São Paulo, mas com possibilidade de ampliar suas fronteiras, a Porto

Seguro está entrando forte nas culturas de maçã e uva e frutas com caroço (pêssego, nectarina e ameixa). No segundo semestre de 2000, já começa a abranger o segmento de grãos (soja, milho, trigo e café) e citros.

A Porto Seguro Agrícola tem crescido 50% ao ano. Em 1998, quando foi lançado o primeiro seguro, faturou R\$ 2 milhões em prêmios. No ano passado atingiu R\$ 3,2 milhões em sua carteira. No próximo ciclo, 2000/2001, a empresa espera atingir R\$ 10 milhões em prêmios. “Nosso principal diferencial no mercado de seguros no Brasil é garantir o rendimento do produtor. Garantir o que o produtor investiu e o que ele iria ganhar na venda do produto”, assegura Ricardo Cardoso, coordenador de Seguro Agrícola da Porto.

“Com a privatização do IRB, ainda para acontecer, e a entrada de grandes resseguradoras e seguradoras estrangeiras no País, é possível que surjam outras alternativas de seguro privado, mas, mesmo assim, isso vai depender do grau de subsídio que o governo possa dar ao seguro agrícola. Note-se que todos os programas de seguro que existem nos outros países envolvem algum grau de subsídio”, explica Sônia Martins. 

Finalmente alguém pensou em facilitar a vida do produtor de algodão: semente tratada **DeltaOPAL**



A MDM coloca no mercado um produto inédito: a cultivar de algodão **DeltaOPAL** tratada. Você pode optar pelo tratamento com os produtos Bayer (TSI-Gaúcho) ou Novartis (Cruiser). Com qualquer um deles você obtém:
Melhor qualidade de tratamento • Segurança no manuseio
Agilidade na época do plantio • Melhor relação custo x benefício
É a MDM colocando toda a sua tecnologia para facilitar a vida do produtor de algodão.

ADVERTÊNCIA: A cultivar de algodão DeltaOPAL encontra-se registrada no SERVIÇO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE CULTIVARES sob o nº 00657 e protegida sob o nº 00180, de acordo com a Lei Federal de Proteção de Cultivares nº 9.456 de 1997. É expressamente proibida a multiplicação para fins comerciais, venda, importação e exportação sem a autorização do obtentor, estando sujeito às penalidades previstas em lei, em caso de infração.

 **NOVARTIS**

Bayer 
Proteção das Plantas

DeltaOPAL


Maeda Deltapine Monsanto Algodão
União forte desde a semente.
Tel.: (34) 213-3200

Plantar sempre foi

Dekalb



*Era preciso
superar limites.
Nasce a Dekalb.*

Terras esgotadas e safras em baixa. É nesse cenário da agricultura norte-americana que, em 1912, nasce a Dekalb, uma empresa feita por gente do campo, acostumada a superar as dificuldades e vencer os desafios.

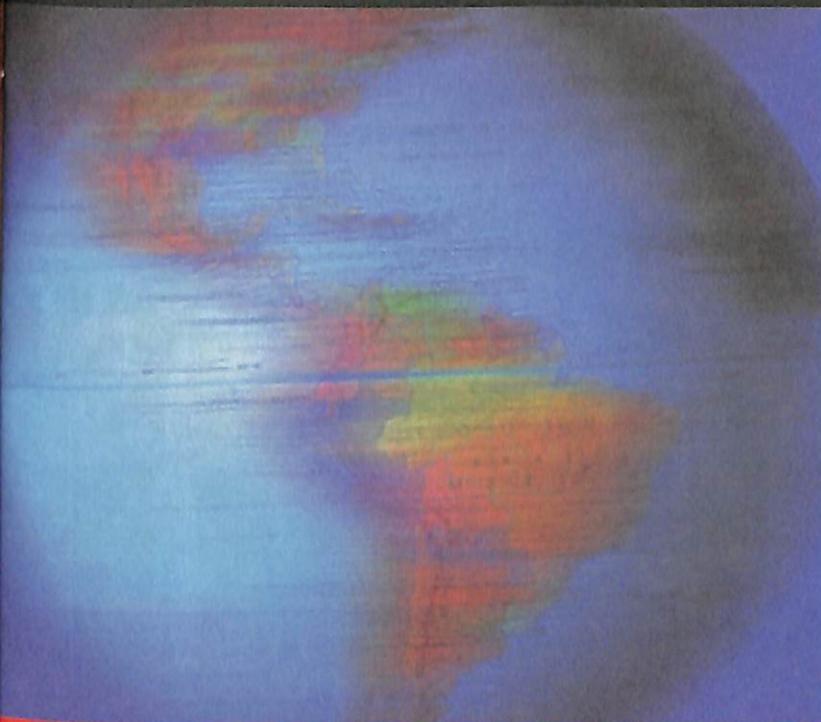


*Superar expectativas,
quebrar barreiras,
vencer desafios.*

Com o tempo, têm início novas pesquisas, até que a Dekalb desenvolve as primeiras sementes híbridas. Rapidamente essas sementes batem recordes de produtividade e chegam ao campo com a força de uma revolução.

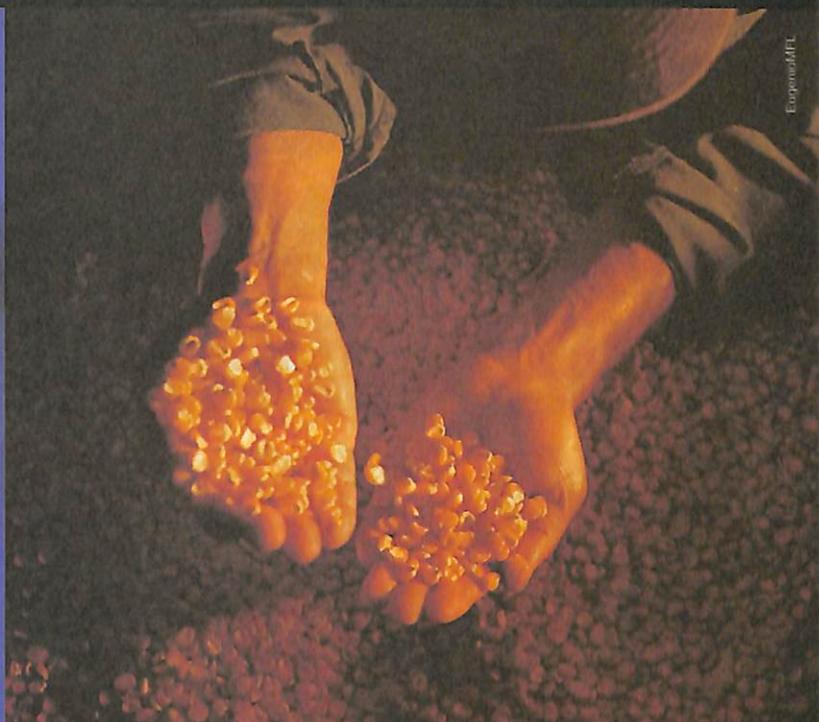
*Dekalb e o homem do campo, juntos para vencer
os limites da produtividade.*

um grande desafio



*Brasil. Terra nova
e fértil para
grandes idéias.*

Depois de plantar suas raízes em mais de 50 países, a Dekalb desembarca no Brasil: um país continental, de terras férteis e gente produtiva. As sementes Dekalb chegam ao país para ajudar os agricultores brasileiros a maximizar seus resultados e vencer seus desafios.



*Produtividade.
A gente colhe
o que planta.*

Pensando nisso, a Dekalb desenvolveu o mais completo banco de germoplasma do planeta e investiu mais de US\$ 40 milhões na unidade de beneficiamento de sementes híbridas em Uberlândia - MG. É a Dekalb ao lado do homem do campo.



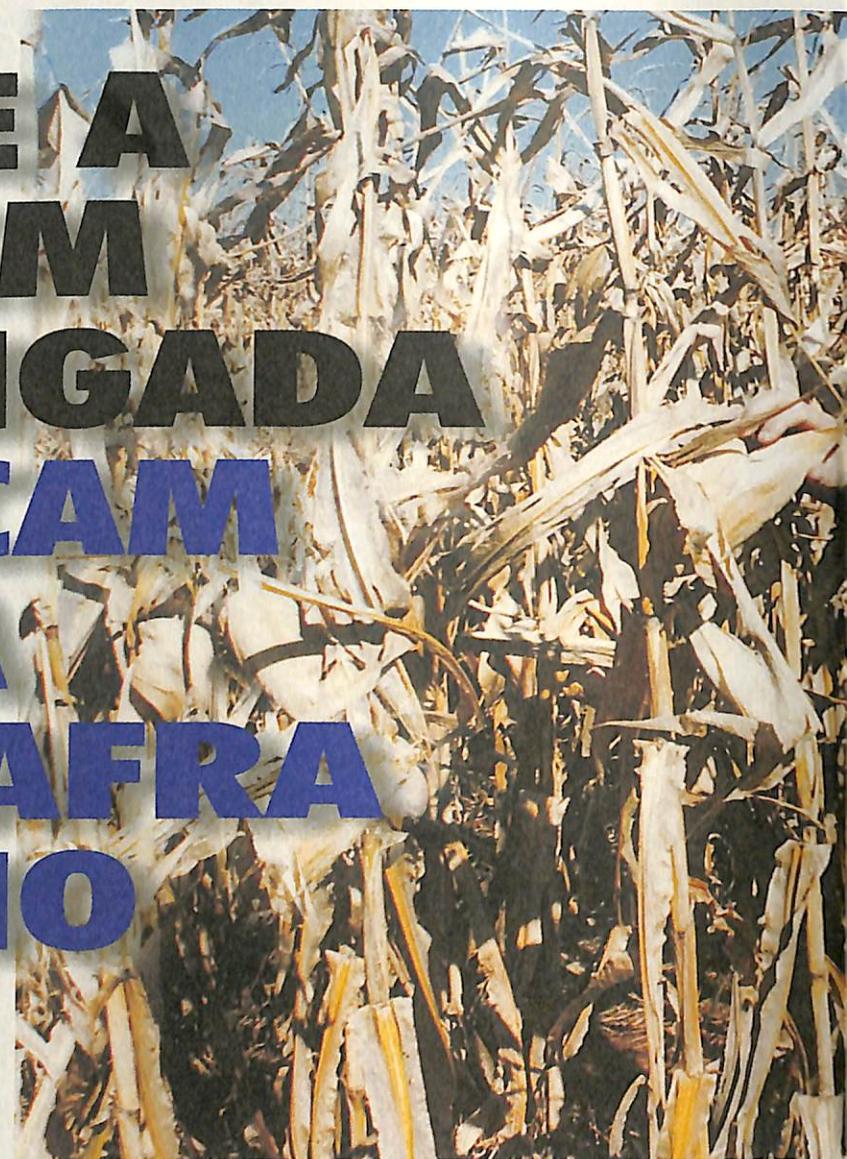
Desafiando os limites da produtividade.

MONSANTO

Alimento · Saúde · Esperança™



O FRIO E A ESTIAGEM PROLONGADA PROVOCAM QUEBRA NA 2ª SAFRA DE MILHO



Os Estados mais atingidos são justamente o Paraná e São Paulo, os maiores produtores do País. O clima também castigou as lavouras de milho safrinha em Goiás e no Mato Grosso. Nesta safra, segundo a Conab, a produtividade média geral terá uma redução de 4,1%, caindo de 2,1 mil para 2.014 quilos por hectare

Texto e fotos: Gustavo de Castro Paes

A segunda safra de milho já não pode mais ser vista como uma lavoura esporádica e trabalhada somente durante os intervalos da cultura principal da propriedade. Se forem considerados os resultados dos últimos anos, a segunda safra de milho não deve nem mesmo continuar a ser chamada pejorativamente de safrinha. Em pouco mais de 10 anos de existência, ela tornou-se uma alternativa para os produtores rurais e se transformou num grande negócio, contribuindo para a independência financeira dos agricultores e para o aumento da produção de grãos.

Neste ano, a área plantada registrou crescimento, mas as condições climáticas no Paraná e São Paulo, os dois Estados maiores produtores do País, e em Mato Grosso, afetaram o rendimento, que deverá ficar abaixo do esperado. As estimativas são que a seca provoque a redução de cerca de um milhão de toneladas na produção de milho safrinha do País. E, já considerando o frio que marcou o mês de julho, fontes do mercado acreditam que deverão ser importados mais de três milhões de toneladas do grão para atender à demanda.

Prova da expansão do milho safrinha é o crescimento da área





em quase todo o Brasil. Apesar de todos os problemas que marcaram e atrasaram o plantio da segunda safra de milho — a forte e prolongada seca que assolou boa parte da região Centro-Sul retardou o início do plantio da soja, atrasando a semeadura do milho safrinha — registrou-se neste ano um crescimento de 9,6% na área plantada na região Centro-Sul, elevando-se de 2.370,7 mil hectares, na safra passada, para 2.599,2 mil hectares, na safra atual, de acordo com levantamento para acompanhamento da safra 2000/2001 realizado em julho pelos técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Nesta safra, segundo dados da Conab, a produtividade do milho safrinha apresentou uma redução de 4,1% (caiu de

2.100 para 2.014 quilos por hectare), comparando-se ao rendimento da safra anterior. A região Centro-Sul registrou um volume de produção de 5,59 milhões de toneladas, contra 5,39 milhões de toneladas colhidas na temporada anterior, uma variação de 3,6%.

Em termos de Brasil (Centro-Sul e Norte/Nordeste), a segunda safra de milho totalizará uma área de 2.903,1 mil hectares, o que é 7,9% superior à área plantada da safra anterior, de 2.690,6 mil hectares. Quanto ao volume total da produção da segunda safra, comparativamente com o da safra anterior, constata-se um crescimento de 3,5%, ou seja, passando de 5,65 milhões de toneladas para 5,84 milhões de toneladas.

Conforme a Conab, comparando-se os números apurados no levantamento de abril com o de julho, observa-se que a redução no volume total da produção foi da ordem de 12%, passando de 6,64 milhões de toneladas para 5,84 milhões de toneladas, representando uma quebra de 797 mil toneladas. As quebras de produção, por Estado, segundo números divulgados em julho pela Conab, foram de 51,1% em São Paulo; 23,2% em Goiás; 14,8% no Distrito Federal; 3,1% no Paraná e 1,2% no Mato Grosso do Sul.

Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem números divergentes dos apresentados pela Conab. No final de junho, o Instituto estimava que a

MILHO 2ª SAFRA

U.F.	ÁREA (em mil ha)			PRODUÇÃO (em mil t)			PRODUTIVIDADE (kg/ha)		
	1999	2000	Var. (%)	1999	2000	Var. (%)	1999	2000	Var. (%)
BA	319,9	303,9	-5,0	255,9	255,3	-0,2	800	840	5,0
Nordeste	319,9	303,9	-5,0	255,9	255,3	-0,2	800	840	5,0
PR	1.008,9	1.119,9	11,0	2.623,1	2.822,1	7,6	2.600	2.520	-3,1
Sul	1.008,9	1.119,9	11,0	2.623,1	2.822,1	7,6	2.600	2.520	-3,1
MG	42,0	63,0	50,0	73,1	113,4	55,1	1.740	1.800	3,4
SP	423,2	406,3	-4,0	888,7	526,2	-40,8	2.100	1.295	-38,3
Sudeste	465,2	469,3	0,9	961,8	639,6	-33,5	2.067	1.363	-34,1
MT	362,6	366,2	1,0	543,9	769,0	41,4	1.500	2.100	40,0
MS	292,0	373,8	28,0	684,7	841,1	22,8	2.345	2.250	-4,1
GO	236,4	264,8	12,0	567,4	508,4	-10,4	2.400	1.920	-20,0
DF	5,6	5,2	-7,0	14,6	11,5	-21,2	2.602	2.210	-15,1
C-Oeste	896,6	1.010,0	12,6	1.810,6	2.130,0	17,6	2.019	2.109	4,5
N/NE	319,9	303,9	-5,0	255,9	255,3	-0,2	800	840	5,0
C-Sul	2.370,7	2.599,2	9,6	5.395,5	5.591,7	3,6	2.276	2.151	-5,5
Brasil	2.690,6	2.903,1	7,9	5.651,4	5.847,0	3,5	2.100	2.014	-4,1

Fonte: CONAB / Jul/2000



Produção: Brasil vai colher 5,8 milhões de toneladas



Safrinha já é vista como uma alternativa de renda para a propriedade rural

produção ficaria em torno de 6,9 milhões de toneladas. As previsões iniciais eram de que haveria um crescimento de 13,9% no volume a ser colhido na safra 1999/2000.

Vantagens — E não é difícil entender os motivos do crescimento da chamada segunda safra de milho. A safrinha exige bem menos investimentos do que o plantio de verão e é colhida justamente no período da entressafra, o que lhe confere um preço melhor durante a comercialização. Além disso, o milho safrinha também apresenta a vantagem de o produtor reduzir os gastos com armazenamento, já que o produto oferece uma boa liquidez, sendo colhido e prontamente comercializado. “Sem dúvida nenhuma, o milho safrinha continua sendo um bom negócio para o produtor, que melhora sua renda e otimiza seu potencial produtivo, com a diluição dos custos”, destacou José Carlos Cruz, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas/MG. “Ela já tem um papel preponderante no abastecimento interno de grãos”, acrescentou o pesquisador.

Cruz destacou, entretanto, que por apresentar uma produtividade de 30% a 40% inferior à da safra de verão, o milho safrinha envolve maiores riscos para o produtor. A falta de chuvas é o maior pesadelo dos agricultores que adotam o sistema. Neste ano, a estiagem provocou estragos consideráveis nas lavouras do Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, considerados os maiores produtores. Em Goiás, como se não bastassem os estragos provocados pela seca, as plantações situadas na zona Sul ainda foram atacadas por doenças fúngicas. “As condições climáticas não foram favoráveis e devem fazer com que o rendimento fique bem aquém do esperado. É certo que vai haver uma quebra na safra”, disse o pesquisador.

PARANÁ

No Paraná, que é o maior produtor nacional de milho e responde por 48% da produção brasileira de milho safrinha, a prolongada estiagem provocou descontinuidade no plantio e desenvolvimento do cereal na lavoura. Em função da falta de chuvas, no final do mês de junho o Estado já acumulava uma queda de 13% na produção de milho safrinha. Inicialmente prevista em 3,25 milhões de toneladas, a produção foi revisada para 2,83 milhões de toneladas, com uma redução de 419 mil toneladas na produção do cereal.

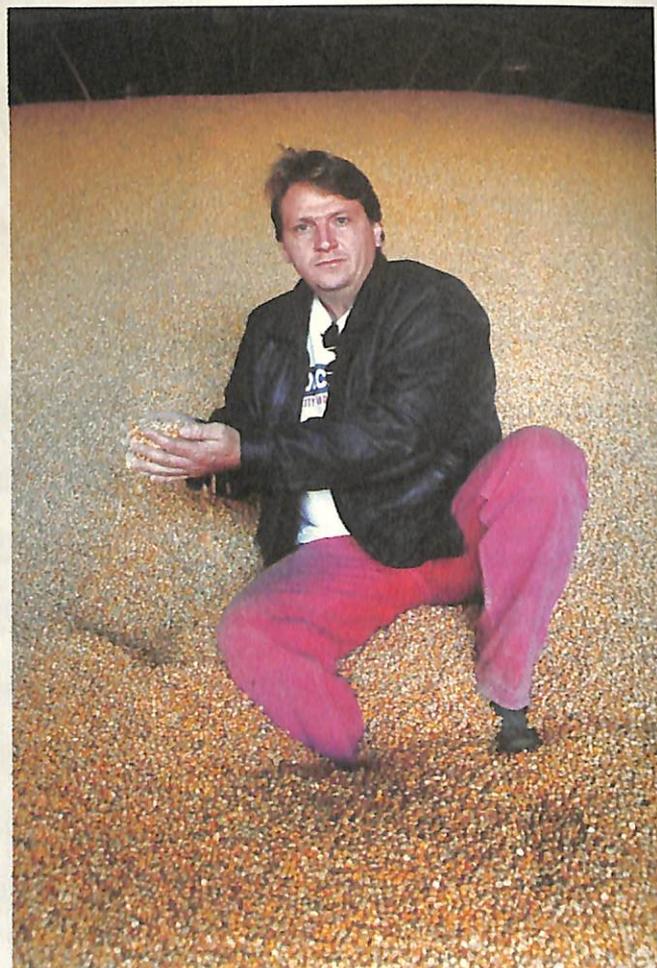
A quebra na safrinha representa um prejuízo da ordem de R\$ 75,31 milhões, de acordo com cálculos do Departamento de Economia Rural (Deral), órgão subordinado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná. Na safra anterior, foram colhidos 2,92 milhões de toneladas em 990,0 hectares.

De acordo com a engenheira agrônoma Vera da Rocha Zardo, que coordena a Divisão de Conjuntura Agropecuária do Deral, a maior quebra foi registrada na região Norte do Paraná, que concentra 34% do plantio de milho do Estado. Em função da seca, os produtores desta região vão deixar de colher 362 mil toneladas, o equivalente a 36% da produção. Esses agricultores

vão amargar um prejuízo de R\$ 73 milhões.

Conforme o levantamento do Deral, as maiores perdas ocorreram nas regiões de Cornélio Procópio, onde a quebra foi de 57%. Em Londrina, a quebra é de 52%. Em Jacarezinho, onde era estimada uma safra de 1,1 milhão de toneladas, a perda é de 33%, 30% em Ivaiporã; 28% em Apucarana e 14% em Maringá.

Além das perdas verificadas na região Norte, também foi registrada quebra de 11% no Centro-Sul, especialmente nas ►



Classi, uma exceção: comemorando os bons resultados da colheita

Só não diga que tamanho
não é documento.



Impressão de banners, cartazes, displays, frontlights, backlights,
adesivos e floordoor. Vinte e quatro horas por dia*.



Av. Plínio Brasil Milano, 1135 - Porto Alegre - RS
(51) 328.8778 - www.totaldigital-poa.com.br

*Goettens: safrinha gera
renda alternativa e otimiza
o emprego das máquinas
agrícolas*



regiões de Guarapuava e Ponta Grossa, porém, a representatividade dessa região no plantio é de apenas 3%. Nas regiões Oeste e Centro-Oeste do Estado, que concentram 38% e 16% da área plantada no Estado, respectivamente, o milho safrinha está sendo beneficiado pelo clima, e a situação das lavouras aponta boas perspectivas de produção para a cultura. “O prejuízo do Paraná ainda pode ser maior, dependendo do comportamento do clima. A maior preocupação dos produtores rurais agora é com relação à ocorrência de geadas”, disse a agrônoma. “As perdas são irreversíveis, o que deve fazer com que os órgãos federais revisem os números da safra 1999/2000”, completou a engenheira agrônoma do Deral.

Já o levantamento do IBGE aponta números um pouco diferentes, mas que também confirmam uma quebra na segunda safra de milho. Pesquisa feita no mês de maio e divulgada no final de junho mostrava que a produção paranaense de milho na safrinha caiu de 3,3 milhões de toneladas, previstas anteriormente, para 2,9 milhões de toneladas, uma redução de 400 mil toneladas. “Não fossem a técnica do plantio direto e as novas tecnologias adotadas pela maioria dos produtores paranaenses, as perdas em decorrência da estiagem ocorrida no segundo semestre de 1999 e primeiro semestre deste ano, seriam bem maiores”, ressaltou Vera da Rocha Zardo.

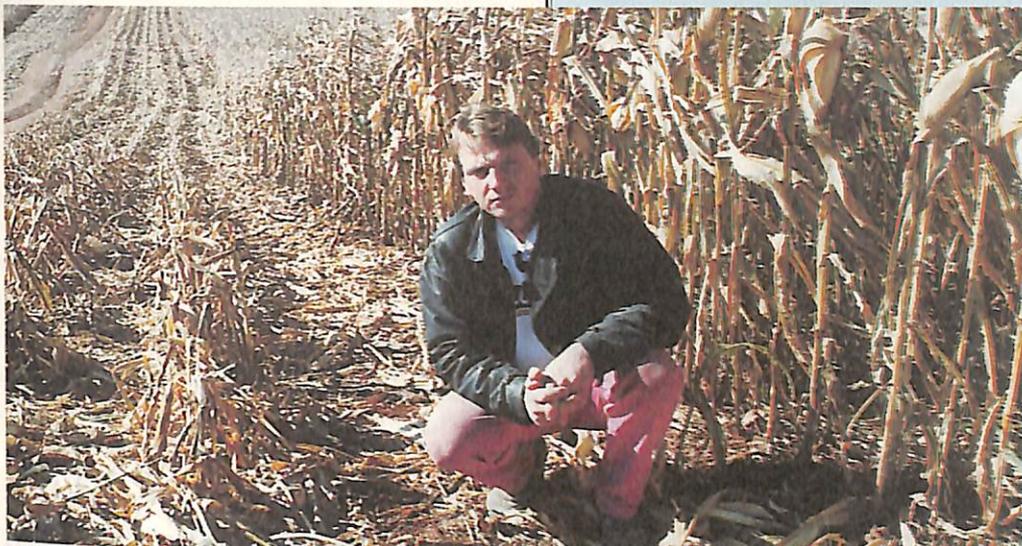
SÃO PAULO

No Estado de São Paulo, que é responsável por 15% do total da safrinha brasileira de milho e segundo maior produtor nacional, a quebra deverá ser ainda maior do que no Paraná. A estiagem castigou as lavouras nos períodos mais críticos das culturas, durante as fases de florescimento e de enchimento de grãos, provocando quedas acentuadas de produção. A estiagem propiciou o ataque da lagarta-do-cartucho, aumentando os prejuízos dos produtores pela necessidade de intensificação das pulverizações com defensivos químicos.

No levantamento de previsão e estimativa de safra, elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), em conjunto com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, realizado em fevereiro de 2000, os técnicos apontavam um crescimento na produção de 10% na safra 1999/2000, para 18,1 milhões de sacos. Na safra 1998/1999, haviam sido colhidas 988,09 mil toneladas numa área plantada de 403 mil hectares. O incremento na produção se daria graças ao acréscimo de 14,7% na produtividade (2.793 quilos por hectare), compensando a redução (4,1%) da área plantada.

Mas as coisas não saíram exatamente como o esperado. A seca atrasou o plantio da soja e, por conseqüência, a semeadura do próprio milho safrinha, aumentando os riscos de produção do cereal, em relação à deficiência hídrica dos solos provocada pela estiagem. Os produtores que normalmente iniciavam o plantio da safrinha em fevereiro e março foram obrigados a retardar o início da semeadura, realizada entre os meses de março e abril. Eles não imaginavam que a safra seria prejudicada pelo inverno mais seco dos últimos 30 anos.

Para descobrir a extensão dos prejuízos provocados pela seca, técnicos do IEA realizaram um levantamento específico nas regiões da Alta Mogiana (Escritórios de Desenvolvimento Rural – EDRs de Barretos e Orlandia) e do Médio Vale do Parapanema (EDR de Assis) na segunda e na quarta semana do mês de junho deste ano. Foram inspecionadas algumas lavouras dessas regiões e consultados técnicos da Cati, de instituições bancárias e produtores de milho safrinha. Considerando a produtividade média esperada em fevereiro, a pesquisa apontou que as perdas variam de 50% até 100%, dependendo da região.



Na região Nordeste, também conhecida como Alta Mogiana, responsável por 18,6% da produção paulista na safra 1998/1999, foram constadas perdas totais na maioria das lavouras, especialmente naquelas plantadas mais tarde (depois do dia 25 de março). Até mesmo as lavouras semeadas no período recomendado (até o dia 28 de fevereiro) foram afetadas negativamente no seu desenvolvimento vegetativo. "A falta de chuva no período crítico de florescimento, em abril/maio, provocou a formação de espigas 'chochas', sem grãos, nas culturas que se encontravam nessa fase fenológica", afirmou o engenheiro agrônomo e pesquisador científico do IEA, Alfredo Tsunehiro.

O pesquisador disse que as perdas não foram consideradas totais na região como um todo, porque ocorreram chuvas esparsas e localizadas (chuvas-de-manga) de pequena intensidade, mas suficientes para permitir alguma produção nas áreas beneficiadas pelas precipitações. As perdas na região e também para as regiões de na mesma latitude ou próximas, como Franmesma, São João da Boa Vista, Mogi Mirim, Limeira, Araçatuba e outras 28 regiões, devem ficar em torno dos 80% da produção esperada, em relação aos dados do levantamento de safras de fevereiro de 2000, feito pelo IEA/Cati. Tsunehiro afirmou ainda que o nível de perdas poderia ser considerado conservador, já que os técnicos da região acreditavam numa redução na produção superior a 90%. As perdas na região foram estimadas em 200,9 mil toneladas.

O Médio Vale do Paranapanema, assim como as regiões contíguas a Ourinhos e Avaré, também sofreram com a falta de chuvas. As lavouras, plantadas depois do período normal, sentiram muito os efeitos da estiagem. As perdas foram estimadas preliminarmente em 65%, o que cor-

Entusiasmo na colheita

Neste ano, o agricultor Carlos Augusto Classi, de Júlio de Castilhos/RS, decidiu fazer uma experiência com o milho safrinha. Ele destinou 120 hectares na Agropecuária da Palma e outros 80 hectares na Agropecuária Céu Azul para a cultura. Entre os dias 27 e 30 de janeiro, foi plantada a primeira parte, e de 30 de janeiro a 5 de fevereiro, o restante. A varie-

ponde a 303,2 mil toneladas. Nesta região, a maior produtora de milho safrinha do Estado (responsável pela produção de 48,9% na safra 1998/1999), o plantio se estendeu até meados de abril, tendo a maior parte da área sido semeada na última semana de março e início de abril.

As chuvas foram intensas e mal distribuídas em março e escassearam de forma acentuada nos meses de abril, maio e junho, época de ocorrência das fases mais críticas da cultura, o florescimento e enchimento de grãos. Os técnicos projetavam que cerca de 1/3 da área iria registrar perda de 80% a 100%, 1/3 com perda de 60% a 80%, e o restante com perda de 40% a 60%. "Mas a estimativa é que o prejuízo médio na região fique em torno de 60% a 70%", previu Tsunehiro, acrescentando que os níveis de perda ainda poderiam aumentar, caso a seca continuasse ou geasse forte, ou diminuíssem, se ocorressem chuvas superiores a 30 milímetros.

Na área de atuação da Cooperativa dos Cafeicultores da Média Sorocaba (Coopermota), cerca de 80% dos 120 mil hectares plantados foram perdidos. Para completar o estrago, as áreas mais baixas da região foram atingidas por uma forte geada, no final de junho. Devido à redução drástica na área, a produtividade na região deverá cair de 3,6 mil quilos por hectare

de semente escolhida foi a 3081, da Pioneer, um híbrido superprecoce de alto potencial produtivo, indicado para os plantios normal e tardio na região Sul e áreas irrigadas da região Central, de maior ciclo e defensividade.

Classi não se arrependeu da opção. Apesar do ataque da lagarta-do-cartucho, que provocou perda de 5%, o agricultor espera colher uma média de 115 sacas por hectare. O custo de cada hectare (incluindo custo de plantio e colheita, semente, adubo e aplicação de herbicida e inseticida) deverá ficar em torno de 35 sacas, avaliadas cada uma em R\$ 12.

Como o milho está sendo retirado da lavoura com uma umidade de 31°C, Classi estima uma perda de 25%, fazendo com que a produtividade caia para 86 sacas por hectare. A maior parte da produção é entregue para a Frangosul e para um criador de suínos. "Decidimos arriscar na safrinha de milho por causa do preço bom e também porque sabemos que o produto iria faltar na entressafra", diz.

O sucesso da experiência vai fazer com que a experiência seja repetida no próximo ano. Deverão ser plantados 110 hectares de milho, outros 110 de soja e 150 de feijão. "A safrinha de milho proporcionou um lucro bruto de R\$ 610 por hectare. Entre safra e safrinha, conseguimos tirar uma média de R\$ 1,2 mil por hectare", destaca Classi, satisfeito com os resultados.

colhidos para cerca de 1,2 mil quilos, o que deve resultar numa produção em torno de 115 mil toneladas, menos de um terço em relação às 360 mil toneladas colhidas na temporada passada.

Na região Norte do Estado de São Paulo, a quebra chega a 100% em algumas áreas. Na região de atuação da Carol, as perdas podem ter alcançado 90% da área plantada com o milho safrinha.

Os técnicos do IEA/Cati calculam que os prejuízos dos produtores com as perdas de 773,8 mil toneladas de milho safrinha em São Paulo, considerando um preço médio recebido pelo produtor de R\$ 12,00 por saco de 60 quilos, são estimados em R\$ 154,8 milhões. Perda essa equivalente a 71,20% do valor da produção prevista em fevereiro (R\$ 217,4 milhões), que seria de 1,086 milhão de toneladas. A receita bruta esperada por hectare plantado era de R\$ 558,50, e a perda estimada, de R\$ 397,60 por hectare.

GOIÁS

O Estado de Goiás, que responde por 11% da produção brasileira de milho safrinha, também registrou quebra em função da prolongada estiagem que assolou a região Centro-Sul do País, embora em menor escala do que no Paraná e em São Pau-

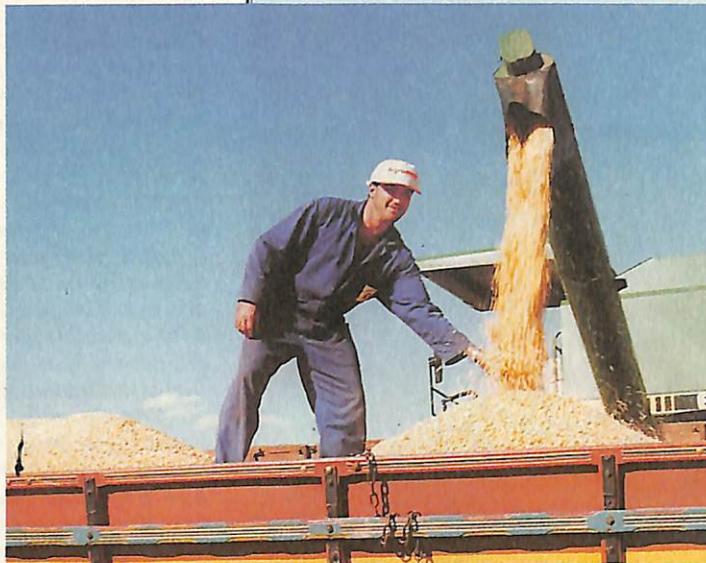
lo. Levantamento feito pela Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg) com informações do IBGE estima que foram plantados 239 mil hectares de milho safrinha neste ano em Goiás. Muitos produtores preferiram não arriscar no plantio tardio e optaram pelo sorgo. Este ano, devido a boa rentabilidade, a área plantada aumentou de 162 mil hectares da safra passada para 176 mil hectares.

A previsão inicial, realizada no mês de abril, era que a produtividade média do milho safrinha em Goiás se situaria entre 3,4 mil quilos por hectare, com um potencial produtivo de 824 mil toneladas. Na safra 1998/1999, a área plantada foi de 243 mil hectares (redução de 1,64% em relação à safra passada), mas também foi registrada quebra em função da seca. Foram colhidos somente 205 mil hectares, com uma produção de 602,8 mil toneladas.

No final do mês de junho deste ano, a situação era bem outra, para frustração dos produtores goianos de milho safrinha, concentrados na região de Jataí, Rio Verde e Mineiros. Os técnicos da Faeg revisaram os números e previam que a produção goiana de milho safrinha ficaria entre 600 mil e 650 mil toneladas, com uma produtividade média em redor de 2 mil quilos por hectare. "Em anos bons, a produtividade média atinge, com tranquilidade, os 4 mil quilos por hectare. Neste ano, em função da forte seca, a produtividade pode ficar abaixo até dos 2 mil quilos por hectare", afirmou o engenheiro agrônomo Adriano Vendeth de Carvalho, da Faeg.

No final de junho, Carvalho acreditava que os números ainda poderiam ser piores até o final da colheita, que em alguns casos será feita em julho e até o meio de agosto. "No momento, apenas 5% da segunda safra de milho já foi colhida. A produção pode ficar abaixo das 600 mil toneladas, e a produtividade ser inferior aos 2 mil quilos por hectare, porque em algumas plantações os produtores não estão conseguindo colher nada", disse o engenheiro agrônomo.

Como se não bastasse a seca, este ano as lavouras de milho safrinha de Goiás foram atingidas por uma doença fúngica, a cercosporiose, que também é conhecida como cercospora em milho ou mancha de



Alternativa rentável

Até dois anos atrás, o agricultor Valmir Carlos Goettens, da localidade de São Martinho, no interior de Três Passos/RS, era acostumado a praticamente cessar suas atividades depois da colheita da cultura de verão. Na safra 1998/1999, ele fez sua primeira experiência com a safrinha de milho, na tentativa de melhorar sua renda e pôr um fim na ociosidade das máquinas e da terra após a colheita da safra de verão. Destinou 30 hectares para a cultura, que

acabou sendo prejudicada pela estiagem, obrigando o agricultor a fazer um novo plantio. Naquele ano, a produtividade foi de 67 sacas por hectare.

Na safrinha deste ano, Goettens decidiu não arriscar e manteve a mesma área plantada com o milho safrinha, através do sistema de plantio direto. A variedade escolhida foi a XL 345, da Agromen, indicada para o plantio normal e tardio na região Sul. A lavoura foi plantada no dia 20 de janeiro. Três semanas sem chuvas favoreceram o aparecimento da lagarta-do-cartucho na plantação, exigindo a aplicação de defensivo químico. Apesar do apetite voraz do inseto, a produtividade média por hectare deverá ficar em torno de 60 sacas, o que está deixando Goettens satisfeito. "A safrinha é compensatória. Está muito bom, considerando que a produção será comercializada a R\$ 11,50", festeja o agricultor.

Goettens pretende aumentar a área plantada no ano que vem, mas esbarra na falta de estrutura e no alto preço cobrado pelas cooperativas que fazem a secagem da produção. "Às vezes, chove durante toda a semana e as cooperativas se recusam a trabalhar nos finais de semana, para não ter de pagar hora extra para os empregados", reclama o agricultor. Ele quer se juntar a outros 19 vizinhos e criar um Clube de Amigos da Terra para construir um silo e secador comunitários. "Se conseguirmos isso, vou plantar ainda mais milho na safrinha", promete.

cercospora. Na região de Rio Verde, Montividiu, Jataí, Mineiros e Acreúna, a doença apresentou um alto grau de ataque, reduzindo a produtividade em até 90% em alguns híbridos.

A cercospora do milho é uma doença que apareceu nos Estados Unidos nas décadas de 50 e 60, chegando a provocar perdas de até 80% a 100% no rendimento dos grãos de milho. Ela é causada pelo fungo *Cercospora zae-maydis* Tehon & Daniels e *Cercospora sorghi* var. *maydis* Bil & Ev. Os sintomas se iniciam nas folhas, caracterizadas como lesões cloróticas (amareladas) ou necróticas, de coloração palha e acinzentadas, sempre delimitadas pelas nervuras da folha, de formato retangular. "Até três ou quatro anos atrás, não havia sido registrada nenhuma doença nas lavouras de Goiás, mas nesse ciclo produtivo de milho safrinha no Centro-Oeste as doenças vêm avançando cada vez mais", analisou Carvalho.

MINAS GERAIS

A safra de inverno em Minas Gerais foi estimada pela Conab, no quarto levantamento da safra 1999/2000, realizado no mês de abril, em 113,4 mil tonela-

das, 55,1% superior à observada na safra 1998/1999, quando foram colhidas 73,1 mil toneladas.

RIO GRANDE DO SUL

Ao contrário dos Estados do Centro-Oeste e do Centro-Sul do País, a colheita da safrinha está transcorrendo sem maiores incidentes no Rio Grande do Sul. A seca castigou a cultura de milho na safra de verão. A estiagem verificada na maior parte do Estado no mês de novembro atingiu as plantações de milho em um estágio crítico de desenvolvimento das plantas (formação e enchimento de grãos), provocando prejuízos significativos.

Na safrinha deste ano, foram plantados 140 mil hectares. A Emater projeta que a produção gaúcha de milho safrinha fique em torno de 363 mil toneladas. A estimativa de produtividade é de 2.453 quilos por hectare. No início de julho, de acordo com a Emater, já haviam sido colhidos 70% da área no Estado, chegando a 90% na região Noroeste do Estado. O pouco que ainda restava a colher encontrava-se "dobrado" na lavoura, e seria retirado aos poucos, conforme a necessidade, nas semanas seguintes. 



AGRICULTURA AVANÇADA,



AGRICULTURA CASE IH.



Estar sempre à frente, na fronteira do conhecimento e da produtividade. Este é o grande objetivo de um produtor Case IH. E ele sabe que hoje e no futuro pode contar com as soluções Case IH neste desafio. Porque Case IH é muito mais do que máquinas avançadas. Case IH é o mais moderno sistema de

mecanização agrícola, para quem sabe extrair o máximo de cada palmo de terra e o máximo de rentabilidade do seu agronegócio. Agricultura avançada, soluções Case IH.

Para saber a melhor maneira de investir num Case IH, conte sempre com a assessoria do seu concessionário.

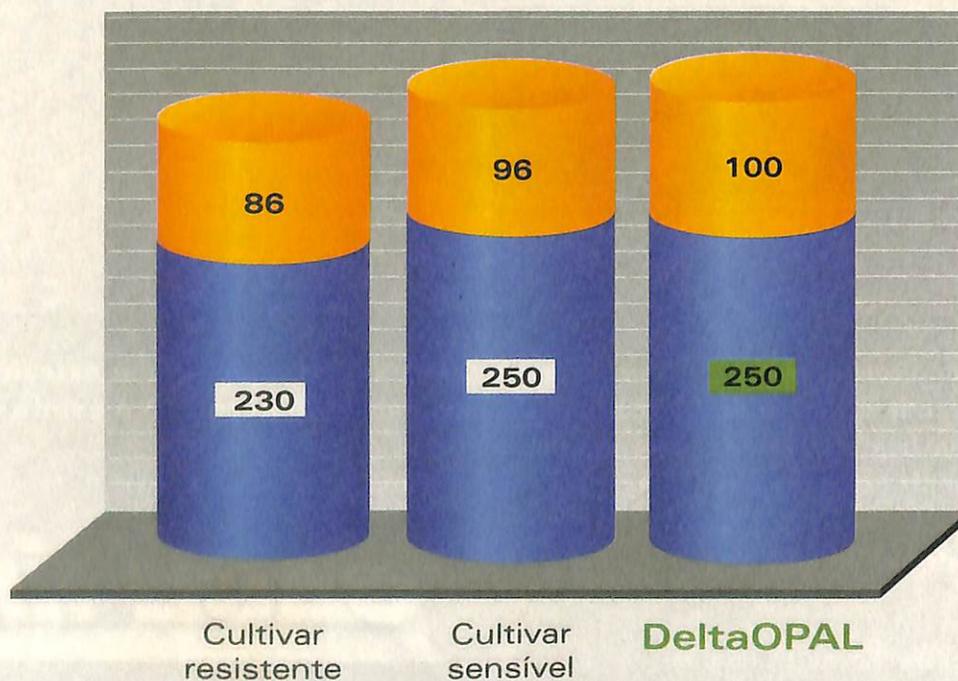
CASE IH

Soluções avançadas, soluções Case IH.

Com a cultivar de algodão DeltaOPAL,
você investe menos e produz mais.



Alta produtividade



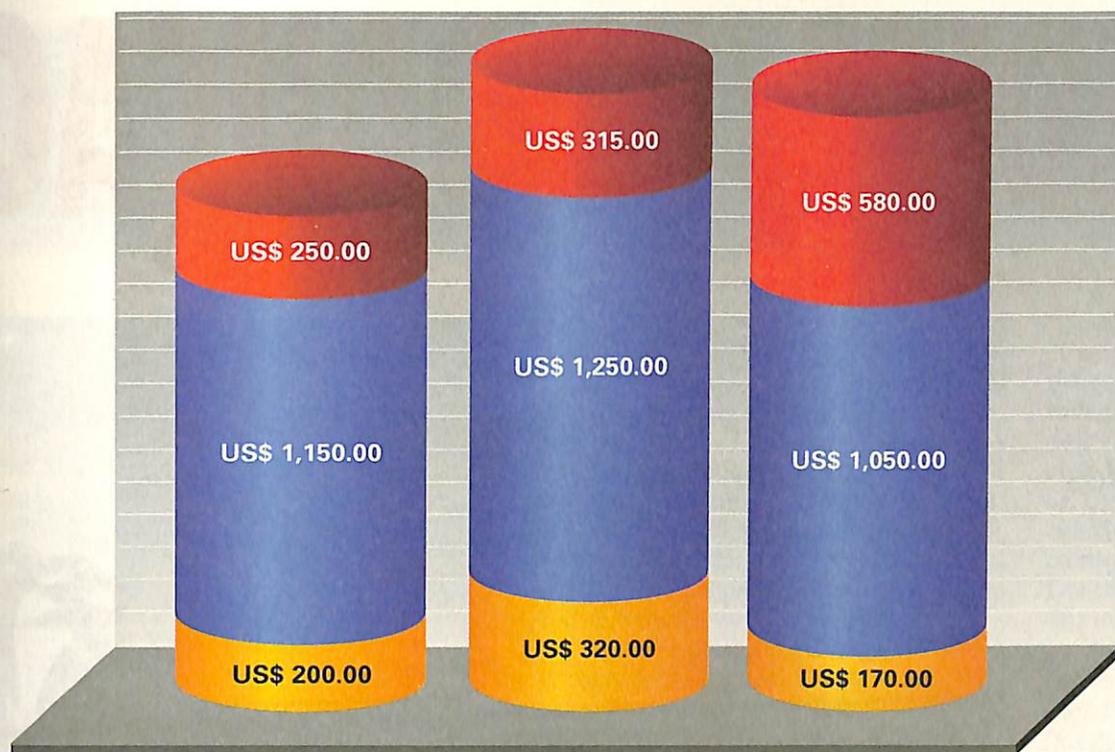
Características DeltaOPAL:

- Alto rendimento de pluma (39-41%)
- Alta capacidade produtiva (até 350@/ha)
- Uniformidade de peso nas maçãs
- Qualidade de fibra superior


Rendimento
de pluma
@/ha


Produtividade
@/ha

Excelente relação custo-benefício



Cultivar resistente

Cultivar sensível

DeltaOPAL

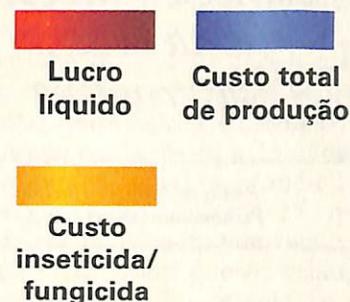
Resultados médios obtidos em nível nacional

Características DeltaOPAL:

- Resistência às viroses
- Segurança no investimento
- Menor custo com inseticidas
- Multirresistência às doenças foliares

Pluma comercializada a US\$ 16.3/@

Rendimento DeltaOPAL: 40%



A MDM conhece a fundo o perfil e as necessidades do produtor de algodão moderno: produzir mais, diminuir os custos de investimento, conquistar mais segurança e obter maiores ganhos com a utilização de tecnologias que apresentem vantagens para a cultura do algodão.

Bem adaptada às condições brasileiras e com eficácia superior comprovada, DeltaOPAL proporciona o máximo de rendimento no campo e na indústria.

DELTAOPAL. Nós PLANTAMOS A MELHOR TECNOLOGIA NO MERCADO PARA VOCÊ COLHER OS MELHORES RESULTADOS EM SUA PRODUÇÃO.

ADVERTÊNCIA: a cultivar de algodão DeltaOPAL encontra-se registrada no SERVIÇO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE CULTIVARES sob o nº 00657 e protegida sob o nº 00180, de acordo com a Lei Federal de Proteção de Cultivares nº 9.456 de 1997. É expressamente proibida a multiplicação para fins comerciais, venda, importação e exportação sem a autorização do obtentor, estando sujeito às penalidades previstas em lei, em caso de infração.



União forte desde a semente.

DeltaOPAL



A semente do algodão que você quer.

Rua Victor Rodrigues Rezende, 450 Uberlândia - MG Tel.: (34) 213-3200

ACREDITE, PRODUÇÃO

Seguindo o exemplo de países como Estados Unidos e Uruguai, o Brasil começa a investir nesta criação alternativa

Fábio de Moraes Hosken
Fmhosken.bh@zaz.com.br

Criar emas em cativeiro já é uma realidade para pequenos, médios e grandes proprietários rurais. O mercado de animais silvestres está em franca expansão e são muito boas as perspectivas de lucro. Apesar de a atividade estar apenas se iniciando aqui no Brasil, não é, propriamente, nenhuma novidade: outros países, como Estados Unidos e Uruguai, há muito iniciaram suas criações e já estão inseridos no comércio mundial dos produtos do animal.

O que acontece é que, no Brasil, a atividade está tomando um novo direcionamento e apresenta boas perspectivas comerciais — tanto no mercado interno como no externo. É uma criação vista com bons olhos, já que contribui para a preservação da espécie, pois favorece a realização de estudos e pesquisas nas áreas de reprodução, produção e melhoramento através da seleção, além de contribuir para a reintrodução da ema em locais onde está extinta ou em perigo de extinção.

Animais precoces — Os resultados da criação comercial de ema são bastante precoces. A fêmea adquire maturidade sexual com apenas um ano de idade e reproduz já a partir do segundo ano. Os



ninhos são feitos em depressões no solo, cobertos de folhagens e gramíneas. Somente o macho incuba os ovos, cujo número depende da quantidade de fêmeas por macho.

Uma fêmea adulta é capaz de pôr, naturalmente, de 10 a 18 ovos por ciclo, pesando em média 605g por ovo, com um intervalo de postura de dois dias. A fêmea põe os ovos fora do ninho e o macho se encarrega de arramá-los para a

choca, rolando-os para dentro do ninho. Ele coleta os ovos de todas as fêmeas do grupo, até um número que considere satisfatório, variando de 10 a 40. Mesmo juntando muitos ovos, o macho tem capacidade para chocar um número que varia entre 20 e 25 ovos.

A grande vantagem desta espécie é o elevado número de descendentes por matriz e por área, como demonstrado na tabela a seguir:

DE EMAS TEM MERCADO



Divulgação

Instalações — O proprietário rural que tiver apenas 5 hectares pode implantar, com sucesso, uma criação de emas em sua propriedade. O primeiro passo é adquirir os animais de outros criadouros devidamente licenciados pelo IBAMA — ou, então, mediante licença para capturá-los na própria natureza, o que reduz o investimento inicial.

O ideal é procurar a assessoria de um técnico, pelo menos no início da atividade. Um casal adulto custa, em média, R\$ 1 mil, mas o criador pode optar por comprar filhotes e ir aprendendo as particularidades do manejo. Um filhote com três meses custa, em média, R\$ 350,00.

No cativeiro, as emas permanecem a maior parte do tempo no piquete. Por questões lógicas de segurança, todo o criatório deve ser cercado com tela de alambrado fio 14, com, no mínimo, um metro de altura, mais três fios de arame acima da tela. Para dividir os piquetes internamente, outra opção são cercas de arame liso, com espaçamento de 20cm. É aconselhável construir, espalhados pelo criadouro, pequenos abrigos com 30m² cobertos, para facilitar o fornecimento de alimentação e servir de proteção para os animais. Em função do comportamento e das exigências das aves, recomenda-se que o piquete seja coberto com vegetação rasteira e que tenha árvores ou arbustos para servir de abrigo para as emas.

A água pode ser fornecida através de bebedouros, mas tem de ser limpa e estar sempre à disposição das aves. Os bebedouros devem estar localizados em áreas sombreadas, ao nível do solo ou a uma altura máxima de 30cm.

A criação de emas em cativeiro

necessita também de uma creche-maternidade. Esta instalação pode ser de madeira e coberta de telhas, toda fechada e com uma porta voltada para um piquete. Dentro, é necessário haver fontes de calor para abrigar os filhotes. Podem ser campânulas a gás, ou ainda lâmpadas. Dentro deste viveiro devem ser instalados cochos de alimentação.

Ao separar os animais para o acasalamento, observe a proporção de um a dois machos para duas a 10 fêmeas. As fêmeas põem cerca de 20 a 25 ovos no primeiro ano de postura, a média de ovos/ano na idade adulta é 25 ovos. Apesar de ser um número que vem crescendo, na medida em que os criadouros fazem um trabalho de seleção genética, ou melhoram certas práticas de manejo.

Ou seja, o aumento da postura e o nascimento de filhotes estão diretamente ligados ao manejo dos animais e alimentação. Fatores como o local do criatório, condições climáticas, recursos, bem como as preferências do criador, também influenciam.

Se for possível, vale a pena investir numa incubadora, que, bem regulada, garante um índice de eclosão em torno de 80%. Além disso, incubação artificial estimula a postura, pois tira os ovos do ninho.

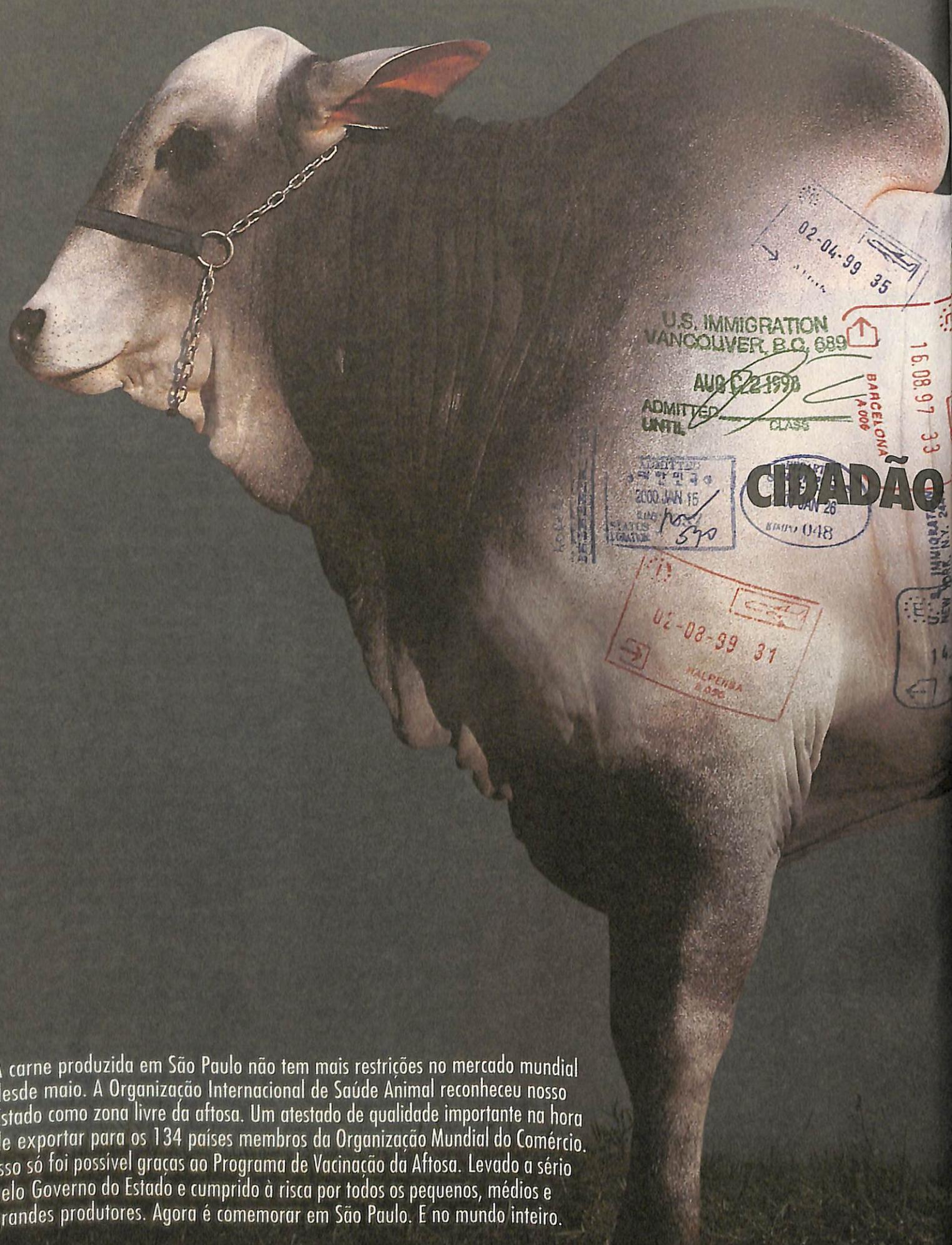
Outros fatores, como a área disponível para os piquetes de reprodução, o número de reprodutores, ou a dominância (potência) dos machos, também influem no resultado. Uma técnica utilizada com sucesso é a introdução de machos-reservas no terço final do período de postura — caracterizado pela redução de números de ovos e da fertilidade. A entrada desses machos nos grupos reinicia a disputa pelas fêmeas, estimula sexualmente os animais e tem resultado no prolongamento dos períodos de postura e do nascimentos dos filhotes. 

**ESTUDO COMPARATIVO BOVINO X EMA
PRODUÇÃO ANUAL POR HECTARE**

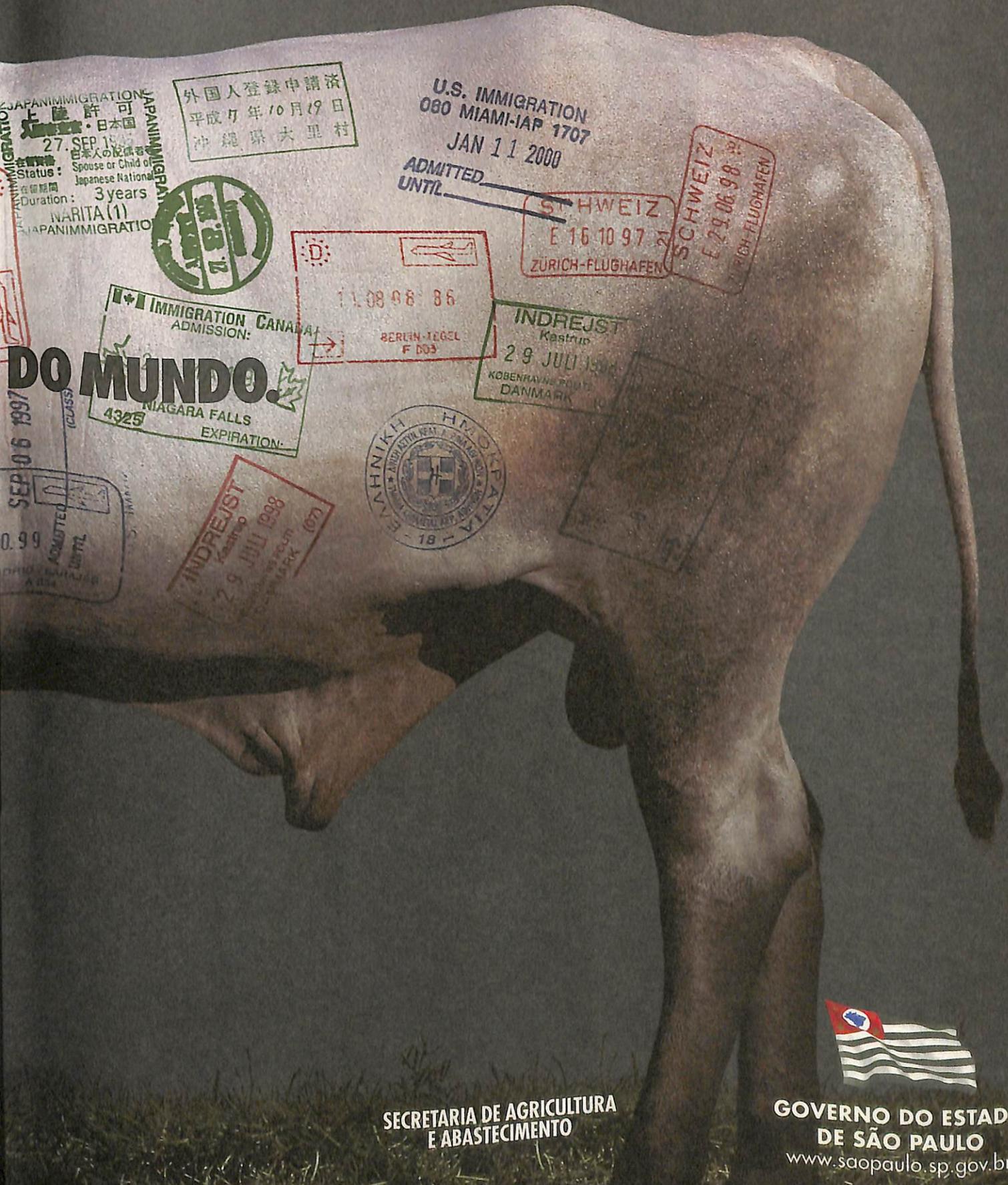
Lotação (ha)	Descend./ Ano	Total de carne/ano (kg)
1 vaca	1	240*
10 fêmeas e 4 machos (2 colônias)	150	2.250 (15kg* x 150 animais)

*Considerou-se um rendimento de carcaça de 50%.





A carne produzida em São Paulo não tem mais restrições no mercado mundial desde maio. A Organização Internacional de Saúde Animal reconheceu nosso Estado como zona livre da aftosa. Um atestado de qualidade importante na hora de exportar para os 134 países membros da Organização Mundial do Comércio. Isso só foi possível graças ao Programa de Vacinação da Aftosa. Levado a sério pelo Governo do Estado e cumprido à risca por todos os pequenos, médios e grandes produtores. Agora é comemorar em São Paulo. E no mundo inteiro.



JAPANIMMIGRATION
 日本国
 27. SEP 1997
 Status: Spouse or Child of Japanese National
 Duration: 3 years
 NARITA (1)
 JAPANIMMIGRATION

外国人登録申請済
 平成7年10月19日
 沖縄県大里村

U.S. IMMIGRATION
 080 MIAMI-IAP 1707
 JAN 11 2000
 ADMITTED
 UNTL _____



SCHWEIZ
 E 16 10 97
 ZÜRICH-FLUGHAFEN
 SCHWEIZ
 E 29 06 98
 ZÜRICH-FLUGHAFEN

11.08.98 86
 BERLIN-TEGEL
 F D03

INDREJST
 Kastrup
 29 JUL 1998
 KOBENHAVN ROYAL
 DANMARK

DO MUNDO
 IMMIGRATION CANADA
 ADMISSION:
 NIAGARA FALLS
 4325
 EXPIRATION:



INDREJST
 Kastrup
 29 JUL 1998
 KOBENHAVN ROYAL
 DANMARK (07)

SEP 06 1997
 ADMITTED
 UNTL _____



SECRETARIA DE AGRICULTURA
 E ABASTECIMENTO

GOVERNO DO ESTADO
 DE SÃO PAULO
 www.saopaulo.sp.gov.br

Originários da região de fronteira entre a Escócia e a Inglaterra, os border collie são os cachorros ideais para o trabalho no campo. Pode-se dizer que sua atividade equivale à que o peão faz a cavalo.

De vira-lata ele tem a aparência, o jeito faceiro e a esperteza.

Acredita-se que a raça tenha sido introduzida no Brasil há aproximadamente 30 anos.

Texto e fotos: Gustavo de Castro Paes



ICADO PARA AS LIDAS CAMPEIRAS



**Breno Funck e
seus border collie
na Escola de
Treinamento La
Conquista, em
Porto Alegre/RS**

A velha máxima gaúcha de que “cachorro ovelheiro só matando” não se aplica em nada aos border collie, uma raça descendente de cães pastores de renas. Incansáveis e inteligentes, eles são os mais indicados para as lidas campeiras. Sua atividade equivale à que o peão faz no campo a cavalo. À primeira vista, o border collie lembra um autêntico vira-lata, mas é um cão resistente, ágil, capaz de impor-se a qualquer rebanho. Ele possui um tipo de olhar hipnótico que controla os bovinos, mas também recolhe com a mesma eficiência cabras e aves, como galinhas e gansos. Entretanto, é no trabalho com ovinos que mais se destaca sua habilidade.

O border collie — que aparece no filme “Babe, o porquinho atrapalhado”, junto com um simpático leitãozinho que sonhava um dia conduzir um rebanho de ovelhas — é um cão pastor desenvolvido ao acaso por pastores e fazendeiros na região de fronteira (border), entre Escócia e Inglaterra. O cão foi levado para a Escócia durante a invasão dos guerreiros vikings e depois sucessivamente cruzado com os Pastores de Vallée. Em pouco tempo, se espalharam pela Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, sempre acompanhando os rebanhos de ovelhas.

Não existem registros oficiais, mas a raça deve ter sido introduzida no Brasil há aproximadamente 30 anos, mas poucas pessoas conheciam as habilidades do cão pastor. Antes de desembarcar em terra tupiniquim, o border collie fez uma escala na Nova Zelândia. De lá, foi trazido para Uruguaiana, um município localizado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, na divisa com a Argentina.

Sua expansão se deu no outro extremo do Estado, mais precisamente na Zona Sul. Nas últimas quatro décadas, o pecuarista Genoíno Farias Ferreira, 78 anos, proprietário da fazenda Calafate, situada no município de Rio Grande/RS, espalhou, por várias propriedades gaúchas, mais de 200 cachorros. O detalhe é que nenhum deles foi vendido. Todos foram dados de presente para amigos, com a intenção de popularizar a raça. “Fiz com a intenção de servir os amigos e expandir a criação dos border collie, que é um cachorro inteligente e muito dócil.



O border collie possui um olhar hipnótico capaz de controlar os ovinos



Os cães da raça são incansáveis e inteligentes



O standard da raça

Não existe um standard oficial da raça, seja em aparência, seja em temperamento. No entanto, pela história de cruzamentos entre Key Dogs (cães importantes da raça), percebe-se que quatro tipos principais de border collie são mais frequentes, todos puros e originários da mesma região. O Northumbriam Type (capa preta com branco na coleira, peito, ponta da cauda, patas, focinho e testa); Wiston Type (com abundantes pêlos no peito e patas dianteiras); Herdman's Tommy Type (preto, branco e amarelo) e o Nap Type (energéticos, pêlo áspero, que podem ter originado o "Australian Kelpie").

Nem todos os cães se enquadram nes-

tes padrões, sendo que alguns têm pêlo mais sedoso, outros, mais áspero, e alguns, intermediário. Na maioria das vezes, apresentam as cores branco e preto. Mas também podem ser todo branco, todo preto, marrom avermelhado e branco e tricolor (preto, branco e amarelo). Os cães com o pêlo todo preto podem deixar as ovelhas nervosas por se aproximarem de maneira semelhante a uma sombra. Já o cão todo branco não é muito popular entre os criadores porque as ovelhas não demonstram muito respeito por ele.

O border collie é médio e tem o corpo de aparência atlética, com o peito largo e rebaixado. Os machos medem, em média, entre 43 e 50 centímetros, enquanto as fêmeas são um pouco menores, de 40 a 45 centímetros de altura. Os machos pesam de 13 a 22 quilos e as fêmeas de 13 a 18 quilos. O focinho é curto e côncavo. Os olhos têm expressão viva, suave e esperta, e geralmente são de cor castanha. As orelhas apresentam textura e tamanho medianos, bem afastados, são levemente caídas e atentas ao menor ruído. A cola é longa.



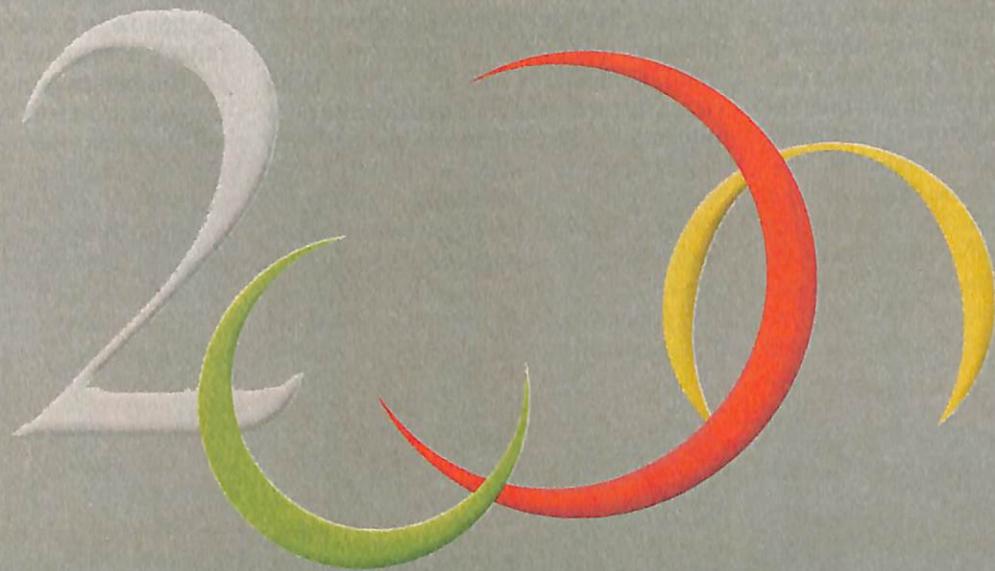
Para o trabalho de campo não existe cachorro melhor", ressalta Ferreira. Atualmente, ele cria apenas quatro cachorros, mas devido a intensa procura já pensa em aumentar a criação. "Me telefonam de todos os cantos pedindo para comprar os border collie", atesta o pecuarista.

O criador Breno Funck, de Porto Alegre, é outro apaixonado pelos border collie. Ele mantém três cachorros na Escola de Treinamento La Conquista, situada na localidade de Estrada Costa Gama, próximo à capital gaúcha. Os border collie de Funck costumam se apresentar em feiras agropecuárias, mostrando suas habilidades. Na última Expointer, em setembro de 1999, os cães foram destaque, ao conduzir lotes de ovelhas pelas ruas estreitas do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. Sempre que uma ovelha se desgarrava, era convencida a desistir de fugir pelo olhar firme dos cachorros.

Ao contrário de outras raças, o border collie não morde as ovelhas. No máximo, segura-as com os dentes na lã. Ele fita firmemente o rebanho e faz o trabalho sem latidos e movimentos bruscos, o que ajuda a não estressar os animais. Caminha abaixado e, às vezes, anda suavemente na ponta das patas. Se for preciso, o cão se desloca lateralmente para manter o olhar fixo no rebanho. Desde a formação de sua raça, o border collie foi caracterizado como um cão extremamente inteligente, com grande habilidade de mover pequenos ou grandes rebanhos de ovelhas de maneira calma e silenciosa.

No trabalho em mangueira, ele costuma aplicar pequenas esbarradas nas

O border collie controla com eficiência rebanho de ovinos



expointer

Agropecuária desenvolvendo o Rio Grande
La agropecuaria desarrollando Rio Grande
Agriculture developing Rio Grande

26 de agosto a
03 de setembro de 2000

Parque de Exposição Assis Brasil - Esteio - RS - Brasil
www.expointer.rs.gov.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria da Agricultura e Abastecimento

ovelhas. Dentro do brete, caso uma ovelha resolva empacar, ele é capaz de caminhar por cima das outras para cutucar a teimosa. "Ele sabe distinguir a ovelha que é a líder do rebanho. Além disso, quando uma delas escapa do lote com o cordeiro, o cachorro se preocupa somente em buscar a ovelha, porque sabe que o filhote vai vir atrás da mãe", afirma Funck.

Os border collie não conseguem ficar parados um instante sequer. Sem atividade, ficam estressados. São mais indicados para o trabalho no campo, mas

também podem ser criados em casas, na cidade. Eles convivem com crianças e impedem que estranhos entrem no pátio, como os melhores cães de guarda. Uma xícara de ração por dia é o suficiente para alimentá-los. Extremamente rústicos, eles são capazes de dormir ao relento ou na chuva, por gosto. O filhote custa entre R\$ 500 e R\$ 700, e o adestramento custa outros R\$ 200 por mês, sendo que o treinamento pode durar de três a 10 meses. "O cachorro pode ficar pronto até em 60 dias, dependendo da genética do animal

ou se o comprador deseja um cão que apenas faça o serviço ou o serviço perfeito", acrescenta Funck.

Em países como os Estados Unidos e Inglaterra, existe um grande número de escolas para adestramento dos border collie. No Brasil, o número de escolas que trabalham com a raça ainda é muito pequeno e o aprendizado é informal. No exterior, alguns criadores de border collie levam a educação de seus filhotes tão a sério, que os cachorrinhos chegam a ser amamentados por uma ovelha. 

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS - GRANDES NEGÓCIOS

LEGÍTIMO FRANGO CAIPIRA BRASILEIRO

Pintos de 1 dia: **Paraíso Pedrês - corte**
Rubro-Negra - postura



CRENCIAMOS
REVENDEDORES

www.frangocaipira.com

FAZENDA AVES DO PARAÍSO
Fone: (11) 7805-0057

MÁQUINA PARA TRATAMENTO DE SEMENTES

Caixas de inoculantes e rosca transportadora da semente em polipropileno (não causa danos mecânicos à semente)



BANDEIRANTE

Av. Brasil Leste, 2222 - Passo Fundo/RS
Fone: (54) 313-2844 - Fax: (54) 313-3948
E-mail: bandeirante@via-rs.net

Pluviômetro Tensiômetro pH Metro

Sr. Produtor:
Quando o senhor vai aposentar o "botômetro"?
Quando necessitar de instrumentos profissionais, ligue para SoilControl.

- PENETRÓGRAFO
- TER. MAX. MIN.
- HIGRÔMETRO
- GEOTERMÔMETRO
- MON. UMIDADE
- ATMÔMETRO
- CONDUTIVIMETRO
- MONITORES
- GPS, Outros

PEÇA CATÁLOGOS E ORÇAMENTOS JÁ! Visite nosso Site www.soilcontrol.com.br

Fone: (11) 251-1599 - Cel. 9916-1050 - Fax: 283-0516

E-mail: soilcont@bbsiga.com.br - São Paulo/SP

SoilControl
TECNOLOGIA EM INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS DESDE 84

PLANTADEIRA SEED-LINE

- Plantadeira de linha, hidráulica.
- Plantio direto.
- Planta soja, milho, feijão e sorgo.
- Para pequena propriedade.

TECNOLOGIA DE PONTA AO ALCANCE DO PEQUENO PRODUTOR



MODERNA - VERSÁTIL - RESISTENTE

CONSULTE O DEPARTAMENTO COMERCIAL



IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.
CARAZINHO - RS -
CEP 99500-000 - CX. Postal 270 - Telefax: (0xx54) 331-2300
http: www.max.com.br - e-mail: max@annex.com.br

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS

Autorize já seu

Anúncio



Faça seu contato com a gente pelos fones:

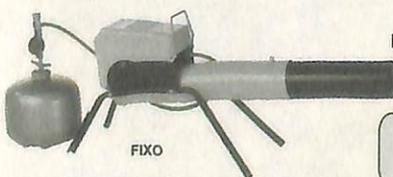
(11) 220-0488 - SP

(51) 233-1822 - RS

ESPANTALHO MECÂNICO 2011

A solução para espantar pássaros e animais selvagens de sua plantação.

Visite-nos na
EXPOINTER



SISTEMA
Acionamento automático a gás.
Estampidos reguláveis de 15 segundos a 30 minutos

UTILIZAÇÃO

Orizicultura, viticultura, fruticultura, piscicultura, lavouras de soja, milho e outros.



Importadora Ribeiro Ltda - Scheffer & Ribeiro

e-mail: ribeiro@sinos.net

Fone/fax (51) 595.4955 - 99 76 9263 - Novo Hamburgo-RS

MECANIZAÇÃO

MOTORES NO CAMPO

Conheça os principais tipos de motores usados na agropecuária, suas aplicações, características e vantagens

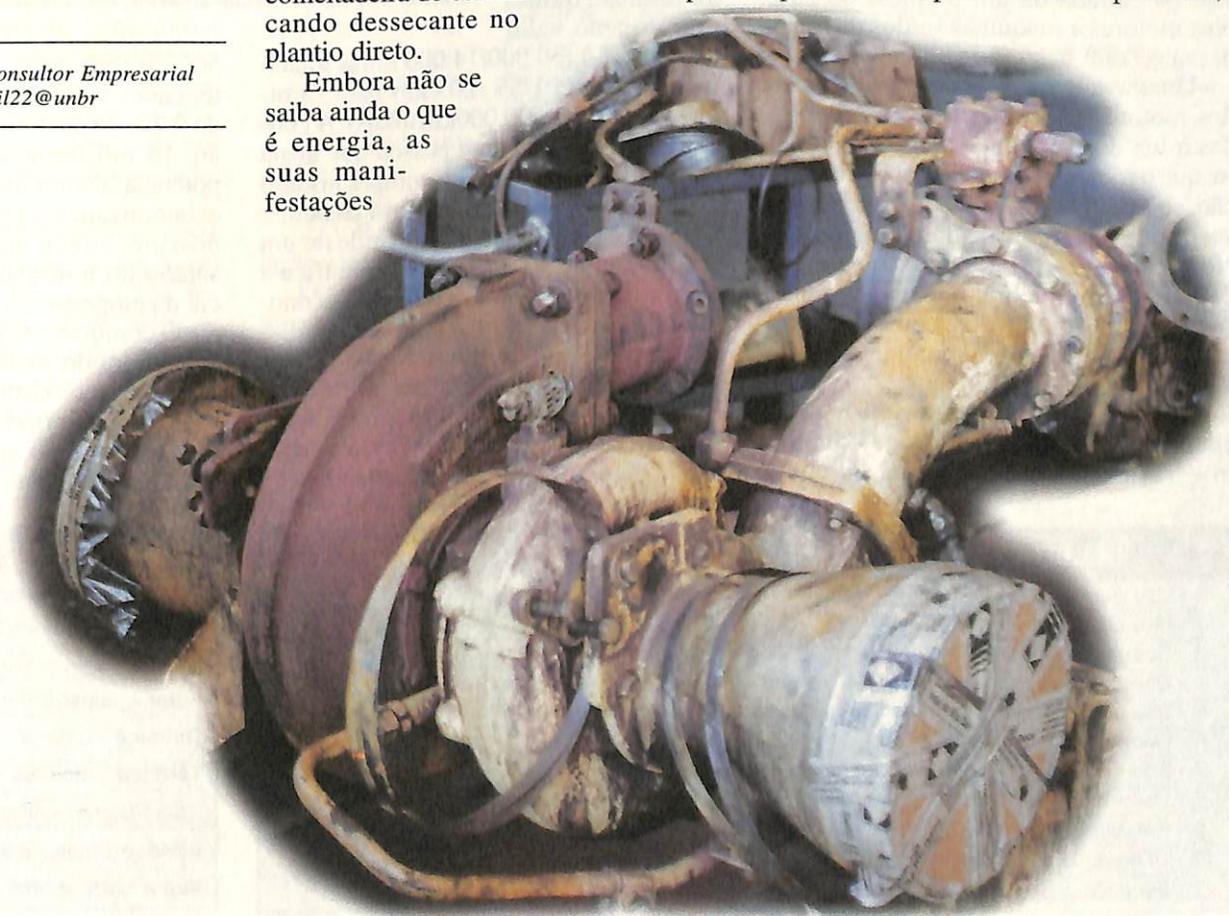
*Luiz Vicente Gentil / Consultor Empresarial
E-mail: gentil22@unbr*

Os motores, assim como os corpos físicos, são máquinas a conhecer no sentido de que tenham longa vida, saúde e baixo custo. A diferença consiste em que um é feito à base de ferro, pelo homem, e o outro, de carbono, pela natureza. Ambos têm sistemas, se alimentam e excretam, precisam de consertos, manutenção, produzem energia e cumprem funções. Motor significa vida de um sistema, que pode ser de turbina d'água, motor elétrico, catavento, motor diesel, da colheitadeira de cereais ou do avião aplicando dessecante no plantio direto.

Embora não se saiba ainda o que é energia, as suas manifestações

são inúmeras, todas elas no campo, ajudando o agricultor, por meio de motores. Os sistemas mais relevantes são os de combustão interna (gasolina e diesel) e os elétricos. Esses dois tipos de motores estão consagrados pela sua versatilidade, desempenho e custo-benefício.

São diversas as tarefas no meio rural que requerem o emprego de motores, como desmatamento, transporte no silo, irrigação, processamento de produtos agroindustriais, etc. Cada tarefa exige um tipo de motor, pois elas são específicas, e





Motores diesel, em pivot central, só serão usados em atividade de alto retorno econômico

o produtor precisa conhecer o tripé motor/máquina/trabalho. Por exemplo: é errado ter caminhão com motor à gasolina, motosserra com motor diesel ou pivô central usando motor elétrico onde a eletricidade da rede local é flutuante. Isso resulta de uma compra malfeita, porque não se estudou motores, ou caiu-se na conversa do primeiro que tentou empurrar um trator velho como se fosse novo.

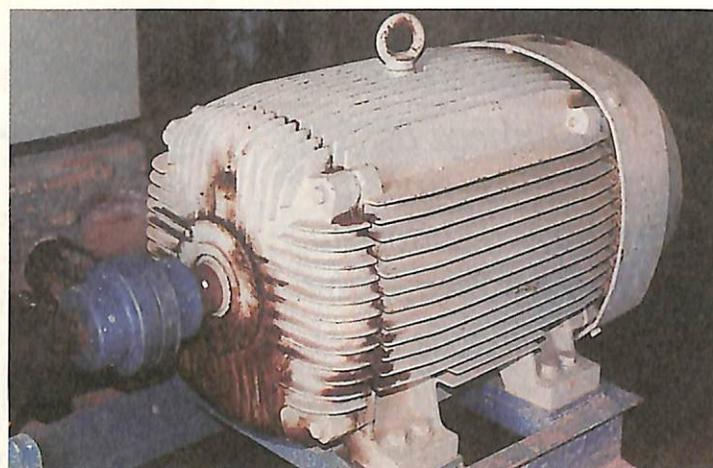
Neste sentido, a compra, tanto do motor como da máquina que o energiza, deve ser feita com inteligência, procurando-se a máxima vantagem, já que o momento da compra não dura mais de uma hora e ele/ela ficam no campo até 12 anos. Um erro na entrada dá um prejuízo de 20%, pois motores e máquinas saídos da loja já desvalorizam nesse percentual.

Uma avaliação econômico-financeira dos motores tem dicas a serem obedecidas à luz dos seguintes motivos. Primeiro, que o motor/máquina cumpre uma função, seja plantando, seja colhendo ou pulverizando. Se falta o motor, tudo pára. Numa fazenda com dois tratores de 250HP, se um quebra, quebra a fazenda, porque o outro não faz sozinho o trabalho, e uma retífica num motor deste tamanho demora dois meses e custa US\$ 4 mil. Como os motores têm um pequeno preço em relação ao total de horas ou quilômetros trabalhados, o custo/hora ou custo/

quilômetro é baixo, e os seus insumos ainda menores. Senão, vejamos. Um trator de 100HP custa, por hora, cerca de US\$ 9,00, para um preço inicial de US\$ 30 mil; e um caminhão de 15 toneladas custa cerca de US\$ 0,20/km rodado, para um preço inicial de US\$ 45 mil. A depreciação, sem valor residual, mostra um pequeno valor de US\$ 2,14 (30.000/14.000 horas totais) para o trator e US\$ 0,03/km para caminhão (45.000/1.500.000km totais). A conclusão é óbvia: só uma pessoa que gosta de jogar fora seu dinheiro compra insumo de segunda linha, pois, assim fazendo, a vida útil cai tanto que, em lugar de ter um motor durante 12 anos, precisa retífica a cada três anos. Não é inteligente economizar insumos, seja no lubrificante, diesel, peça ou serviço externo, como retífica/bomba injetora. O insumo ruim eleva o custo/hora do motor/máquina. Se usarmos excelentes insumos e serviços, teremos máquinas de 12 anos revendidas a



Caminhão de fabricação caseira usando motor reconicionado de ferro velho



O motor elétrico é o melhor de todos, com o defeito de não ter autonomia

50% de uma nova. No caso do lubrificante, então, o fato é gritante: ele vale cerca de 0,2% do custo/hora e pode dar vida de até 15 mil horas num motor de grande potência. Como muitos não fazem conta, economizam no proibido, seja comprando o pior motor, insumo, seja reduzindo o salário do tratorista. Isso significa falência da empresa.

O combustível vale mais da metade do custo/hora do motor, devendo-se reduzi-lo. Em termos comerciais, comprando do TRR (transportadora-retalhista-revendedora) e pagando com prazo de, no mínimo, duas semanas. Em termos operacio-

RECEITA PARA TER GRANDE PREJUÍZO COM MOTOR DIESEL

- 1 - Use óleo diesel sujo (que não seja trifiltrado).
- 2 - Use peça pirata de reposição.
- 3 - Compre motor de baixo preço, em lugar de melhor tecnologia.
- 4 - Contrate serviços externos de 2ª linha (bomba, bico, elétrico, radiador, retífica).
- 5 - Use produtos de segunda linha (lubrificante, peça, ferramenta, graxa, rolamento, correia).
- 6 - Sobrecarregue o motor.
- 7 - Não obedeça ao manual de manutenção.
- 8 - Use martelo e talhadeira para consertar.
- 9 - Permita a "curioso" mexer no motor.
- 10 - Brinque de fazer barulho com a turbina.
- 11 - Esqueça o painel de controle, sinais luminosos e sonoros.

TIPOS DE MOTORES NA AGROPECUÁRIA

- Eólico** - catavento, barco à vela, secador
- Hidráulico** - carneiro, turbina, bomba
- Solar** - painel fotovoltaico, aquecedor solar
- Químico** - bateria
- Térmico** - motores de combustão interna (ciclo Diesel e ciclo Otto - gasolina/álcool)
- Elétrico** - motor elétrico
- Vapor com pressão** - turbina

nais, evitando sobrecarga no governador; usando filtragem tripla na bomba da fazenda, incluindo-se aí marcador; colocando em local abrigado longe de poeira, vazamento e lama; manuseio cuidadoso, evitando incêndio; prevenindo contaminação com outros produtos. Em termos de motores, usando filtros primário e secundário do diesel, assim como o de ar, de ótima qualidade, trocados conforme registra o manual; utilizando bomba e bicos de boa qualidade, revisados e mantidos conforme normas do fabricante; válvulas reguladas a cada ano. Em termos de produto, usando o melhor diesel possível, apesar do brasileiro ser de péssima qualidade e baixa cetanagem ("octanagem" do diesel).

Basta fazer a seguinte conta, para ver o tamanho do lucro quando o consumo é bom, numa frota de 10 tratores de 120HP trabalhando 1.400 horas/ano, consumindo 18 litros por hora. Se esse consumo cair para 16,2 litros/hora, fruto da obediência aos itens acima, temos uma economia anual de US\$ 8.820,00 (10 x 1.400 x US\$ 0,35 x (18,0-16,2)). O equivalente a 25 mil litros de diesel por ano, ou um novo trator a cada três anos.

A compra de motor usado, tanto solteiro como de qualquer trator ou colheitadeira, precisa ser avaliada com cuidado. A prática é bem clara: motor novo é motor novo; motor velho é sinal de dor-de-cabeça. Mesmo motor/máquina nova, sendo de baixa qualidade, sempre é motivo de preocupação. Assim, para limitar esses problemas, observe o seguinte antes de comprar o usado, mesmo com garantia do revendedor/fabricante:

1) exija garantia por escrito, feita por advogado e duas testemunhas do seu lado, registrada em cartório;

2) leve o melhor mecânico/eletricista da região para testar os seguintes itens: 2.1) enrolamento, escovas, coletes, rolamentos, painéis e fiação, se for elétrico; 2.2) taxa de compressão, estado de bomba/bico; 2.3) pressão do óleo; 2.4) folgas em todas as partes mecânicas, como comando, virabrequim, anéis, rolamentos e válvulas; 2.5) possíveis vazamentos, superaquecimento e vibração, quando testado em máxima rotação; 2.6) fumaça preta ao testar-se o governador e a eficiência de combustão; 2.7) se for motor diesel de grande potência e risco, leve-o a uma universidade/laboratório e faça teste de bancada com Freio de Pronny, levantando as curvas de potência, torque e consumo específico.

Tecnologia não é sinônimo de coisa cara, é forma de fazer barato e simples qualquer trabalho. Novos mecanismos e sistemas dos motores reduzem custos operacionais, facilitam a vida do agricultor,

produzem mais em menos tempo. Assim, motor diesel de última geração tem as características abaixo.

- 1) Turboalimentado.
- 2) Injeção do lubrificante sob os pistões.
- 3) Ecológico e antipoluinte.
- 4) Curva de torque e de potência mais horizontal.
- 5) Injeção direta com avançado design de câmara.
- 6) Alta eficiência termomecânica.
- 7) Rolamentos e mancais robustos.
- 8) Camisa úmida e sede removível de válvula.
- 9) Baixo consumo por HP.
- 10) Aceita combustível modificado.
- 11) Alta relação potência-peso.
- 12) Custo de até 30% mais caro que o de baixa qualidade.
- 13) Silencioso, suave, versátil em várias rotações.
- 14) Eficiente sistema de alimentação.
- 15) Competente sistema de lubrificação, mesmo em alta temperatura na parte alta do motor, como válvula.
- 16) Computador de bordo.

17) Visor, painel e controle informatizado/sonoro.

18) Apresentação das curvas do motor na hora da compra.

19) Baixo custo de manutenção/serviço.

20) Embreagem com pastilha.

21) Radiador tropicalizado com eficiente by pass.

21) Reduzido atrito interno.

O futuro do motor promete, já que o atual sistema de êmbolos é tão velho quanto o primeiro cilindro a vapor pressurizado, idealizado por James Watt no século passado, ao secar as minas de carvão do rei da Inglaterra. O sistema de pistão é anacrônico. Assim, as virtudes do motor elétrico estão sendo unidas às do diesel, construindo-se motores duplos, onde o elétrico trabalha e o de com-

bustão carrega. Motores rotativos estão perto de chegar à solução das pastilhas-anéis de segmento. Motor solar é uma esperança, pois não tem potência; precisa-se de uma área de telhado para mover um motor pequeno.

Os gravitacionais, de plasma e magnéticos, estão em estudo em laboratórios secretos de multinacionais e organizações de energia, e não são de conhecimento popular. Algo nos motores à baixa temperatura já foi conseguido pensando-se em trens. Uma observação em relação aos motores na agricultura: na medida em que a demanda cresce em motores diesel, em função da redução do petróleo, a tendência é encontrar energias limpas e baratas para a produção de alimentos, aproveitando-se sol, água, magnetismo, gravidade, vento, átomo ou biomassa.

O motor não trabalha só com energia mecânica, que vai do pistão às rodas; ao contrário, começa com energia química, na transformação do cetano/alfametilnftaleno (óleo diesel) em água, gás carbônico e energia. Na energia química da bateria, ao transformar óxido de chumbo e

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS E USOS DE MOTOR GASOLINA E DIESEL

Motor à gasolina/álcool	Motor diesel
1 - Menos torque	1 - Mais torque
2 - Mais rotação	2 - Menos rotação
3 - Menor durabilidade	3 - Maior durabilidade
4 - Mais barato	4 - Mais caro
5 - Menos resistente/robusto	5 - Mais resistente/robusto
6 - Menor eficiência termomecânica	6 - Maior eficiência termomecânica
7 - Mais complexo	7 - Mais simples
8 - Mais leve	8 - Mais pesado
9 - Maior consumo	9 - Menor consumo
10 - Gasolina mais cara	10 - Diesel mais barato
11 - Mais suave	11 - Mais vibração

CUSTO/HORA DE UM MOTOR DIESEL DE 140HP, DE BOA TECNOLOGIA E BEM-TRABALHADO, NO VALOR INICIAL DE US\$ 11.000

Fatores	Custo/hora-US\$	%
1 - Depreciação	0,49	5,2
2 - Juros	0,28	3,0
3 - Seguro	Desconsiderado	—
4 - Operação c/encargos sociais	2,1	22,2
5 - Combustível	6,0	63,4(*)
6 - Peças e serviços internos e externos	0,32	3,4
7 - Taxa administrativa	0,13	1,4
8 - Risco global	0,13	1,4
9 - IPVA, multas, etc.	Desconsiderado	—
Soma	—	100,0

(*) Nota que são válidos todos esforços para baixar o consumo neste motor, pois só ele pesa mais de metade do total de custo/hora.



Grupos geradores exigem planejamento acurado, para evitar risco de falta de energia

ácido sulfúrico da bateria em arrancada do motor de partida, eletricidade e luz. Na geração da energia térmica, por ocasião da destruição do combustível nos três elementos acima citados; o que é eliminado pelo escapamento e radiador de água. A energia hidráulica é usada na bomba d'água, ao empurrá-la sob pressão dentro das cavernas do cabeçote e do bloco, man-

tendo-a na temperatura de 93°C. A energia eólica aparece em forma de vento forçado pela hélice do radiador, obrigando a saída da alta temperatura da água, que passa na colméia do radiador.

Como se vê, mesmo um motor simples, como o diesel, tem uma cadeia de vários tipos de energia.

Enquanto o avanço técnico não se tra-

duz em prática econômica, o agricultor, para triunfar com o motor, tem de conhecê-lo bem, seguindo normas do fabricante, usando o melhor serviço, manutenção e mão-de-obra disponível. 

MAIORES USOS DE MOTORES À GASOLINA, DIESEL E ELÉTRICO

Gasolina/Álcool	Diesel	Elétrico
1 - Popa	1 - Trator	1 - Oficina mecânica
2 - Motosserra	2 - Colhedeira	2 - Máquinas de processo
3 - Moto	3 - Caminhão	3 - Equipam. Manutenção
4 - Automóvel	4 - Ônibus	4 - Pivot central
5 - Pequeno grupo gerador	5 - Motor de centro	5 - Equipamento zootécnico
6 - Avião	6 - Grupo gerador	6 - Portões
	7 - Autopropelido	7 - Máquinas hidráulicas
	8 - Pivô central	

COMPARATIVO ENTRE MOTOR DIESEL E MOTOR ELÉTRICO

Características do Motor Diesel	Características do Motor Elétrico
1 - Menos durável	1 - Mais durável
2 - Mais caro	2 - Mais barato
3 - Mais pesado	3 - Mais leve
4 - Maior custo da energia	4 - Menor custo da energia
5 - Rotação variável	5 - Rotação fixa
6 - Se movimenta só	6 - Precisa de um fio
7 - Pequena eficiência energética (33%+-)	7 - Grande eficiência energética (93%+-)
8 - Precisa muita manutenção	8 - Precisa pouca manutenção
9 - Não trabalha bem 24 horas por dia	9 - Trabalha muito bem 24 horas por dia
10 - Não agüenta sobrecarga	10 - Agüenta sobrecarga
11 - Barulhento	11 - Silencioso
12 - Muita peça	12 - Pouca peça
13 - Cara manutenção	13 - Manutenção quase inexistente
14 - Tem poluição	14 - Não tem poluição

GUIA PARA COMPRA DE MOTOR/MÁQUINA MOTORIZADA

- 1 - Compre um turbinado para motor de média-alta potência.
- 2 - Compre o de alta tecnologia.
- 3 - Evite motor barato, ele sempre fica mais caro.
- 4 - Faça 10 cotações e negocie com eles em separado.
- 5 - Cuidado com o importado, você pode ficar na mão.
- 6 - Exija as curvas de torque, potência e consumo específicos antes de comprar.
- 7 - Confirme se há assistência técnica durante os próximos anos de vida do motor.
- 8 - Acredite em números e fatos, nunca em conversa e promessa.
- 9 - Exija por escrito e documentado do revendedor/fabricante se aquela potência apresentada é realmente a disponível no seu motor.
- 10 - Exija entrega técnica do seu revendedor, ele é pago para isto.
- 11 - Não financie mais de 50%, se o juro for maior de 10% ao ano.
- 12 - Ao comprar usado, exija documento de garantia, no mínimo, por um ano.
- 13 - Em motores diesel para pivô central, coloque vigia e sistemas protetores.
- 14 - Deve haver perfeita harmonia entre motor/máquina/serviço feito.
- 15 - No contrato de financiamento, leia as quatro últimas cláusulas e a de multas. Se não puder honrar um contrato, não o assine. Ou não reclame depois. A lei não perdoa.

Assine a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL



- ✓ A revista **A GRANJA** vem há mais de 50 anos informando o homem do campo com matérias e artigos escritos por quem mais entende do assunto. São matérias de todo o País e do exterior, com ênfase na agricultura e pecuária.
- ✓ Você precisa estar bem-informado sobre o que está acontecendo, novas técnicas, tecnologias de ponta, exemplos de pessoas/empresas bem-sucedidas no ramo.
- ✓ Tudo isso e muito mais você encontra nas páginas de **A GRANJA** mensalmente.

e receba Grátis

- ✓ A mais completa revista sobre leilões e exposições de gado e cavalos. Cobertura das principais exposições, grandes campeões e seus criadores, leilões, os recordes, as médias, agenda de leilões e feiras. Enfim, tudo o que envolve o criador de elite.



+



- ✓ Assinando **A GRANJA**, você recebe todo o ano (em setembro) o anuário **A GRANJA DO ANO**, o mais importante da agropecuária brasileira, com endereços e produtos & serviços de todas as empresas relacionadas com o agribusiness.



✓ **Assine já - Ligue (51) 233-1822**



O EMPREENDIMENTO QUE VAI MELHORAR A VIDA DO HOMEM

NO CAMPO

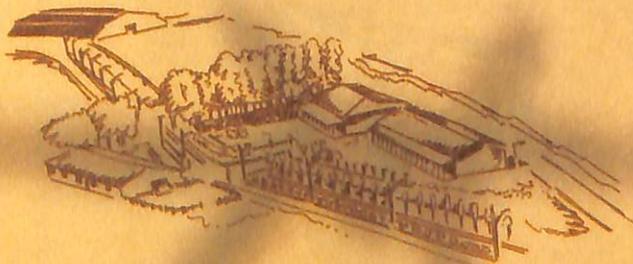
DOS NEGÓCIOS.



Ananguera Rural Center.

644.000m²

**de área para se fazer
bons negócios.**

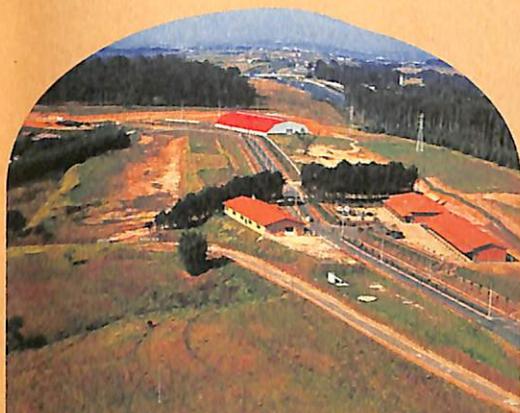
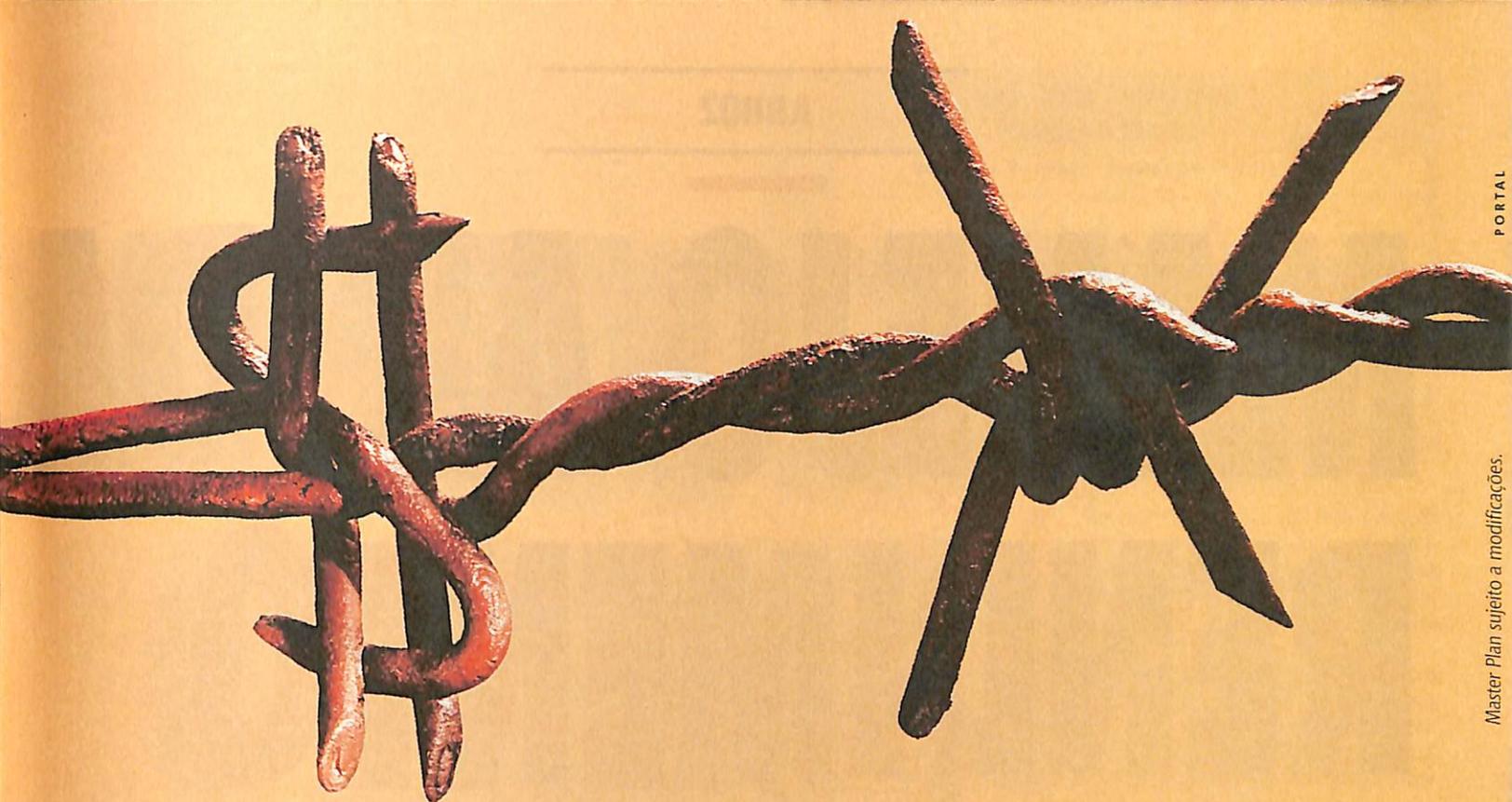


Quem disse que não há mais espaço no mercado?

Só não vê quem não quer que o Ananguera Rural Center tem espaço de sobra para lucros garantidos. Dono de uma área de 644.000m² e localizado no mais importante complexo rodoviário do país, o empreendimento é inteiro cercado de

bons motivos para você, que é do setor agropecuário, instalar seu show-room, loja ou escritório. Ao todo são 210 Unidades de Negócios Agropecuários disponíveis para locação, na medida certa do seu investimento: 24m², 40m² ou 75m². É ou não é bom pra mais de metro?

Abra agora mesmo sua Unidade de Negócios Agropecuários no Ananguera Rural Center. Sucesso sem fronteiras.



Vista Aérea do Empreendimento



Unidades de Negócios



Via Anhanguera - Entrada do Empreendimento

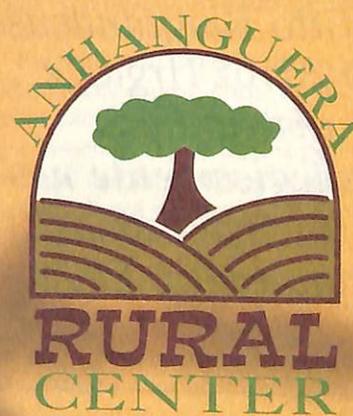
QUANDO VOCÊ PENSA QUE ACABOU, TEM MUITO MAIS.

- Pavilhão de Exposições e Feiras
- Centro de Convenções e Eventos
- Praça de Alimentação
- Pista de Provas Eqüestres
- Kids in the Farm (Fazenda Modelo)
- Recinto de Leilões
- Bloco das Instituições

Excelente oportunidade também para profissionais liberais, como: agrônomos, biólogos, zootecnistas e veterinários.

Reservas e Informações

Via Anhanguera km 119 - Nova Odessa/SP - Região da Grande Campinas - Fone: (19) 466.9900 - www.ruralcenter.com.br



UNINDO OS VALORES DO CAMPO
AO MUNDO DOS NEGÓCIOS.

ARROZ

MANEJO AINDA RENDIMENTO

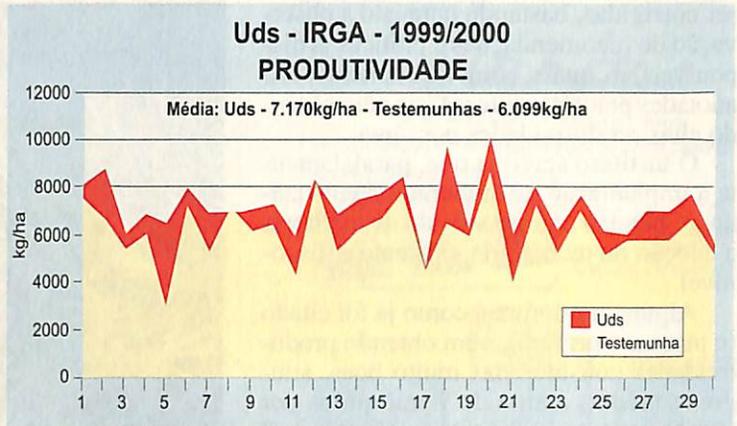
As recomendações básicas para a condução da lavoura de arroz irrigado estão sendo repassadas aos arrozeiros gaúchos através de Unidades Demonstrativas implantadas pelo Instituto Riograndense do Arroz (Irga), e distribuídas estrategicamente nas principais zonas produtoras do Estado

*Carlos Felipe Mascarenhas Nassif
Engenheiro agrônomo do Irga —
Divisão de Assistência Técnica e Extensão
Rural- Gerente*

Fotos: Divulgação/Irga



LIMITA



A lavoura orizícola do Rio Grande do Sul obteve, ao longo dos últimos 15 anos, crescimento em área e produtividade, trazendo como consequência um aumento substancial da produção de arroz do Estado.

A produtividade, ao redor de 5 mil quilos por hectare, está estagnada já há alguns anos, e, mesmo aproximando-se da obtida em outros países de tecnologia avançada, é possível e necessário um incremento em relação a este valor.

O fator competitividade da lavoura gaúcha deve ser considerado, levando-se em conta que Santa Catarina, por exemplo, tem média estabilizada em 6 mil quilos por hectare.

Na situação atual do Rio Grande do Sul, por tratar-se de média, sabemos que existe um percentual considerável de produtores situados em uma faixa de produtividade abaixo de 5 mil quilos por hectare, valor que é considerado crítico como parâmetro de rentabilidade de lavouras.

Preocupado com este quadro, que tem relação direta com a competitividade do produto arroz, e, por consequência, da lavoura arrozeira gaúcha com outros mercados produtores, o Departamento Técnico do Instituto Riograndense do Arroz (Irga) vem desenvolvendo algumas ações de caráter técnico e gerencial.

Foi realizado um criterioso trabalho de diagnóstico, envolvendo os técnicos da instituição e produtores, a fim de verificar e sistematizar as razões pelas quais o potencial do material genético (cultivares) disponível está sendo atingido apenas parcialmente, ou seja, as variedades de arroz irrigado hoje cultivadas alcançam, em média, 60% do que poderiam produzir.

As diferentes produtividades verificadas entre produtores com condições de solo, clima e topografia semelhantes, levam à conclusão de que o principal limitante da produtividade é o manejo.

Observa-se que, em várias etapas que fazem parte do estabelecimento e condução da lavoura, existem falhas que podem



ser corrigidas, bastando para isto a observação de recomendações e práticas já disponíveis, as quais, coincidentemente, são adotadas pelos produtores que vêm obtendo altas produtividades por área.

O instituto acredita que, paralelamente à implantação de lavouras sistematizadas, é preciso agir no sentido de melhorar a adoção da tecnologia existente e disponível.

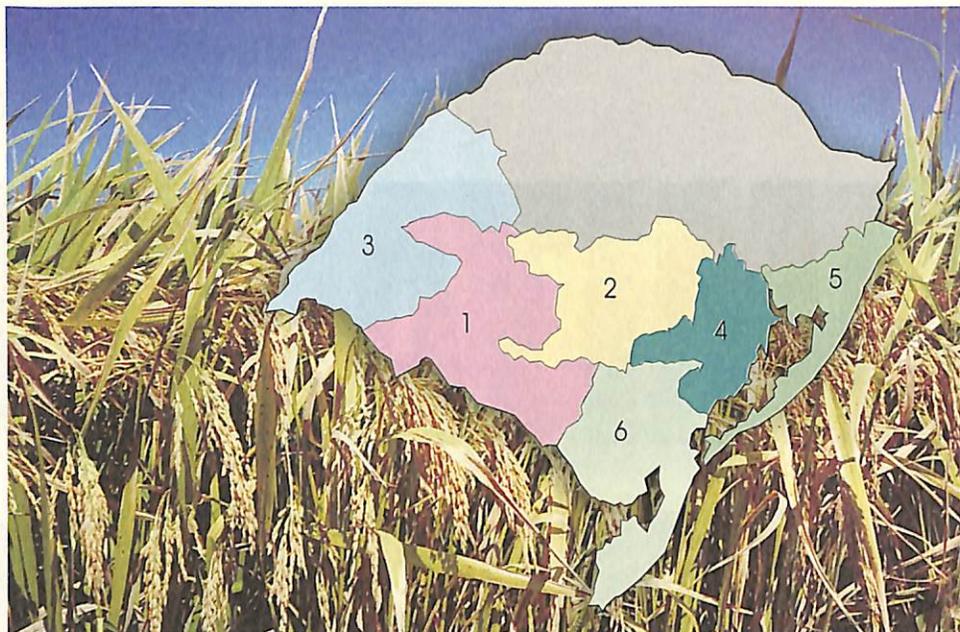
Alguns produtores, como já foi citado (e mostra o gráfico), vêm obtendo produtividades consideradas muito boas, atingindo médias acima de 7 mil quilos por hectare, e, em alguns casos, até mais de 8 mil quilos por hectare.

Estes lavoureiros estão localizados em toda a região arroseira do Estado, não caracterizando, portanto, uma situação isolada de determinada região, tipo de solo ou clima, o que demonstra uma distribuição independente de condições privilegiadas para o desempenho superior verificado.

A partir da constatação de que o principal limitante da produtividade na lavoura arroseira gaúcha é o manejo, o Irga iniciou um sistema de análise de todo o processo de condução da lavoura, para posteriormente encaminhar as recomendações básicas de procedimento.

Este diagnóstico foi fruto do trabalho dos técnicos do Irga, engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas, lotados nos 39 Núcleos de Assistência Técnica e Extensão Rural (NATEs). Estes profissionais formam a rede de difusão de tecnologia e prestação de serviços do Instituto, abrangendo 134 municípios arroseiros do Estado, em ação conjunta das Divisões de Assistência Técnica e Pesquisa, sendo esta sediada na Estação Experimental do Arroz, em Cachoeirinha/RS.

Proposta — A idéia básica do grupo de trabalho é encontrar uma maneira de mostrar ao produtor, de forma concreta e de fácil entendimento, que as recomendações básicas de manejo da lavoura de ar-



1 - Campanha; 2 - Depressão Central; 3 - Fronteira Oeste; 4 - Planície Costeira Interna; 5 - Planície Costeira Externa; 6 - Zona Sul

roz irrigado, bem como o material genético disponível, permitem que se obtenham produtividades bem mais altas do que a atual média do Rio Grande do Sul.

Desta proposta surgiu a idéia das “Unidades Demonstrativas” implantadas dentro das lavouras dos produtores, no “Projeto de Manejo Adequado da Lavoura de Arroz Irrigado”.

Esta ação deverá produzir um exemplo vivo para a comunidade, demonstrando, de maneira mais prática e acessível, a eficiência e os resultados das recomendações.

Objetivamente, consiste na escolha de uma área de 1 a 5 hectares dentro da lavoura do orizicultor onde serão observadas rigorosamente as recomendações do Irga. O objetivo final é fazer a comparação com a área testemunha, em produtividade e rentabilidade.

Exigências — Para que o arrozeiro possa implantar sua unidade demonstrativa, é preciso atender a alguns requisitos básicos listados pela instituição. Portanto, deve-se ficar atento aos seguintes itens:

— Boa localização da lavoura, visando um fácil acesso dos técnicos e grupos de produtores em visitas e dias de campo.

— Receptividade e adoção das recomendações dos técnicos.

— Situar-se em um patamar médio de produtividade, fora dos extremos.

— Dispor de recursos e equipamento mínimos para a condução da lavoura, conforme a necessidade.

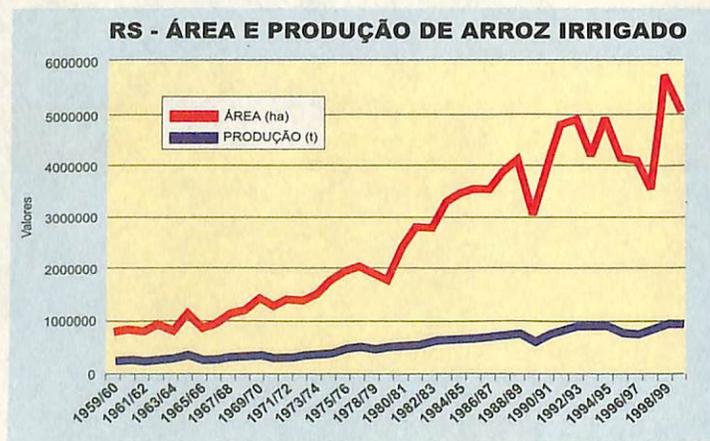
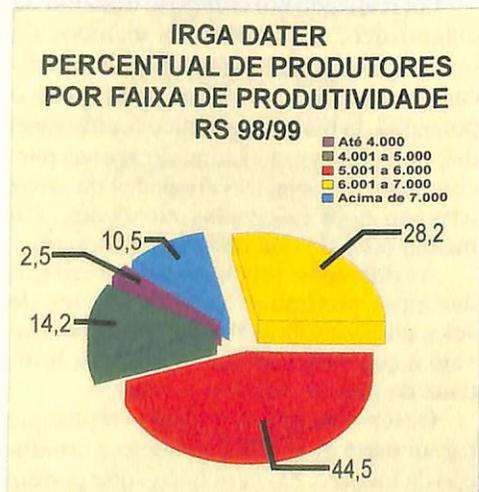
Esta providência é tarefa do técnico local do Irga, o qual tem conhecimento do grupo de produtores da região, o que permite indicar a opção que irá trazer maior credibilidade e impacto dos resultados.

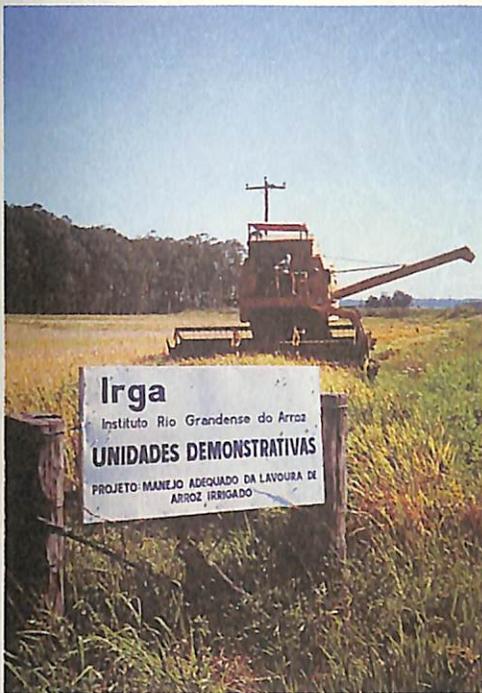
Práticas culturais — Alguns cuidados são essenciais. O agricultor deve seguir as recomendações de manejo na implantação e condução da lavoura, todas já disponíveis há algum tempo, mas nem sempre adotadas corretamente, ou simplesmente desconsideradas. Basicamente, são as seguintes:

— Boas condições de acesso, com estradas que facilitem a locomoção de máquinas e equipamentos e o escoamento da produção.

— Irrigação e drenagem: canais e drenos bem dimensionados, visando atender no momento adequado às necessidades do manejo de água.

— Nivelamento do solo. Preferenci-





Ação reproduz um exemplo vivo da eficiência e resultados das recomendações técnicas

emergência, ou assim que as plantas suportem uma lâmina.

Ressalta-se que a irrigação deficiente é um dos principais fatores determinantes de perdas na lavoura. Em média, a água entra nos quadros mais de 35 dias após a emergência das plantas, e além disso, aproximadamente 40% das lavouras não mantêm água constante nos quadros, inclusive em períodos críticos da cultura.

— Adubação nitrogenada. A lavoura gaúcha utiliza em média 60kg/ha de uréia (27kg/ha de N), enquanto obtêm-se boas respostas com doses de até 200kg/ha de uréia (90kg/ha de N).

— Controle de pragas e doenças. Monitoramento constante da ocorrência de pragas e sintomas, visando também evitar a aplicação “preventiva” de inseticidas.

— Colheita. Início com os grãos na umidade entre 20% e 24%.

No 2º ano do Projeto, foram implantadas com sucesso 30 Unidades Demonstrativas, onde todas as práticas de manejo anteriormente descritas foram adotadas. Todas tiveram o acompanhamento constante de técnicos, desde a implantação até a colheita. Foi escolhida uma parcela testemunha em cada lavoura, em condições semelhantes.

Safra 99/2000 — Nas 30 UD's implantadas, obteve-se um resultado médio de 1.100kg/ha (22 sacos) a mais em relação às testemunhas. Na análise de rentabilidade, as UD's apresentaram uma receita líquida de R\$ 264,00 superior à testemunha. Nota-se que as lavouras testemunhas, nesta safra, também tiveram desempenho superior à média gaúcha, fato que mostra a possibilidade de um resultado ainda melhor em lavouras de produtividade baixa.

Em todos os locais, houve divulgação aos produtores e comunidades através da imprensa, reuniões, palestras e principalmente dias de campo.

Este trabalho continua, envolvendo as Divisões de Pesquisa e Assistência Técnica do Irga, na busca de, a cada ano, aprimorar os procedimentos e a divulgação aos produtores.

É com ações deste tipo que poderemos otimizar e melhorar a interação pesquisa-extensão-produtor, fundamental para o bom desempenho da cultura.

almente trabalhar em áreas niveladas.

— Dimensionamento adequado da capacidade de irrigação para a água programada.

— Preparo adequado do solo.

— Semeadura na época recomendada pelo zoneamento agroclimático: para o arroz irrigado no Rio Grande do Sul, vai de 10 de outubro a 10 de dezembro, dependendo da região e cultivar utilizada.

— Densidade de sementes. Em média utiliza-se no Estado 230kg/ha, quando 150kg/ha são suficientes, desde que a semente tenha a qualidade desejada, seja, no mínimo, fiscalizada e livre da contaminação com arroz-vermelho.

— Adubação de base. Para alta produtividade, salvo exceções isoladas, os resultados positivos vêm acompanhados de um acréscimo de 20% a 30% em relação à recomendação NPK básica.

— Controle precoce de invasoras. As ervas daninhas podem ser controladas com mais eficiência e menor custo, se isto for efetuado em pré-emergência ou pós-emergência precoce.

— Irrigação precoce. Recomenda-se o início da irrigação até 15 dias após a

TABELA DE RESULTADO FINANCEIRO DAS UNIDADES DEMONSTRATIVAS X TESTEMUNHA

	Receita total (R\$/ha)	Despesas insumos* (R\$/ha)
UD	1.792,63	402,58
Lavoura testem.	1.524,64	359,55
Diferença	267,98	43,03
Saldo pró UD	R\$ 224,95	

*Considerando apenas os insumos movimentados no Projeto - sementes, NPK, herbicidas e uréia.

2000
Marte
50 ANOS Absoluta em Laboratórios

Linha completa de equipamentos para laboratório

Balanças:
- desde 1 mg a 500 kg
- analíticas desde 0,01 mg
Diversos modelos
Aprovado pelo Inmetro

Viscosímetros

Evaporador rotativo
Agitador mecânico
Mesas agitadoras
Bombas peristálticas

Bureta digital
Dispensador
Macro e Micro Pipeta

Estufa, pH, condutivímetro, refratômetro, etc.

Representamos:
Ohaus, Fungilab, Heidolph, Hirschmann, Renggli, Huber e Minimotor

Consulte-nos!

Marte Balanças e Aparelhos de Precisão Ltda.
Tel: (0XX11) 5581-8188 Fax: (0XX11) 5581-1162
Filiais: PR (0XX41) 254-8856 RS (0XX51) 466-5300
Home page: www.martebal.com.br
E-mail: info@martebal.com.br

Sementes Forrageiras de verão CRA:

Com produção própria, a CRA garante qualidade e claro, o melhor preço.

- Brachiarias: Brizantha, Decumbens, Humidícola e Libertá.
- Capins: Mombaça e Tanzania.
- Milheto Comum e CRA2000
- Sorgo Forrageiro BR501.
- Setária Cazungula.
- Adubação verde.

CONSULTE A CRA:
fone/fax: 51. 481 3377

semente é o nosso chão
CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS

E-mail: sementescra@sementescra.com.br
www.sementescra.com.br

TV Pampa Norte
Carazinho



TV Pampa Centro
Santa Maria



TV Pampa Sul
Pelotas



REDE PAMPA. CONQUISTANDO O RIO GRANDE.

**TV Pampa
Porto Alegre**

TV Pampa Porto Alegre

TV Pampa Norte

TV Pampa Centro

TV Pampa Sul

Rádio Continental

Rádio Jovem Pan

Rádio 104

Rádio Eldorado

Rádio Caiçara

Rádio Princesa

Rádio Pampa de Porto Alegre

Rádio Pampa de Santa Maria

Rádio Pampa de Pelotas

Rádio Pampa de Rio Grande

A Rede Pampa, através de suas emissoras de televisão e de rádio, durante as 24 horas do dia proporciona entretenimento e informação a milhões de gaúchos.

Cada veículo, com seu estilo próprio, é direcionado a um diferente segmento de público. No conjunto, formam um retrato das preferências e hábitos culturais do nosso povo.



rede pampa

Administração Central: Rua Orfanatrófiu, 711 • Porto Alegre • RS • CEP 90840-440
Fone (51)233.8311 • Fax (51)233.8812 • www.redepampa.com.br • pampa@pampa.com.br



tv pampa
porto alegre



tv pampa sul
pelotas



tv pampa centro
santa maria



tv pampa norte
carazinho



Um problema para a Austrália



O crescimento das exportações de carne argentina para o Canadá, somado aos maiores embarques do Uruguai, tem gerado preocupação entre os exportadores australianos, que viram diminuir em 32% suas vendas para este mercado. Acontece que devem competir com um produto sul-americano mais barato, que chega a situar-se até US\$ 176/tonelada abaixo dos valores da carne proveniente da Austrália e Nova Zelândia. Os analistas con-



sideram que a situação pode vincular-se com o ingresso da Argentina no mercado norte-americano — tem uma quota fixa de 20 mil toneladas — praça na qual a Austrália tem declinado cumprir com as quotas que lhe foram outorgadas. De tal modo, especula-se com o fato de que este país decida ceder parte de sua quota nos Estados Unidos — 378 mil toneladas — aos efeitos de que a Argentina deixe de exercer competência no mercado canadense. Tanto nosso País como o Uruguai destinam ao Canadá cortes de menor valor em relação aos que chegam ao mercado norte-americano.

Alho violeta para o Brasil

Produtores agropecuários da Província de Santa Cruz concretizaram a primeira exportação ao Brasil de “alho santacruzense”, variedade única pelo seu tamanho e propriedades. O embarque inicial totalizou 40 mil quilos de alho violeta tamanho 4 e 5, com um ganho estimado em torno dos US\$ 185 mil. A operação se agrega aos negócios realizados com importadores de Valência (Espanha), que começaram a receber os despachos originados na província sulista a partir de abril último. A produção em Santa Cruz envolve 120 pequenos e médios agricultores, e gera ao redor de 200 toneladas anuais de alho violeta entre os meses de maio e fevereiro — temporada de cultivo nesta zona do País.

Pela reconversão

O governo nacional vai propor às Províncias de Tucumã, Salta e Jujuy a redução gradativa de sua produção de açúcar e a substituição do produto por outros bens e serviços, caso não se chegue a um acordo sobre a política açucareira no Mercosul. A troca se realizaria a longo prazo e contaria com ajuda da administração central. Até o momento, as negociações sobre este tema entre os principais sócios do bloco se encontram paradas. Por outro lado, o Banco de la Nación Argentina prestará amplo apoio aos fruticultores do Alto Vale do Rio Negro para aprovar uma importante reconversão das plantações de maçãs. Cerca de 70% da área plantada — 28 mil hectares — corresponde a variedade red delicious, superada nos mercados internacionais pelas variedades da Austrália e África do Sul. Dentro das alternativas se encontram as frutas de caroço, que já cobrem 8 mil hectares.

Frangos da discórdia

Durante o primeiro quadrimestre de 2000, as importações de frango cresceram 32% em volume e 9% em valor, com relação ao igual período do ano anterior, e já equivalem a 15% da produção nacional. Mais de 90% do produto é proveniente do Brasil. A continuar neste ritmo, os importadores argentinos vão comprar ao redor de 18 mil toneladas a um valor FOB estimado em US\$ 16 milhões. No âmbito local, o trabalho durante os primeiros quatro meses do ano alcançou 108 milhões de aves, 4% menos que no primeiro quadrimestre de 1999. Esta situação vai aprofundar a crise que vive o setor, especialmente na Província de Entre Ríos.



A Granja

Negócios com o Irã

O secretário de Agricultura, Antonio Berhongaray, acertou a venda de trigo, milho, arroz e azeite ao Irã por um montante estimado em US\$ 500 milhões, renovando assim as relações comerciais, que haviam se deteriorado com as suspeitas vinculadas à possível participação da nação asiática no atentado cometido contra a sede da Associação Mutual Israelita da Argentina (Amia), em Buenos Aires. Esta aproximação continuará em setembro próximo, com a visita de uma delegação comercial argentina a Teerã. A notícia é altamente positiva, uma vez que têm se registrado complicações em outros mercados tradicionais para nossos azeites, como Índia e Paquistão, países que recentemente elevaram suas taxas de importação.

TRIGO

O ritmo da semeadura continua sendo prejudicado pela ocorrência de chuvas periódicas. Até a primeira quinzena de julho havia sido concluída cerca de 60% da área plantada inicialmente prevista (6,3 milhões de hectares). As plantas estão se desenvolvendo satisfatoriamente, ainda que no sul da Província de Santa Fé tenham sido plantados materiais de longo ciclo fora de época e em algumas zonas de Córdoba se registrem problemas sanitários em consequência do excesso de umidade.

SOJA

Já foi colhida 99% da área semeada. O restante corresponde a lotes que apresentam excessiva umidade nos solos e no grão, o que somado a preços em queda para a oleaginosa poderia determinar que se decida não fazer a colheita. E, quanto aos Estados Unidos, teme-se que frente às boas condições climáticas e ao plantio do cedo que está se levando a cabo, este país volte a incrementar sua produção na safra 2000/2001.

NOVILHO

Num contexto de demanda relativamente sustentada, apontada pelos maiores ingressos gerados pelos saldos complementares que recebem nesta época aqueles que se desenvolvem em relação de dependência, os preços da fazenda se mantêm, em média, pouco acima dos US\$ 0,90 por quilo.

LEITE

Se bem que os valores FOB tenham melhorado, as exportações de leite em pó para o Brasil declinaram constantemente desde o início do ano. No mês de janeiro, foram exportadas 13,7 mil toneladas, a um preço unitário de US\$ 1.530. Em maio, este valor ficou em torno de US\$ 1.957, mas o volume apenas alcançou 2,1 mil toneladas. No plano interno se manteve uma oferta fixa, ainda que os preços ao produtor não registrem recuperação significativa.

Experimento testa parasitóide americano

Fundecitrus

Coordenador do Projeto: Prof. Dr. José Roberto P. Parra
Professor do Depto. de Entomologia da ESALQ/USP

Após o conhecimento da bioecologia de *Phyllocnistis citrella* (larva minadora dos citros) em nossas condições, e após as observações de que os parasitóides nativos ocorriam em grande quantidade, mas não em número suficiente para controlar a larva minadora, importou-se, dos EUA, o *Ageniaspis citricola*. Este parasitóide, originário da Ásia, tem dado excelentes resultados em diversos países, como Israel, Austrália, Peru, Espanha e EUA.

Desta forma, num trabalho conjunto envolvendo a ESALQ, o Fundecitrus, a Embrapa e Gravena Manecol, este parasitóide foi introduzido no Brasil em julho de 1998. O material foi trazido da Flórida, com a colaboração da Dra. Marjorie Hoy, professora da Universidade de Gainesville responsável pela sua entrada nos EUA com sucesso, proveniente da Austrália.

O material foi introduzido no Brasil, atendendo às exigências legais, e permaneceu em quarentena no Sistema Quarentenário Costa Lima, do CNPMA - Embrapa, em Jaguariúna/SP, até setembro de 1998. Em seguida, foi levado para o Laboratório de Biologia de Insetos, na ESALQ em Piracicaba/SP, sob a coordenação do Prof. Parra, e para as instalações da Gravena Manecol, em Jaboticabal/SP.

A partir daí, os parasitóides foram multiplicados, adotando-se, em Piracicaba, uma técnica diferente daquela utili-



Gaiolas com as vespas são fixadas nos galhos

zada nos EUA. O processo foi simplificado e houve uma redução do espaço necessário para a criação de grandes quantidades do parasitóide — pois, em vez de vasos em mudas, foram utilizados tubetes com plantas cítricas — mantendo-se o sincronismo da criação, envolvendo planta, praga e inimigo natural.

Desde outubro de 1998 até hoje, com este trabalho conjunto, financiado pelo Fundecitrus, já foram liberados parasitóides em 157 propriedades, localizadas em 40 cidades, cobrindo praticamente todo o Estado de São Paulo. Paralelamente, foram liberados insetos em Goiás, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

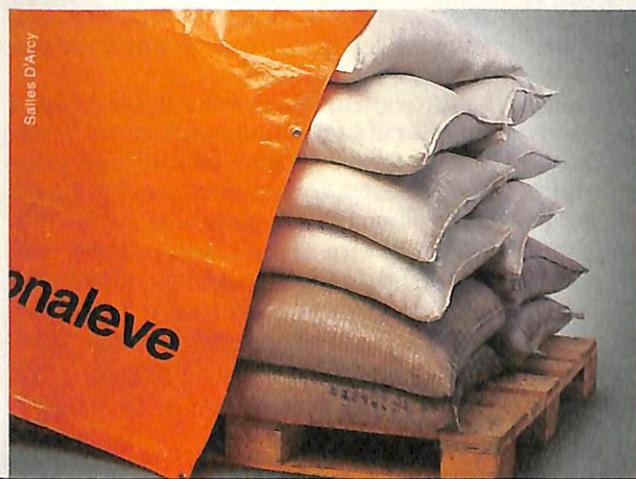
Foram produzidos cerca de 150.000 parasitóides. A produção continua e as liberações deverão ser feitas até abril de 2001. O sucesso de tais liberações dependem de fatores como: a existência de

brotações; a existência de ovos do minador para serem parasitados; e a aplicação correta de produtos químicos ou utilização de produtos seletivos. Além destes três fatores, é possível que o clima e a competição com inimigos naturais nativos também interferiram no estabelecimento e dispersão do parasitóide, mas estes aspectos ainda não foram estudados.

A influência destes fatores começa a ser analisada, mas, pode-se dizer, em termos gerais, que o parasitóide já foi recuperado em mais de 60% das áreas de liberação e que teve uma melhor adaptação em áreas mais úmidas, registrando-se nestes locais, mais de 50% das folhas minadas contendo o parasitóide. ☒



Ageniaspis citricola diminui a incidência da larva minadora



Lonaleve.
Mais resistente que
muita praga por aí.

AMC - ATENDIMENTO
MASTER AO CONSUMIDOR.
0800-557166

Lonaleve®
A LONA LEVE DO SEU DIA-A-DIA.

Desde o início dos séculos, o homem tem se socorrido das plantas para curar suas doenças; era o único meio disponível. Com o passar do tempo, foi-se criando uma cultura a respeito do assunto. Os mais observadores iam aprendendo quais as plantas que serviam para curar determinadas doenças. Na cultura histórica brasileira, estes depositários do conhecimento eram os pajés; em outras, haviam os bruxos, magos, etc.

Com o aparecimento da química, diversos princípios ativos das plantas passaram a ser sintetizados e produzidos em laboratórios. O exemplo mais conhecido era o chá do chorão (*Salix spp*), que foi substanciado quimicamente e ganhou o nome de ácido acetilsalicílico, popularmente ASS ou aspirina. Hoje, cerca de 50% dos medicamentos ainda provêm das plantas, e 30% são sínteses químicas de medicamentos naturais. Ou seja, 80% dos remédios ainda utilizados provêm ou provieram de plantas.

Sob este aspecto, o Brasil é privilegiado. Além de termos uma grande biodiversidade, a maior do planeta, contamos com o potencial dos nossos índios, grandes conhecedores dos recursos botânicos. É um costume indígena; todas as tribos têm um pajé, o depositário deste saber. É interessante que nem todos os índios de uma tribo conhecem bem as plantas. Este saber é privativo do pajé, geralmente um velho sábio que mantém sempre um ou dois auxiliares a quem este conhecimento é passado, a fim de não se perder. Para criar uma aura de mistério, os pajés além de curar, eram os chefes religiosos.

Com a entrada da civilização branca, duas correntes tiveram contato com os índios, aqueles que queriam desmoralizar os pajés em nome de uma cristianização das tribos, as chamadas missões, e aqueles que queriam aprender seus conhecimentos para utilização comercial. De um lado, os missionários cristãos e, do outro, os pseudomissionários, que, em lugar da Bíblia, traziam microscópios e outros aparelhos científicos, levando amostras de material botânico para análise, sempre com a indicação dos pajés, que eram, neste caso prestigiados pelos visitantes. As duas correntes prejudicaram os índios, uma pela campanha contra os

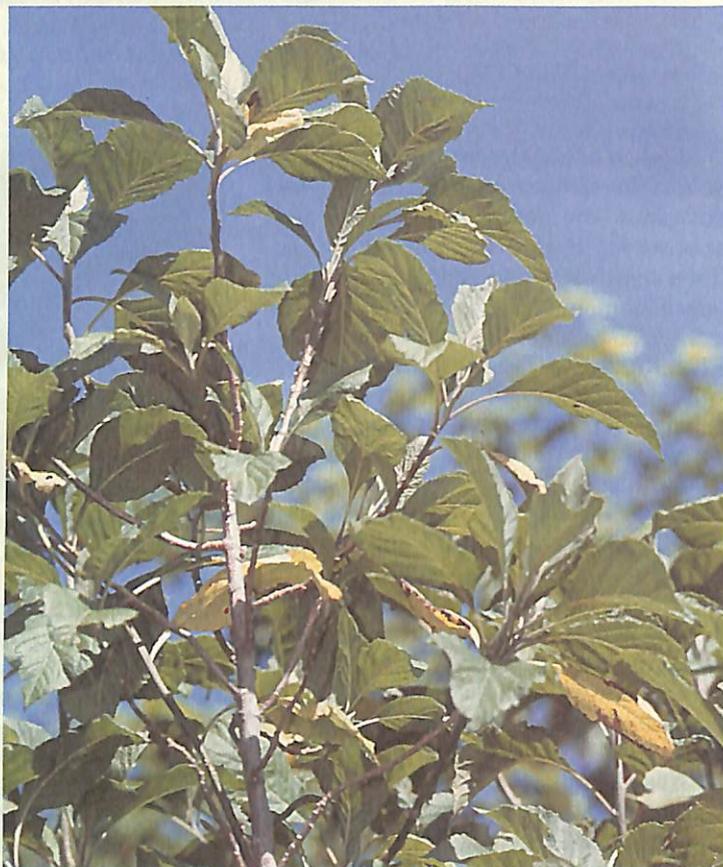
pajés, em nome de Cristo; outra pelo roubo de seus conhecimentos para patentear-los no exterior. Hoje, se uma tribo quiser industrializar suas plantas medicinais, vai ser impedida por alguma indústria estrangeira detentora de patente. Pobres índios, perderam suas terras por falta de registro público e perderam suas plantas medicinais por falta de patente...

Durante anos, uma grande multinacional exportava, pelo Porto de Belém, plantas medicinais prensadas e embaladas como se fossem colchões de palha. Um orgulho para o Brasil, "estamos exportando colchões para a Europa..."

Grandes multinacionais da indústria de medicamentos têm feito enormes doações para os Institutos de Pesquisa da Amazônia e fornecido bolsas de estudo para seus pesquisadores, com vista a levantar e catalogar o conhecimento dos índios sobre as plantas medicinais. Posteriormente, as plantas são colhidas, identificadas, e seus componentes são estudados em modernos laboratórios com fins de obter patentes internacionais.

Faz-se necessário, com urgência, uma lei que garanta aos nossos índios os direitos de seus conhecimentos, impedindo que estes sejam objeto de patentes de qualquer espécie. Da Amazônia, este conhecimento é da maior importância e merece ser preservado; infelizmente as tais ONGs, patrocinadas por dinheiro espúrio, deste assunto não tomam conhecimento.

Recentemente, em Brasília, um pobre caboclo foi preso por raspar uma árvore



A Granja

e, assim, obter remédio para a sua família. Foi objeto de inúmeras reportagens e visitado, na prisão, pelo Ministério do Meio Ambiente.

É digno de pena um país que manda prender um caboclo por raspar uma árvore a fim de obter remédio para sua família. Se fôssemos um país sério, nossas autoridades deveriam, em primeiro lugar, dar tratamento adequado aos seus habitantes e, neste caso, suas instituições de pesquisa deveriam estudar as propriedades da árvore, para saber se, novamente, estamos diante de um caso de sabedoria popular que merece ser preservada.

Provavelmente, as multinacionais já se inteiraram do assunto e levaram amostras da tal árvore para identificação e estudos. Se, realmente, ela tiver algum princípio de interesse, daqui a algum tempo veremos nova patente internacional, e, se o tal caboclo for pego novamente na mesma árvore, será processado duas vezes, por crime ambiental e por violação de patente... 

Plantio Direto

NEWS

Sistema retrata a agricultura do Novo Milênio

Não há dúvida, os números atestam. O Plantio Direto é uma realidade na agricultura brasileira. O sistema realmente chegou para ficar. Tanto que o Brasil destaca-se hoje como o segundo país com maior área cultivada sob PD — são mais de 11 milhões de hectares (mais de 1/3 da área agricultável) — ficando atrás dos Estados Unidos, que chegam a 20 milhões de hectares. A terceira posição fica a cargo da Argentina, com 8 milhões de hectares.

Com o arado deixado de lado, o rendimento médio da soja aumentou 12%, do trigo 5%, do milho 25% e do feijão até 100%, conforme estudos realizados nos últimos 15 anos. E o interesse dos 'nossos' produtores é cada vez maior. Com o tema "A sustentabilidade nos agronegócios", o 15º Seminário da Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto (Cooplantio), entidade que atua fortemente no Sul do País, reuniu 500 pessoas, entre agricultores, agrônomos e técnicos, no município de Gramado/RS. O encontro ocorreu nos dias 29 e 30 de junho.

Somente no Rio Grande do Sul, Estado precursor, esta prática ocupa mais de 90% das lavouras (80% do plantio de soja, 70% de milho e 60% de arroz, por exemplo). Acompanhando o crescimento de novas áreas no Cerrado, o PD também vem avançando por lá, além, é claro, de Estados como Paraná e Santa Catarina. Hoje, este sistema é muito mais do que uma filosofia de trabalho. É uma necessidade, em função de questões ambientais importantes, como o uso racional da água, o combate à poluição, perda de solo, etc.

Integração lavoura/pecuária — Esta conscientização mais ecológica e uma lavoura de arroz condenada pela

Apesar de estar consolidado no território nacional, o Brasil é apontado como o segundo país em área cultivada com esta tecnologia, o PD ainda enfrenta pontos restritivos ligados diretamente a fatores econômicos e conjunturais. Por isso, o debate ganha cada vez mais adeptos

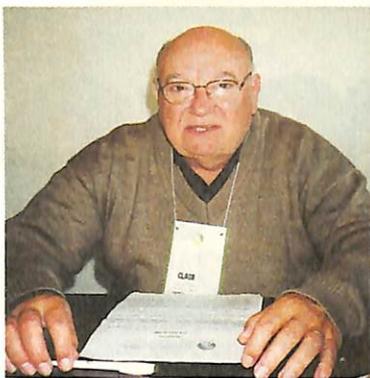
Texto e fotos: Adriana Langon

mais temida invasora, o arroz-vermelho (na Fazenda Santo Antônio, em Tapes/RS), deram um empurrãozinho para que o agropecuarista Joaquim Mello, também proprietário da Estância Santa Eulália, adotasse este sistema. "Na época, eu já tinha este entendimento de melhorar o meio ambiente. Mas foi difícil. Se conhecia muito pouco, faltava domínio da tecnologia", recordou. Já os primeiros resultados foram razoáveis, como ele mesmo avalia. A produtividade média passou de 2 mil quilos/hectare para 4 mil quilos/hectare, na safra 1986/87. Estas áreas recuperadas obtiveram no ano pas-

sado um rendimento médio de 7,25 mil quilos/hectare.

Satisfeito com os avanços, em 1990 passou a usar o PD também na Estância Santa Eulália, propriedade localizada em Pelotas, onde trabalha com a integração lavoura/pecuária. Ele colhe duas safras anuais (soja na primavera/verão e carne no outono/inverno). Uma maximização da exploração. Sem falar dos resultados. A média dos últimos seis anos na soja é de 2,35 mil quilos/hectare. Com as pastagens de inverno, usando o azevém, trevo-branco, trevo-vermelho e cornichão consorciados, o ganho médio em produção de carne é de 240 quilos/hectare e o das pastagens perenes passa para 350 quilos/hectare. O verão abre espaço para o plantio direto de milho e soja em áreas de pastagens. Ou seja, o gado é engordado na entressafra. Os números são de causar inveja a qualquer um. O índice de prenhez dos ventres da Santa Eulália chega a 90% (a média do Estado é de 50%).

Além destes dados, Mello também apresentou aos participantes do encontro a sua planilha de custos: no arroz, R\$ 1.121,00/hectare; na soja, R\$ 450,00; no sorgo, R\$ 310,00/hectare; para a implantação das pastagens, R\$ 302,00/hectare (várzea), para a manutenção das pastagens, R\$ 140,00/hectare, e nas áreas de restevas (soja), R\$ 51,00/hectare. Nas duas propriedades são cultivados 800 hectares de arroz, 500 hectares de soja (Pelotas), 170 hectares de sorgo, 1,4 mil hectares de pastagens e, em produção, 5.000 cabeças de gado. Para o agropecuarista, somente a prática associada a preservação ambiental, além da calagem correta e boa adubação do solo, dará boa produtividade. "Precisamos propiciar à planta condições favoráveis



Dariva: o produtor precisa buscar informação técnica



Soullilljee: achava que o PD era coisa de louco



Sand: depois do PD, 12 safras sem prejuízos



Gassen: o custo de produção acaba se diluindo

para ela atingir seu potencial máximo”, afirmou.

Troca de experiências — O produtor rural Clair Elói Dariva, de Chapecó/RS, é outro entusiasta deste sistema. E não é para menos. Ficou empolgadíssimo com o nível do seminário promovido em Gramado. “É disso que precisamos. Desta troca de experiências”, destacou ele. Tendo como carro-chefe a produção de suínos (6.000 animais/ano), não descuidou nem um pouco das demais atividades. São dez anos dedicados ao PD. O pontapé foi dado com a soja, em apenas 10% da área. Investiu cerca de R\$ 18 mil na aquisição de uma máquina nova. “Com o equipamento resolvi o meu problema”, comentou. No quinto ano, com resultados comprovados a campo, o sistema estava incorporado em toda a área. Hoje, em 200 hectare destinados a esta cultura, ele alcança uma produtividade média de 50 sacos/hectare (o custo de produção fica em 35 sacos/hectare). O milho também é plantado na palha. Os 100 hectares registram um rendimento médio entre 100 e 110 sacos/hectare (o custo de produção é de 50 sacos/hectare).

O caminho foi de aprendizado. “Fui buscando informação, participando de encontros. Além, é claro, do apoio técnico dado como suporte pela cooperativa”, complementou. Para Dariva, a grande vantagem do PD está na relação custo/benefício. “Em dois ou três anos, ele se paga”, calculou. Nesta linha, a suinocultura tem ligação direta com a agricultura. O adubo orgâ-

nico tem um peso e tanto e reduz o uso dos químicos. Na lavoura de soja são aplicados 250 quilos/hectare (2x20x20). No milho, 300 quilos/hectare (5x25x25), mais 200 quilos de uréia/hectare. O produtor também trabalha com integração da lavoura/pecuária, para produzir carne bovina na entressafra.

Coisa de louco — Quando o sojicultor Cornelis Soullilljee, de Carazinho, passou a conhecer o PD e a visitar propriedades rurais pioneiras nesta tecnologia, achou que todos estavam doidos. “Achava que não podia funcionar. Não entrava na minha cabeça”, revelou. A fase de convencimento veio depois de quatro anos de pesquisa, ao realmente conhecer o sistema e comprovar seus ganhos. Para ele, toda a mudança exige esforço, nova mentalidade. E foi esta a sua opção. Em 1991 entrou com toda a força no PD. Não fez grandes gastos. Investiu na adaptação de três plantadeiras (colocou disco de corte e facão) e três pulverizadores (dobrando a largura de trabalho). Antes mesmo, mapeou toda a área e corrigiu as mais fracas com calagem e adubação.

De lá pra cá seguiu colhendo cada vez mais. Saltou de 42 sacos por hectare para 53 sacos/hectare de soja (contra

um custo de produção variável entre 22 e 35 sacos/hectare). No verão, são cultivados 800 hectares de soja e mais 300 hectares de milho. Hoje, toda a área é com PD. Acreditando na necessidade da rotação de culturas, destina 1/3 da área total da propriedade para culturas de inverno, como o trigo e a canola.

Na verdade, Soullilljee nem mesmo sabia, mas já era adepto deste novo conceito. Ele fazia apenas uma gradagem, enquanto os outros produtores praticavam ‘o destrutivo’, ou seja, duas ou três gradagens. “Além de ter uma preocupação com o meu bolso, também tinha com o meio ambiente. A cicatriz da erosão me machucava. Hoje, o PD é a realização pessoal de conduzir uma lavoura ecologicamente correta”, salientou.

Há 12 anos acreditando no PD, Heimbert Sand, produtor rural em Campo Erê/SC, afirmou não ter tido nenhuma safra com prejuízos. Até em anos castigados pela seca, a tecnologia foi a salvação para o empate da receita com os custos. “Sem dúvida, o PD me deu mais segurança, maior estabilidade de produção”, concluiu. Tudo isto graças ao uso de alta tecnologia, o que há de melhor em insumos, adubos com micronutrientes, herbicidas, sementes de qua-

Mello: satisfeito com os benefícios proporcionados pela integração agricultura e pecuária com o PD



lidade. Além da ausência total de erosão, as margens de lucro são consideradas positivas: 40% na soja (o rendimento médio dos últimos três anos foi de 50 sacos/hectare) e entre 50% e 60% no milho (produtividade média de 140 sacos/hectare). A área cultivada é de 200 hectares, dentro do sistema de rotação de culturas. Na propriedade ainda são produzidos mil litros de leite/dia (45 vacas em lactação) com um plantel de 120 animais da raça holandesa.

“Quem entra no PD não sai mais”, enfatizou. Por outro lado, reconhece que os primeiros anos são difíceis. A contrapartida da palha, da matéria orgânica, leva uns três anos para se formar com equilíbrio, explicou o produtor, formado em Agronomia. Na sua opinião, quem supera este período mais crítico, os três primeiros anos, não volta mais para o arado.

Passos para trás — Mas, infelizmente, na prática não é bem assim, contrapôs José Ruedell, diretor-técnico da Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa (Fundacep/Fecotrigo), localizada em Cruz Alta/RS. Segundo ele, o PD está sendo questionado, e uma minoria (cerca de 5% a 10%) está retornando ao sistema convencional, fazendo o caminho inverso. Os vilões são fatores restritivos, como as dificuldades econômicas (os produtos agrícolas estão perdendo valor), variáveis conjunturais, compactação do solo, menor resistência a seca, menor produtividade, maior ataque de doenças e pragas. “O produtor quer achar o culpado e, por isso, está questionando o PD. O que está totalmente errado”, defendeu. O acompanhamento da propriedade e a adoção de certos manejos fazem a diferença na hora da colheita. O erro recai na resistência, ou até mesmo falta de conscientização, na adoção de uma programação para a rotação de culturas. Quem

Marca Cooplantio vai identificar produtos

A partir do próximo ano, o consumidor do Sul do País terá ao seu alcance os produtos com a marca Cooplantio. O arroz, feijão e derivados de soja vão ganhar um selo de origem, de rastreabilidade. Uma iniciativa para valorizar o produto diferenciado e mais qualificado, especificou o vice-presidente da Cooplantio, Dalro Benvenuti (na foto). “Sempre trabalhamos dentro da porteira, agora também vamos tratar de mercado e fazer o consumidor urbano entender o que significa este conceito de produção”, ressaltou. Antes de chegar nas prateleiras, a idéia envolveu iniciativas importantes, como a seleção de sementes qualificadas, fertilizantes e defensivos menos agressivos ao meio ambiente.

A Cooplantio soma hoje 11 mil associados, que contam com um corpo técnico especializado para prestar informações sobre o PD. O que também pode ser feito via internet pelo e-mail WWW.cooplantio.com.br. A cooperativa busca oferecer soluções e inovações para as lavouras de milho, arroz, trigo, soja,



feijão, uva, fumo, pastagens e outros, detalhou o presidente da Cooplantio, Eurico Faria Dornelles. É com orgulho que rememora a origem da Cooplantio no Clube PD do Arroz, com a participação de 27 pessoas. “Já naquela época, há cerca de 18 anos, técnicos americanos vieram aprender conosco”, comentou. Os dez anos comemorativos marcam a abertura de mais 20 filiais, até o final deste ano, expandindo-se inclusive para o Paraná.

não alterna as culturas, intercalando soja, milho e trigo, conseqüentemente não tem palha suficiente. “É uma coisa tão simples e o agricultor acha que não é verdade”, acrescentou. Cita como exemplo o caso do milho, que tem alta capacidade de produzir carbono e até zera o tamanduá-da-soja.

São vantagens agregadas dentro do sistema produtivo, mesmo que lentamente. Embora o investimento inicial possa parecer alto num primeiro momento, somente a máquina específica para o PD custa em média R\$ 25 mil, ele se dilui. A afirmação é do pesquisa-

dor Dirceu Gassen, que está desligando-se da Embrapa/Trigo para assumir a direção técnica da Cooplantio. Enquanto o custo de produção de um hectare de soja no sistema convencional é de R\$ 450,00, no PD cai para R\$ 374,00. A economia pode ser listada: uso de ¼ da necessidade de calcário, 64% a menos de combustível, redução em 35% da necessidade de máquina e de HP e decréscimo de 30% no número de horas trabalhadas. Para Gassen, estes são pontos fundamentais na planilha de custos de uma propriedade rural e comprovam a viabilidade econômica do PD. ■

RANCHO CENTAURUS



Venda permanente de machos e fêmeas MARCHIGIANA P.O. - Fone/fax: (51) 233 1822

Quem planta colhe. Ainda mais aqui. Mas antes é preciso plantar. Plantar idéias. É isso que fazemos o tempo todo. O agronegócio é o setor com maior potencial de crescimento na nossa economia e tem se mostrado um dos melhores lugares para se investir. Por isso, o Canal Rural possui um vasto campo de oportunidades para o seu negócio. Com uma programação de abrangência nacional, leva o rural até o urbano e o urbano até o rural, além de acompanhar tudo o que acontece



Para assinar o Canal Rural, ligue: 0800. 992211



nesse setor, nas mais diversas partes do mundo, através de coberturas de feiras, leilões, reportagens especiais e muitos outros eventos. Tudo para que o homem do campo fique sempre cercado de informações. Anuncie no Canal Rural e plante idéias você também. www.canalrural.com.br

CANAL RURAL

Plantando Idéias

Net/Sky 35



Competence



ARROZ

Produção recua, mas abastecimento é tranquilo

A safra brasileira de arroz de 1999/2000 deve ficar em 11,533 milhões de toneladas, um recuo de 0,4% com relação à safra passada, quando o País colheu 11,582 milhões de toneladas. Os números são da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e compõem o 5º levantamento de safra. Embora os números evidenciem queda, a situação de abastecimento é tranquilizadora. Os estoques de passagem, de 1,4 milhão de toneladas, acrescidos da produção de 11,5 milhões de toneladas devem resultar numa oferta total de 12,9 milhões de toneladas, quando o consumo está estimado em 11,7 milhões de toneladas.

De acordo com os técni-

cos, considerando que a Argentina e o Uruguai irão pressionar o mercado brasileiro com seus excedentes de cerca de 2 milhões de toneladas a preços competitivos, há uma tendência, muito forte de estabilização dos preços em patamares baixos. A expectativa é de confirmação dessa tendência mesmo diante das medidas adotadas pelo governo com vistas ao enxugamento de cerca de 1,3 milhão de toneladas do produto no mercado interno.

O mercado mantém um ritmo lento, tanto para o arroz-casca quanto para o beneficiado. Os preços mantiveram-se pressionados, em uma conjuntura de boa oferta e demanda retraída.

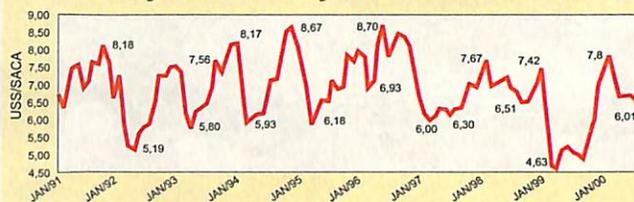


Safra total supera 33 milhões de toneladas, segundo Conab

A safra brasileira total de milho 1999/2000 deve fechar em 33.108,9 mil toneladas. O número faz parte do quinto e último levantamento da safra brasileira de grãos 1999/2000 da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A estimativa mostra uma redução na projeção de safra total em relação à previsão anterior (quarto levantamento), que indicava uma produção de 33.793,8 mil toneladas. Ainda assim, a safra deverá ser, segundo a Conab, 2,2% superior à produção anterior (98/99), de 32.393,4 mil toneladas.

A área total plantada é indicada em 12.769,4 mil hectares, 2,0% superior à safra passada (12,513 mil ha). Entretanto, a área foi revisada para baixo em relação ao quarto levantamento, que apontava 12.679,2 mil hectares. A primeira safra no Brasil, 1999/2000, foi colocada em 27.261,9 mil toneladas, com incremento de 1,9% em relação a 1998/1999. Já a segunda safra (safra-frinha) deve totalizar 5.847,0 mil toneladas, contra 5.651,4 mil toneladas da temporada anterior, com um crescimento de 3,5%.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO MILHO - 1991/2000



TRIGO

Produção cresce, mas País segue dependente

Mesmo esperando um aumento da produção nacional de trigo próximo a 10%, a oferta interna conseguirá atender somente 27% da demanda total por trigo no País, realçando a necessidade de importar. Para a safra 1999/2000, a previsão é importações de trigo em torno de 7.410 mil toneladas. Para o próximo ano, tendo em vista o aumento na produção interna, a necessidade de importar ficará em torno de 7.170 mil toneladas, que, mesmo menor, confirma o Brasil como

um dos maiores importadores mundiais. A Argentina, de janeiro a maio deste ano, foi a origem de 96% do trigo importado pelo Brasil, sendo seguida por Canadá, Paraguai, Uruguai e Estados Unidos. Diante da atual conjuntura, essa relação não deverá apresentar grandes alterações.

Para o mercado interno, esperam-se bons preços nesta próxima temporada. O referencial de negócios futuros que vinham se realizando no Paraná era de US\$ 127-129.00/t (R\$ 230-235,00/t), esperando-se que a base de mercado em setembro fique próxima a esse referencial.

Para o RS a situação é mais complicada. A maior parte da colheita no Estado ocorre no mesmo período que a entrada da safra argentina,

com a paridade com o produto estrangeiro pressionando as cotações. Diante disso, entende-se o porquê da boa procura que tem havido pelos contratos de opção. A base de mercado para o período de colheita (outubro, novembro e dezembro) deverá ficar próxima a US\$ 113.00/t (R\$ 205,00/t), o que torna possível a utilização do Prêmio do Escoamento da Produção.

Diante do quadro exposto acima, observa-se que pouco se avança rumo à auto-suficiência nacional na temporada 2000/2001, embora seguidamente escutemos afirmações oficiais de que essa seria uma meta do governo brasileiro. Mas, para que isso efetivamente aconteça, são necessárias medidas que realmente animem os produtores, o que

naturalmente passa por gastos de produção e de comercialização ainda maiores que os atuais, movimento que o governo federal não parece disposto a implementar.





Mercado quer retomar vendas à Rússia

Com o consumo seguindo nesta linha estável, as atenções do mercado de suínos voltam-se para as expectativas de abertura de novas frentes no mercado externo. Recentemente, empresas do Sul vêm novamente tentando o reatamento de comercialização com o mercado russo. Depois das sucessivas crises, o mercado russo volta novamente a freqüentar o pensamento dos exportadores brasileiros. Fortes empresas da região Sul do País vêm tentando remover os últimos embaraços sanitários existentes para a exporta-

ção em maior escala àquele país.

A estimativa é voltar a exportar cerca de 400 toneladas/mês, ou talvez mais, somente para o mercado russo, como ocorria antes da crise. As exportações de carne suína em maio fecharam em 9.280 toneladas, gerando uma receita de US\$ 11,8 milhões. O montante é significativo em relação ao volume exportado em maio do ano passado, que foi de 6.348 toneladas. O acumulado de janeiro a maio também é superior ao registrado no mesmo período do ano passado, que foi de 36.363 toneladas contra 28.303 anteriores.

EUA encaminham safra recorde

As estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para a produção de soja em grão do país foram reduzidas para 2,94 bilhões de bushels, frente aos 2,95 bilhões de junho, com os estoques finais previstos em 480 milhões de bushels, contra os 495 milhões de junho. De acordo com as estimativas do Relatório de Oferta e Demanda do USDA, os rendimentos para a safra 2000/01 norte-americana permanecem inalterados em 40 bushels por acre. A produção total mundial de soja em grão

deverá aumentar em 2000/01 para 168,53 milhões de toneladas, ante a produção anterior de 155,89 milhões. Um acentuado incremento é previsto para estoques finais mundiais em 2000/01, que deverão totalizar 25,3 milhões de toneladas ante os 19,87 milhões de 1999/2000.

A China deverá colher 15,8 milhões de toneladas na próxima safra, contra os 14,29 milhões de 1999/2000. As importações chinesas também deverão recuar para 5,75 milhões de toneladas, contra as estimativas de 7,7 milhões para 1999/2000.

ESTIMATIVA DE PLANTIO DE SOJA - EUA - 2000
(em mil hectares)

Estados	Área plantada	Área para colheita
Meio-Oeste		
Illinois	4.168	4.148
Indiana	2.307	2.291
Iowa	4.290	4.270
Missouri	2.084	2.064
Ohio	1.781	1.777
Região dos Lagos		
Minnesota	2.914	2.873
Planícies do Norte		
Kansas	1.174	1.153
Nebraska	1.902	1.882
Delta		
Arkansas	1.416	1.376
Mississippi	688	668
Outros	7.427	7.234

Em setembro na revista

O Brasil esquentas as máquinas para o plantio

a granja

■ **As variedades que o brasileiro vai plantar**

Leia ainda: O humor de Eduardo Almeida Reis, Aqui está a solução, o Plantio Direto News e muito mais.

FEIJÃO

Safra 1999/2000 deve ficar em 3,07 milhões de toneladas

A safra brasileira de feijão de 1999/2000 deve ficar em 3,071 milhões de toneladas, volume superior à última temporada, quando o País colheu 2,895 milhões de toneladas. A avaliação é da CONAB em seu quinto levantamento de safra. Os dados coletados entre 26 de junho e 1º de julho apontam uma produção de 1,414 milhão de toneladas para a 1ª

safra e de 1,427 milhão para a segunda safra, considerada praticamente encerrada. Já a terceira safra, em andamento, tem produção estimada em 230 mil toneladas.

O feijão 3ª safra acumula queda de 30% de área e de 29,9% de produção no Paraná. O Estado tem 37% das lavouras em desenvolvimento vegetativo, 21% em floração, 22% em frutificação e 19% em fase de maturação. Na região de Barreiras/BA, a área deve ficar em torno de 5,8 mil hectares contra 19,3 mil hectares de 1999. A região, que em anos anteriores chegou a

colher cerca de um milhão de sacas de feijão sob pivôs projetada uma safra de no máximo 250 mil sacas.

Em Minas Gerais e em Goiás também devem ocorrer quedas acentuadas no plantio, com o feijão perdendo espaço para outras culturas com melhores perspectivas de mercado, como o milho, milho-doce, milho-semente e tomate industrial. Já as regiões de Alagoas, Sergipe e do nordeste da Bahia, de colheita prevista para o período de agosto a setembro, contam com bom volume de chuva. A exceção fica com Euclides da

Cunha e Serrinha/BA, onde as lavouras já sentem falta de chuva.



CARNE

Confinamento recorde em 2000

O pecuarista antecipou o confinamento na atual temporada. Esta condição passa a ser mais delicada no momento que a avaliação de volume de gado confinado neste ano é recorde. Safra apurou um volume próximo a 1,72 milhão de cabeças que estão sendo confinadas no País, cerca de 26% acima do ano passado. O volume pode parecer elevado e surpreendente, devido aos altos custos de alimentação animal neste ano. Contudo, deve-se considerar que o principal componente de sustentação deste alto volume de confinamento, neste ano é a seca. Temos ainda muito gado da safra de verão nas regiões afetadas pela seca, em São Paulo e Minas Gerais, principalmente, que passou a ser confinado como forma de tentar um ganho melhor de rentabilidade na entressafra.

Assim, São Paulo, Minas Gerais e Goiás estão

sendo os mais afetados pela seca e onde há a maior expansão de confinamento neste ano. Com este volume, as condições de oferta estão garantidas na entressafra. Note-se que, em todos os momentos em que o mercado de boi apresentou relevantes altas de preços em dólar, a sustentação foi a demanda, ou seja, após os planos econômicos, a bolha de consumo gerada com a mudança no perfil da renda da população ocasionou impactos relevantes nos preços do boi. Neste ano 2000, registramos um ponto positivo que é a demanda externa, pelo menos no que diz respeito ao volume exportado pelo País. Este fato está retirando do mercado interno um importante excedente, o qual poderia estar atuando no sentido baixista do mercado interno. Mas a demanda interna não pode ser avaliada como um fator relevante para a sustentação dos preços da carne bovina e do boi gordo.

Desta forma, esta entressafra 2000 tem chances de registrar preços realmente altos. Inicialmente, devido à seca. Depois, devido aos custos e ao sentimento altista formado

pelo pecuarista. Hoje, se fala em níveis de R\$ 47,00 a R\$ 50,00 a arroba, base São Paulo, para o boi gordo no pico da entressafra. São preços altos e, do ponto de vista do complexo carnes, o efeito sobre a queda da demanda e a substituição por carnes alternativas podem ser fatores que imponham limites aos preços do boi.

Exportações in natura sustentam crescimento

As exportações de carne bovina seguem em bom ritmo. O volume negociado no mês de maio ficou em 58,34 mil toneladas, um novo recorde brasileiro, com receita de US\$ 81 milhões. O preço mé-

dio segue em baixa, tendo fechado maio em apenas US\$ 1.935/tonelada, cerca de 11% abaixo do mesmo período de 1999.

Mas existem duas condições díspares dentro do contexto. Na carne industrializada, o Brasil já está deixando de exportar, seja pelo baixo preço externo, seja pelo alto custo interno. Pelo terceiro mês consecutivo, as exportações de carne industrializada ficaram abaixo do ano passado. Em maio, foram negociadas 29,85 mil toneladas em equivalente carcaça, 7,2% abaixo do exportado em maio de 1999. No ano, o volume também já é inferior, com 128,9 mil toneladas negociadas de janeiro a maio, contra 135,2 mil toneladas no mesmo período do ano passado.

BALANÇA COMERCIAL SETOR CARNES - 2000
- Jan/Abr -

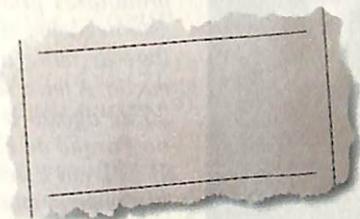
Período	Total Exportações US\$	Total Importações US\$	SALDO GERAL US\$
Janeiro	129.865	6.876	122.989
Fevereiro	123.492	9.372	114.120
Março	138.513	7.317	131.197
Abril	142.747	6.572	136.175

Fonte: SECEX

30% mais barato* • A maior circulação do Estado • Encartado no jornal e entregue a todos os assinantes sem custo adicional • Apenas **R\$ 1,00** nas bancas • Agentes em todos os municípios do interior • Cartão do Assinante dá descontos para quem anuncia

Todos os sábados, seção de agronegócios.

Informática • Empregos • Veículos • Imóveis • Diversos • Agronegócios



**Coloque seu
trator que vale
muito nesta área
que não custa
quase nada.**

Assinaturas em dia concorrem
a 36 prêmios e a

**3 carros
todo mês.****

classificados
CORREIO DO POVO

Os Classificados de todo o Rio Grande.

Ligue e anuncie
(51) 216.16.16
ou procure o agente
da sua cidade

** Premiação a ser distribuída através de cauteias divididas nas séries A, B e C.

* Condição válida para o lançamento.

Senai vai treinar operadores de máquinas

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai/RS) vai treinar, até o final do ano, cerca de 1,5 mil operadores para tratores, colheitadeiras, ordenhadeiras e implementos (planta-deiras e semeadeiras) como resultado do protocolo de intenções assinado com o Sindicato de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers). O presidente do Sindicato, Eduardo Silva Logemann, disse que o programa, inédito no setor, atende a uma exigência indispensável para a competitividade das indústrias, que é a venda de máquinas, equipamentos e implementos de forma acoplada com a prestação de serviços ao produtor rural. "Precisamos colaborar com nossos clientes no treinamento das pessoas que vão operar as máquinas que fabricamos, para que possa ser maximizado o aproveitamento das avançadas tecnologias que elas incorporam, em benefício do aumento da produtividade agrícola", afirmou o dirigente do Simers.

O treinamento a ser ministrado pelo Senai/RS deverá propiciar redução de custos de manutenção dos equi-



A Granja

pamentos para o produtor rural e, para os operadores, irá se constituir em fator de maior qualificação profissional. Além do treinamento dos operadores diretamente ocupados na lavoura, o programa igualmente atingirá o pessoal da linha de vendas dos fabricantes de tratores, colheitadeiras, ordenhadeiras e implementos. O dirigente regional do Senai/RS, José Zortéa, disse que a instituição já vem apoiando o setor de máquinas e implementos agrícolas gaúcho com cursos de aprendizagem para menores e treinamento de profissionais que atuam na manutenção dos equipamentos. O RS conta com 400 fabricantes no setor, que geram 13 mil empregos diretos.

Brasil terá nova área livre de aftosa

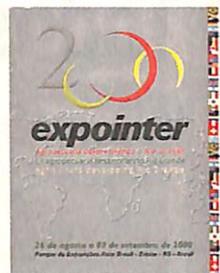
Até o final deste ano, o Brasil poderá ter mais uma área livre de febre aftosa sem vacinação. É o Circuito Pecuário Leste (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Sergipe) e mais os Estados de Mato Grosso do Sul e Tocantins. No dia 15 de julho, o Ministério da Agricultura e do Abastecimento começou a realizar nessa zona o inquérito soroepi-

demiológico no rebanho de 55 milhões de bovinos. Caso seja constatado que os animais estão imunes à doença, o resultado do levantamento será enviado à comissão técnica da Organização Internacional de Epizootias (OIE), em janeiro de 2001, para que reconheça o Circuito Leste como zona livre de febre aftosa sem vacinação.

Expointer é lançada com expectativa de negócios

A 23.ª edição da Expointer, considerada a maior feira agropecuária da América Latina, foi lançada no final de junho com a promessa de que não haverá ameaça de boicote, e os produtores poderão alinhar seus negócios já de olho na zona livre de febre aftosa sem vacinação. A feira será realizada de 26 de agosto a 3 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, que foi completamente remodelado, num investimento de R\$ 1,2 milhão. Atraídos pelo certificado que será concedido ao Estado e a

Santa Catarina em maio de 2001, criadores norte-americanos já confirmaram presença. Eles pretendem conhecer os criatórios, a qualidade e as condições de abate dos frigoríficos gaúchos. A feira também terá participação de delegações de países da Europa e da América Latina, além de expositores da Inglaterra e Canadá.



Plano Safra 2000/2001: recursos somam R\$ 13,1 bilhões

O Plano Safra 2000/2001, anunciado pelo ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, no final de junho, prevê a liberação de R\$ 13,1 bilhões para o financiamento das operações de custeio e investimento agropecuário. O objetivo é apoiar o setor agrícola brasileiro para atingir uma produção da ordem de 90 milhões de toneladas. Para custeio e comercialização, foram destinados R\$ 11 bilhões, o que corresponde a um acréscimo de 44,7% em relação aos R\$ 7,6 efetivamente aplicados, nessa modalidade, na safra anterior. Para operações de investimento os agricultores vão contar com R\$ 2,1 bilhões, 16,6% acima dos R\$ 1,8 bilhão aplicados anteriormente.

Os recursos anunciados pelo Ministério da Agricultura não incluem a dotação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. O Plano prevê o apoio a oito programas específicos, regionais e setoriais, no valor total de R\$ 760 milhões. Para renovação de pastagens foram destinados R\$ 400 milhões, enquanto para o desenvolvimento da fruticultura foram dotados R\$ 100 milhões.



A Granja

O Moderfrota, para renovação e ampliação do estoque de máquinas agrícolas, recebeu uma dotação de R\$ 800 milhões. Para o Prosolo, programa de conservação de solos, foram destinados R\$ 300 milhões, enquanto outros R\$ 200 milhões serão repassados para o Proleite, programa de modernização da pecuária leiteira. O Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária (Recoop), que tem como objetivo reestruturar e capitalizar cooperativas de produção agropecuária, poderá beneficiar até 310 cooperativas, envolvendo recursos de até R\$ 2,1 bilhões, sendo R\$ 1,4 bilhão para financiamentos de dívidas e R\$ 700 milhões em novos recursos destinados a investimentos e capital de giro.

Inaugurado Pólo de tecnologia de pós-colheita

Com sede na Estação Experimental Agrônômica da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (Ufrgs), em Eldorado do Sul/RS, foi inaugurado em junho o Pólo de Tecnologia de Pós-Colheita, numa parceria da Ultragaz, Ufrgs, Universidade Federal de Pelotas, Emater/RS, Instituto Riograndense do Arroz. O empreendimento contou com investimentos da Ultragaz da ordem de R\$ 200 mil, aplicados na construção de três prédios que irão abrigar um laboratório e dois secadores, além de uma central de gás liquefeito de petróleo. Novas técnicas de secagem de grãos pós-colheita serão desenvol-



vidas no local, sendo que as culturas de arroz, milho, trigo, cevada e sorgo — consideradas as de maior importância para região sul do País — terão prioridade nas pesquisas.

O Pólo tem como objetivo tornar-se o primeiro centro de referência em secagem de pós-colheita do Rio Grande do Sul. Vai promover o treinamento de técnicos e engenheiros agrônomos de empresas, instituições ou mesmo outras universidades. O Pólo pretende formar cerca de 600 pessoas/ano.

Trator quebra recorde e entra no Guinness

O trator QuadTrac da Case IH entrou para o Guinness Book, ao arar 209,42 hectares — o equivalente a 35 campos de futebol — em 24 horas, estabelecendo um novo recorde mundial. A antiga marca era de 180 hectares no mesmo tempo. Normalmente, leva-se um mês para arar área equivalente. A prova foi disputada numa fazenda no sudeste da França, em Crépey-on-Valois.

O operador foi o especialista de peças da case IH Jean Imbert, que dirigiu a máquina sem fazer qualquer "pit stop". Um oficial de justiça e um geólogo acompanharam a prova, para validar, qualificar e garantir o cumprimento da façanha. O recordista foi um trator de 425cv que tem quatro esteiras no lugar das rodas, para maior tração e melhor desempenho em áreas irregulares.



Divulgação

CTNBio libera milho transgênico

A Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) deu parecer favorável à importação, para uso em ração animal, de 13 variedades de milho geneticamente modificados comercializadas em vários pontos do mundo. O parecer foi uma resposta ao pedido de informações sobre a segurança do milho transgênico feito pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento, responsável por autorizar a entrada no País desse tipo de produto, juntamente com os ministérios da Saúde e do Meio Ambiente.

De acordo com o parecer, não há indicações de que as 13 variedades de milho transgênico avaliadas tenham efeitos danosos quando usadas em ração. A comissão analisou, durante três dias, 1,2 mil laudas técnicas enviadas pelos Estados Unidos, Argentina e países da união Européia. O parecer foi muito criticado pelo Instituto de Defesa do Consumidor (Idec). O órgão alertou que os integrantes da CTNBio estavam incorrendo em crime de desobediência civil, já que a 6.ª Vara Federal do Distrito Federal proíbe a entrada de produto transgênico no País. O Idec pediu providências e ameaça entrar com uma ação criminal contra os membros do CTNBio, caso o parecer não seja suspenso. No dia 26 de junho, o juiz Antônio de Souza Prudente, da 6.ª Vara Federal, determinou que o CTNBio não poderia emitir nenhum parecer técnico conclusivo sobre produtos transgênicos sem antes elaborar normas relativas à segurança alimentar, à comercialização e consumo dos alimentos transgênicos e de impacto ambiental, de acordo com a Constituição Federal.

Anote aí

De 2 a 6 de setembro, o campus da Universidade de São Paulo, em Pirassununga/SP será sede do Pré-Simpósio Internacional da Carne. Será uma espécie de prévia do Simpósio Internacional da Carne (Intercarne), que acontece entre os dias 7 e 9 de setembro, no Anhanguera Rural, em Nova Odessa/SP. Informações pelo fone (11) 3675-1818 ou pelo e-mail: imprensa@textoassessoria.com.br

De 16 a 19 de outubro, o município de Bebedouro/SP, vai sediar o VI Seminário Internacional de Citros, que terá como tema este ano a produção integrada. O evento, que é realizado desde 1990, a cada dois anos, pela Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro, acontece nas instalações da própria entidade. Informações pelo site eecb@coopercitrus.com.br ou pelo fone (17) 342-7844.

Nos dias 30 e 31 de agosto, sob coordenação da Embrapa Meio Ambiente, será realizado o Seminário sobre Agricultura e Qualidade da Água, em Jaguariúna/SP. Durante o seminário será dada ênfase a presença na água de agrotóxicos, nitrato, metais pesados e outros componentes perigosos à saúde pública. Informações e inscrições no fone (19) 3867-8170 ou sac@cnpma.embrapa.com.br

Café brasileiro terá selo de qualidade



A Granja

Em breve o cafezinho brasileiro vai ter mais qualidade e garantia de pureza. Uma parceria entre a Embrapa e a Associação Brasileira das Indústrias de Café (Abic) vai garantir padrão de qualidade ao pó de café produzido no País e comercializado no mercado nacional. Pesquisadores desenvolveram metodologia para identificar, classificar e quantificar o percentual de impurezas e misturas em amostras de café torrado e moído prontas para consumo. O método utiliza os mesmos princípios do sensoriamento remoto (captação de imagens por satélite). As amostras de café são colocadas em uma lupa acoplada com câmera digital. Conectada a um computador, transfere as imagens, que são analisadas a partir de um software de processamento de imagens capaz de quantificar impurezas e misturas.

Pesquisa investiga o genoma bovino

O Laboratório de Imunologia e Resistência a Doenças do Serviço de Pesquisa Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em conjunto com outras instituições, entre elas a Embrapa, tenta tornar possível a formação de rebanhos de animais resistentes a doenças, através do melhoramento genético. O microbiologista Louis Gasbarre, do laboratório norte-americano, esteve em Brasília no mês de julho, para conhecer os projetos desenvolvidos pela Embrapa na utilização de melhoramento genético para controle de doenças animais.

OECD confirma segurança de plantas transgênicas

A Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD) divulgou dois relatórios garantindo que as plantas geneticamente modificadas já aprovadas para o consumo humano são tão seguras quanto as variedades convencionais. Os estudos foram apresentados na reunião do G8 (grupo dos oito países mais industrializados do mundo e a Rússia), que aconteceu em julho, em Okinawa, no Japão. A OECD tem sede em Paris, França, e conta com a participação de 29 países de quatro continentes. Tem como objetivo propor temas para que os governos desses países discutam, aperfeiçoando e melhorando sua política econômica e social.

Embrapa lança livro sobre pimentas e pimentões

As pimentas, pimentões e os aspectos histórico-culturais relacionados a essas duas espécies do gênero *Capsicum* são alguns dos assuntos abordados no novo livro da Embrapa. O pesquisador Francisco José Becker Reifschneider organizou textos de vários autores para levar ao leitor conhecimentos sobre as plantas do gênero *Capsicum* e suas utilidades. "*Capsicum* — pimentas e pimentões no Brasil" — traz receitas testadas e aprovadas da variada culinária à base de pimentas e pimentões. O livro, de 144 páginas, aborda aspectos botânicos, agrônômicos e científicos das espécies de pimentas e pimentões. Custa R\$ 40 e pode ser adquirido na Embrapa Comunicação para Transparência de Tecnologia — Parque Estação Biológica — Av. W3 Norte, CEP 70770-901,

Divulgação



Agroecologia é forte aliada no combate ao cancro cítrico

O Rio Grande do Sul está conseguindo controlar o cancro cítrico da laranja através do resgate da agroecologia, que usa técnicas antigas, mas ainda não empregadas na citricultura. A agroecologia não difere dos outros métodos apenas nas técnicas utilizadas, mas por ser

uma ideologia diferente. Em vez de tratar a planta depois de diagnosticar o problema, são realizados programas de prevenção desde o plantio do pomar.



Divulgação

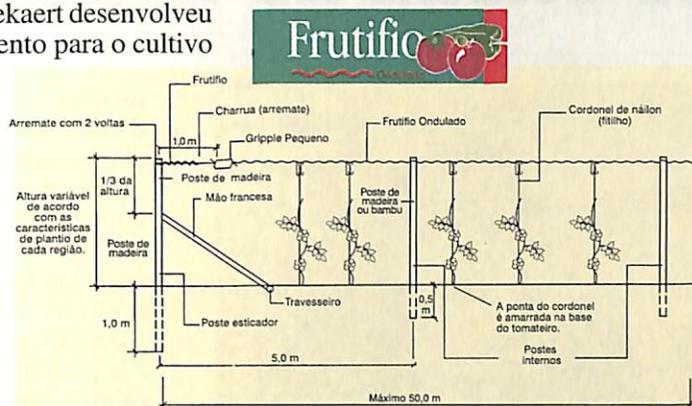
USP faz mapeamento genético do milho

Pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP, trabalham no mapeamento genético na agricultura. Há seis anos, um grupo estuda o isolamento dos genes do milho resistentes à ferrugem do gênero *Puccinia* e das espécies *polysora* e *sorghii*, esta última com ocorrência no Rio Grande do Sul. O objetivo é buscar a redução das perdas da produtividade, principalmente durante a safrinha. De acordo com o pesquisador Luís Eduardo Aranha, o clima úmido e quente do solo na plantação da segunda safra de milho, nos meses de janeiro e fevereiro, favorece o desenvolvimento do fungo. Em São Paulo, o prejuízo na lavoura é de cerca de 40%.

NOVIDADES NO MERCADO

■ Tutoramento para o cultivo de tomates

A Belgo-Mineira Bekaert desenvolveu um sistema de tutoramento para o cultivo de tomates. A rapidez na montagem da estrutura, facilidade para tutoramento da cultura, maior ventilação, melhor controle de pragas e doenças e ausência de deformação dos frutos são apenas algumas das vantagens listadas pelo fabricante. Para esta tecnologia na lavoura são disponibilizados os produtos frutifio (comprimento mínimo 500/1.000m, peso líquido aprox. entre 13,5 e 27kg, camada de zinco (g/m²) com proteção contra ferrugem 200 — camada pesada, carga mínima de ruptura (kgf) 500, diâmetro do fio 2,10mm); e o frutifio ondulado (comprimento mínimo 500/1.000m,



peso líquido aprox. 14/28kg, camada de zinco (g/m²) com proteção contra ferrugem 200 — camada pesada, carga mínima de ruptura (kgf) 500 e diâmetro do fio 2,10mm). **Belgo-Mineira Bekaert Arames S/A, Av. General David Sarnoff, 909/A, CEP 32210-110, Contagem/MG, fone 0800 31-3100.**

■ Casale lança misturadora horizontal



Divulgação

A totalmix, 25m³, é um equipamento avançado e robusto. Esta misturadora alimentadora horizontal trabalha homogeneamente qualquer tipo de volumoso, inclusive feno com rações, minerais, caroços de algodão, etc. O fundo interno da caçamba é revestido em aço inoxidável e a rosca inferior extra é reforçada, segmen-

tada e dotada de facas removíveis. O agricultor também tem à sua disposição os opcionais: balança eletrônica programável, placa magnética para bica de descarga, indicador de peso remoto, rodado em "Tandem". Confira os dados técnicos do modelo: capacidade real (m³) 25, comprimento de caçamba (mm) 5.345, largura de caçamba (mm) 2.425, altura de caçamba (mm) 2.400, altura total (mm) 3.150, peso aproximado (kg) 7.900, pot. requerida na TDP (HP) 85, compr. total (mm) 7.900. A garantia da máquina é de três anos ou 3 mil horas. **Casale Equipamentos Ltda., Rod. Washington Luís, km 237, Jockey Club, Cx. Postal 709, CEP 13560-970, São Carlos/SP, fone (16) 261-3099.**

■ Hectarímetro Ohland adapta calculadora

O aparato tecnológico para servir ao homem do campo é cada vez maior. Atenta às necessidades do segmento, a microempresa Ohland fabricou uma pequena calculadora para medir comprimentos em metros e áreas em metros quadrados. O aparelho pode ser adaptado em equipamentos agrícolas, como colheitadeiras, plantadeiras, pulverizadores, e é alimentado por uma bateria recarregável com energia solar.



Para facilitar sua aplicação, é acompanhado de imãs, ferragem para adaptação, além de dois sensores. Entre suas vantagens, destacam-se a utilização inclusive à noite (em decorrência da autonomia das baterias) e a possibilidade de aplicação de insumos na quantidade correta. **Orlando Ohland ME, Rua Dr. Campos Velho, 1500, sala 104, CEP 90820-000, Porto Alegre/RS, fone (51) 241-7310.**



Divulgação

■ Novo cortador de grama

O cortador de grama residencial da Husqvarna, modelo CTH 160 II, já está no mercado. O produto, de design moderno e prático, possui recolhedor de grama inserido, que, através de uma alavanca, permite o descarregamento do material cortado. A capacidade é de 230 litros. A caixa de câmbio é automática, a partida é elétrica, o motor tem potência de 16cv, a largura de corte é de 107cm e seu deck possui roda-guia que auxilia na regularidade da altura de corte (esta, regulada continuamente de 25 até 90mm). O produto é ideal e recomendado para áreas extensas de grama. **Husqvarna Floresta & Jardim, Rua Dr. Costa Júnior, 338, Água Branca, CEP 05002-000, São Paulo/SP, fone (11) 3871-1838.**



Divulgação

■ Desensiladeira de pequena dimensão

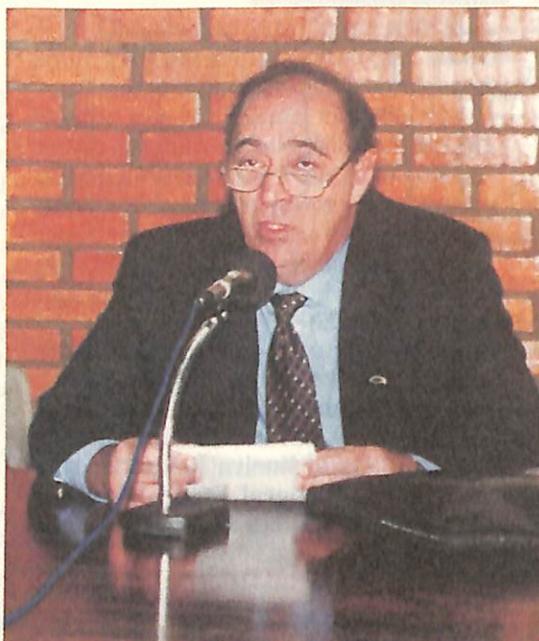
O pequeno e o médio pecuarista já podem contar com a desensiladeira mescladora portátil desenvolvida pela Agro Forn. São dois os modelos: a AFD-60 e a AFD-75. De pequena dimensão, o seu ganho está justamente em oferecer uma grande versatilidade com um pequeno custo. A freza de corte, com inúmeras facas, efetua um corte perfeito, garantindo a conservação do silo. A descarga é efetuada por meio de uma rosca sem fim a uma altura máxima de 70cm. **Agro Forn Comércio Serviços e Instalações Ltda., Distrito Industrial, 110, Cx. Postal 22, CEP 18640-000, Pardinho/SP, fone (14) 856-1138.**

Perfil do cacau no Brasil

Agropecuária desde o início dos tempos é a responsável pelas transformações sócio-econômicas que marcaram a história da humanidade. Num país essencialmente agrícola, a economia brasileira registra o enriquecimento de regiões e produtores, surgimento de novas cidades, soergimento de novos padrões culturais e de vida, através da atividade. Em especial a cacauicultura nacional foi responsável por inúmeros benefícios à sociedade, sustentando riquezas e gerando divisas à Nação. Não é de admirar que o cacau tenha sido alvo de grandes ambições, considerado próspero e a árvore dos frutos de ouro durante muito tempo. A importância do produto foi tão evidente que, não raro, encontramos expressões regionais referindo-se ao cacau como moeda forte. Lamentavelmente, hoje o quadro do setor apresenta-se bem adverso, e o governo vem realizando todos os esforços possíveis para mudá-lo.

O que temos de encarar é o momento circunstancial, porque se compararmos a produção da década de 80, que chegou a 400 mil toneladas anuais de cacau, com uma produção estimada em 124 mil toneladas para a safra 99/2000, insuficientes, inclusive, para atender à indústria de processamento nacional, é fácil concluir que o quadro que se apresenta é, no mínimo, desolador. Mas se levarmos em consideração que a atividade envolve atualmente 46 mil produtores numa área superior a 650 mil hectares, com investimentos em infra-estrutura no setor primário em torno de R\$ 2,5 bilhões, e processamento superior a 215 mil toneladas anuais do produto, temos a outra face da moeda, que demonstra o elevado grau de importância econômica e social que o cacau representa no País.

Sem dúvida, a cacauicultura nacional é um dos setores agrícolas que requerem, no momento, grande atenção do governo federal, e ele não ignora esta posição. Os seus esforços em recuperar a cacauicultura, através do Ministério da Agricultura com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), têm sido



Hilton Kruschewsky Duarte é diretor da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac)

Divulgação

intensificados a cada dia. Desde o aparecimento da vassoura-de-bruxa em 1989, principal doença, responsável pela queda de 70% na produção nacional do cacau, o que acarretou sérias conseqüências sócio-econômicas às regiões cacaueiras, nós reorientamos os trabalhos da entidade para encontrar tecnologias capazes de controlá-la.

O órgão foi criado em 1957, para atuar em todos os níveis da cadeia produtiva, com o objetivo de assistir ao agricultor prestando serviços na áreas de pesquisa, ensino profissionalizante, extensão rural e associativismo. E desde sua criação tem levado bastante benefícios ao setor. A Ceplac é administrada por sua diretoria em Brasília e atende a todos os produtores através de suas superintendências regionais do Espírito Santo, Bahia, Amazônia Ocidental e Oriental, que assistem também aos produtores do Mato Grosso, Pará, Rondônia e Amazonas. Elas possuem serviços de pesquisa, extensão e assistência técnica, mantendo 16 estações experimentais distribuídas pelas regiões cacaueiras, 101 escritórios, 19 laboratórios, 5 Escolas Médias Agropecuárias com cursos de agri-

mensura, agropecuária, tecnologia de alimentos, economia doméstica, entre outros.

Mantemos também parcerias com várias entidades nacionais e internacionais. Uma que vale destacar, em especial, foi realizada com o governo baiano, Credicoograp e Coograp, para controle da doença. Ela permitiu a implantação da Biofábrica, onde hoje são clonadas e multiplicadas plantas em larga escala com enxertia, assegurando ao produtor a identidade genética e renovação dos seus cacauzeiros com plantas resistentes à doença. A Biofábrica foi fundada em 1999, em Ilhéus, pelo governo baiano, onde foram investidos R\$ 3 milhões.

Mas não só a doença afeta o setor. O cacau no Brasil atravessa problemas muito sérios, dentre os quais: baixos preços internacionais, elevados custos nos financiamentos, acúmulo de dívidas junto ao sistema financeiro, elevação dos custos de

produção face ao aparecimento da já mencionada doença vassoura-de-bruxa, taxa de câmbio com sobrevalorização da moeda nacional, que aconteceu até janeiro de 1999, discriminação dos produtos brasileiros na União Européia através de taxas "ad-valorem", elevado "custo Brasil", entre outros.

Não é fácil às autoridades brasileiras reverter o atual quadro, mas é um objetivo possível, que estamos perseguindo. Assim como a soja e o trigo são de fundamental importância para a economia agrícola do sul do país, o cacau é para o norte e nordeste, por, dentre outros, os motivos aqui colocados. Uma ação do governo que poderá fortalecer e dar um impulso ao setor cacaueiro e, em especial, às pesquisas é a reorientação institucional da Ceplac. Sou a favor das mudanças, pois significam para a Ceplac maior autonomia administrativa, permitindo seu próprio plano de cargos e salários e mais agilidade no atendimento aos nossos clientes. Com certeza a lavoura cacaueira só tem a ganhar com as novas medidas, pois o nosso objetivo é desenvolver o setor, e acreditamos que podemos reverter o atual quadro de produção do cacau no País. 

A SLC - John Deere revolucionou o mercado de tratores agrícolas. A aplicação da mais avançada tecnologia do mundo garante a máxima produtividade e durabilidade com conforto e segurança. Equipados com motores John Deere, garantem alta eficiência e menor custo de manutenção. Se você quer uma lavoura mais lucrativa, compre logo o seu trator SLC - John Deere.



ESCALA

Tratores SLC - John Deere. A melhor tecnologia do mundo em suas mãos.



Sistemas Mecanizados SLC-John Deere



Quem tem New Holland está produzindo cada vez melhor.

Se você ainda não tem, o momento é agora.



8,75% ao ano.

Juros de apenas 8,75%*aa, 6 parcelas anuais para tratores, 8 parcelas anuais para colheitadeiras.

Onde tem agricultura tem New Holland. E se a sua fazenda ainda não tem, aproveite esta oportunidade para adquirir as máquinas que conquistaram o produtor brasileiro com sua eficiência, tecnologia e produtividade.

O seu concessionário New Holland tem a máquina sob medida para a sua necessidade, com juros e prazos especiais, sem aumento e sem surpresas. E você ainda conta com toda a assessoria do banco da

New Holland, para agilizar a aprovação do seu crédito.

Não perca esta chance.

Quem renova com a New Holland produz mais e melhor.



**Onde tem agricultura
tem New Holland.**

*Para produtores com renda anual de até R\$ 250.000,00, juros de 8,75% aa, renda anual acima de R\$ 250.000,00, juros de 10,75% aa. O Finame é exclusivo para máquinas de fabricação nacional. Informe-se também sobre nossas demais modalidades de financiamento. Foto meramente ilustrativa.



NEW HOLLAND